



VERSATILIDADE À TODA PROVA

AMPLIFICADOR INTEGRADO ANTHEM STR

ANO 23
NOVEMBRO 2018

246

EDITORIA
AVMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

UM ULTIMATO NA BUSCA DA CAIXA DEFINITIVA CAIXA ACÚSTICA NEAT ULTIMATUM XL6

E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

CABO ORTOFON REFERENCE BLACK
CABO DE FORÇA MAGIS AUDIO
FORCE ONE

ENTREVISTA

MARCELO JAFFÉ

OPINIÃO

OS 'INTOCÁVEIS'



**MUSICIAN: ROMANTISMO - NACIONALISMO
NA MÚSICA III - ESCOLAS INGLESA E FRANCESA - VOL. 9**

PREPARE SEUS SENTIDOS
PARA UMA EXPERIÊNCIA QUE VOCÊ
JAMAIS VIU OU OUVIU ANTES.

TALENT MARCEL



TCL QLEDTV

4K ULTRA HD
3840x2160 PixelsHDR
PREMIUM

harman/kardon®

DOLBY ATMOS

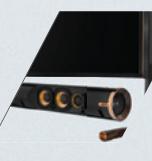
360° ALL IN
ONE DESIGN

androidtv

NETFLIX

A TV TCL XESS X6 4K UHD QLED
é uma TV Premium, perfeita para quem
está em busca de tecnologia de ponta.

Prepare seus sentidos para uma
experiência completamente imersiva.



DOLBY ATMOS

SISTEMA DE SOM
HARMAN KARDON
7.1.4DESIGN
PARA QUALQUER
AMBIENTECOMBINAÇÃO
PERFEITA
ENTRE METAL
E MADEIRA

ÍNDICE



CAIXA ACÚSTICA NEAT ULTIMATUM XL6

34

E EDITORIAL 4

O jazz de luto

● NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

● HI-END PELO MUNDO 12

Novidades

● ENTREVISTA 14

Marcelo Jaffé,
Violista e apresentador

● OPINIÃO 18

Os 'Intocáveis'

● OPINIÃO 24

Médios naturais e verossímeis.
Será que os temos?

● OPINIÃO 28

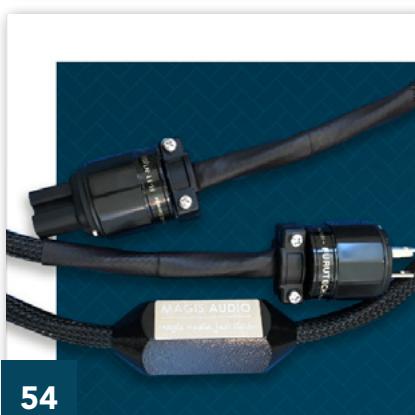
O sutil equilíbrio entre a transparência,
a inteligibilidade e a musicalidade



42



50



54

▲ TESTES DE ÁUDIO

34

Caixa acústica Neat Ultimatum XL6

42

Amplificador integrado
Anthem STR

50

Cabo de interconexão
Ortofon Reference Black

54

Cabo Magis Audio Force One

● DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: o Pós-Romantismo
na Inglaterra e França

58

Bibliografia: Romantismo -
Nacionalismo na Música III -
escolas Inglesa e Francesa

70

Romantismo - Romantismo -
Nacionalismo na Música III -
escolas Inglesa e Francesa - Vol. 9

74

□ ESPAÇO ABERTO 78

Meu pai escuta CDs, por que
eu faria isso?

□ VENDAS E TROCAS 80

Excelentes oportunidades
de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O JAZZ DE LUTO

Todos que amam este gênero musical, certamente foram pegos de surpresa no começo deste mês ao lerem a notícia do falecimento do trompetista Roy Hargrove aos 49 anos de idade, após complicações renais. Em 26 de julho ele realizou sua última apresentação ao vivo, no Jazz Festival em Marselha, e estava em turnê pela Europa há quase um ano. Roy tinha planos de lançar mais um trabalho para o próximo ano, com seu quinteto. Nascido no Texas, foi descoberto por Wynton Marsalis em uma visita que fez ao colégio que Roy estudava, em Dallas. Wynton ficou impressionado com sua técnica e com seu amor pela música, e tornou-se o seu tutor e o encorajou a se profissionalizar, indicando-o para se apresentar nos inúmeros festivais de verão na Europa. Aos 25 anos já era um músico reconhecido e admirado por uma legião de músicos no mundo todo. Sua técnica aliava notas limpas, bom gosto e uma fonte inesgotável de recriar baladas. Hargrove lançou 15 discos e tocou com Marsalis, Herbie Hancock, Joe Henderson, Joshua Redman, Stanley Turrentine, Justin Robinson e muitos outros grandes músicos. Foi ganhador duas vezes do prêmio Grammy, em duas categorias distintas: Melhor Performance de Jazz Latino, com o disco *Habana* de 1998, e como Melhor Instrumental de Jazz, com *Directions in Music*, em 2003. Tenho seis discos dele, e o que sempre me chamou a atenção foi sua versatilidade em transitar em todos as tendências, do jazz tradicional ao jazz contemporâneo, e sua capacidade e bom gosto em utilizar poucas notas para expressar suas ideias. Mas ele certamente será lembrado no futuro pela sua genialidade em 'recriar' baladas. Roy dizia que uma balada é como uma fotografia, congelando para a eternidade um determinado momento. E ao tocar esses standards, seu objetivo era dar ao ouvinte não só sua interpretação como

também a maneira que aquela melodia o tocava emocionalmente. Nesta seara ele apresentava todo o seu talento, levando-nos a perguntar como ninguém jamais havia feito aquela leitura antes? Ele recriava cada balada como se fosse uma composição sua. Esse enorme talento mostrava toda a sua paixão pela música que, segundo ele, foi crucial para seguir a carreira e perder a timidez. Aos nossos leitores que não conhecem o trabalho de Roy Hargrove, eu indico este belo disco gravado em 2007, e lançado no início de 2008, com seu quinteto - *Earfood* - dedicado à memória de seu amigo Bob Popescu (1930-2008). Um disco que apresenta toda sua versatilidade, qualidade de compositor e técnica instrumental. E coloco para você ouvir, amigo leitor, sua versão da famosa balada *Speak Low*, de Kurt Weill e Ogden Nash, que na minha humilde opinião é a releitura mais bela e perfeita desta melodia.

Espero que você curta !



ASSISTA AO VÍDEO,
CLICANDO NA IMAGEM.

Speak Low
Roy Hargrove
Earfood



Motive SX2

Os alto-falantes da Neat Acoustics são concebidos para permitir que os amantes da música experimentem toda a emoção e o propósito da música gravada. Isto é conseguido ao eliminar o artifício inerente à cadeia de gravação / reprodução e revelar a essência da mensagem musical. Os designers da Neat trabalham do ponto de vista de um ouvinte, tocando muitos tipos diferentes de música. O design é gradualmente moldado por um processo interativo, ajustando e afinando, e julgando os resultados em uma base puramente musical.

Grande cuidado é tomado com a escolha e desenvolvimento de todos os componentes usados em alto-falantes Neat. Quando apropriado, peças OEM são usadas, às vezes de forma modificada. Outras peças são fabricadas pela própria Neat ou por empresas especializadas, que produzem de acordo com nossas especificações.

Ultimatum XL6



neat
acoustics

Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br



SAMSUNG DECLARA O #FIMDATELAPRETA EM CAMPANHA SOBRE AS NOVAS QLED TVs



Para comunicar o exclusivo Modo Ambiente presente nas novas QLED TVs 2018, a Samsung lança a campanha “#fimdatelapreta”, que reforça os conceitos da marca e quebra paradigmas com os consumidores ao mostrar que a QLED pode ser muito mais que apenas uma TV. O filme será veiculado em canais de TV aberta e fechada, além de inserções em salas de cinema, até o dia 31 de outubro. A campanha conta ainda com mídia impressa e OOH.

Produzido pela Cheil Brasil, o vídeo de 30 segundos teve seu teaser exibido no dia 07 de outubro, em horário nobre, uma semana antes da campanha, decretando o fim da tela preta nos televisores. O objetivo do teaser foi chamar a atenção do público para o filme completo que estava por vir e gerar comentários nas redes sociais. Nos principais canais de TV fechada tanto o teaser, quanto o filme de 30 segundos foram veiculados de forma simultânea, gerando ainda mais impacto para a mensagem do #fimdatelapreta. A peça publicitária coloca uma consumidora em frente a uma TV e ela faz um movimento como se estivesse jogando fora a tela preta, mostrando em seguida toda a integração da TV com o ambiente.

Com a chegada das novas QLEDs ao Brasil, a Samsung tem como objetivo mostrar que uma TV pode desaparecer na decoração quando desligada. Esse recurso exclusivo e inovador aumenta

o leque de possibilidades para o consumidor decorar a sua sala e até oferecer ao arquiteto infinitas maneiras de criação de novos espaços, integrando o televisor com o local onde ela estiver instalada. Desde informações sobre o clima com um relógio estilizado até um grid com as suas fotos favoritas, a QLED replica o mesmo desenho da parede, incorporando mais design e estilo ao ambiente.

“Ao decretar o fim da tela preta, a Samsung atende as necessidades dos consumidores que sempre buscaram por uma TV que se integrasse à decoração da sua casa e ao seu estilo de vida. Com essa campanha, queremos mostrar que os usuários podem imprimir sua personalidade no ambiente, com texturas pré-definidas ou até mesmo com a textura já existente na sua decoração, tudo para deixar a sua casa ainda mais criativa e moderna”, comenta Bertha Fernandes, Gerente de Marketing das áreas de TV e Áudio e Vídeo da Samsung Brasil. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

NOVAS SAMSUNG QLED TVs 2018 CONTAM COM 10 ANOS DE GARANTIA CONTRA O EFEITO BURN-IN E OFERECEM MUITOS BENEFÍCIOS AOS GAMERS



A categoria QLED TV da Samsung, além da incrível qualidade de imagem graças à tecnologia de pontos quânticos e 4K HDR, oferece performance surpreendente para games. As QLEDs são a primeira TV do mercado com a tecnologia Freesync (VRR) e ainda possui o Modo Game Automático que diminui o tempo de resposta da TV automaticamente para 15,4ms, assim que o console é ligado. Todas os televisores desta categoria ainda contam com 10 anos de garantia contra o efeito burn-in, afirmando o compromisso da Samsung com o público gamer, que poderá jogar por longos períodos, sem a preocupação de manchas permanentes na tela.

O burn-in acontece quando uma imagem é exibida durante longos períodos de tempo e de maneira estática na tela de uma TV. Eventualmente os pixels “queimam”, daí vem a origem da palavra da “burn-in”, carregando então o mesmo detalhe residual para toda e qualquer imagem a ser exibida na tela.

TVs que fazem uso de materiais orgânicos para formação das suas imagens possuem maiores riscos de burn-in, tendendo então a se depreciar mais rapidamente com o tempo.

Isso pode acontecer com um usuário que joga diversos games de esporte, por exemplo, em que o placar e os nomes dos atletas ficam no mesmo lugar a maior parte do tempo, ou mesmo em jogos de luta, com o medidor de vida sempre na mesma posição. Com as QLED TVs, a garantia oferecida pela Samsung protege o consumidor desse efeito.

“Ao oferecer uma garantia de 10 anos contra o efeito burn-in, o consumidor tem a certeza que com as QLED TVs ele não precisa limitar suas partidas, podendo se divertir por longas horas, seja de um jogo de corrida ou de luta, e ter sempre a melhor qualidade de imagem, com cores brilhantes e vívidas por muitos anos. Esta garantia é fundamental para quem busca proteger seu investimento a médio-longo prazo”, conclui Erico Traldi, Diretor Associado de produto das áreas de TV e Áudio e Vídeo da Samsung Brasil. ■

- Q6FN 49" (QN49Q6FNAGXZD): R\$ 4.999
- Q6FN 55" (QN55Q6FNAGXZD): R\$ 6.199
- Q6FN 65" (QN65Q6FNAGXZD): R\$ 10.599
- Q7FN 55" (QN55Q7FNAGXZD): R\$ 8.099
- Q7FN 65" (QN65Q7FNAGXZD): R\$ 14.999
- Q7FN 75" (QN75Q7FNAGXZD): R\$ 31.999
- Q8CN 65" curva (QN65Q8CNAGXZD): R\$ 17.999
- Q9FN 75 (QN75Q9FNAGXZD)": R\$ 41.499

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

LG APOSTA NO MERCADO DE CAIXAS DE SOM BLUETOOTH® E APRESENTA NOVIDADES EM SUA LINHA DE ÁUDIO E VÍDEO



A LG Electronics do Brasil apresentou, durante a última edição da Eletrolar Show, seus lançamentos de áudio, com destaque para a grande aposta da marca, na categoria de Caixas de Som Bluetooth®. Outras novidades incluem itens como Sound Bars, Mini Systems e Mini Systems Torre, além de uma Caixa Acústica - categoria inaugurada dentro do portfólio da empresa. Todos os produtos oferecem alta qualidade sonora, com features que os proporcionam as melhores experiências ao consumidor - seja na hora de ver filmes em casa, de realizar encontros com amigos ou até em festas e comemorações.

Atenta às principais demandas de seus consumidores, a LG apresentou três modelos de Caixas de Som Bluetooth®: PK7, PK5 e PK3 - todos com entrega de máxima qualidade sonora, graças à uma parceria da empresa sul-coreana com a fabricante de componentes e sistemas sonoros MERIDIAN, conhecida por seus produtos de alta performance e qualidade. Trata-se da marca responsável, por exemplo, pela confecção dos sistemas de áudio de carros de luxo como a Land Rover e a McLaren. A MERIDIAN realiza, dessa forma, o ajuste sonoro e afinação dos Caixas de Som Bluetooth® da LG, garantindo uma experiência completa ao consumidor, com áudio de alta fidelidade. Os modelos PK7 e PK5 ainda são resistentes à água e o PK3 é à prova d'água, facilitando o transporte e uso em diversos ambientes.

Os demais lançamentos incluem três modelos de Sound Bars - SK9, SK6R e SK6 - três modelos de Mini Systems - CK99, CK56 e CK43 - três modelos de Mini Systems Torre - OK99, OK75 e OK55 - e um novíssimo modelo de Caixa Acústica, o FJ7, que também inaugura a categoria no portfólio da empresa. “Os lançamentos ajudam a reforçar a liderança da LG no mercado de áudio, mostrando que a empresa está sempre de olho em atender às principais demandas dos consumidores, oferecendo o que há de melhor em qualidade de som, para proporcionar verdadeiras experiências ao público”, afirma Rodrigo Berti, especialista de produto de Áudio & Vídeo da LG, no Brasil. Veja, abaixo, as principais características dos produtos, assim como suas respectivas datas de lançamento:

Caixas de Som Bluetooth®:

As novas Caixas de Som Bluetooth® da LG oferecem máxima qualidade sonora, graças à parceria da LG com a MERIDIAN - marca responsável pelo ajuste sonoro e afinação do produto. Os itens ainda são fáceis de transportar e podem ser utilizados em uma variedade de ambientes, por serem resistentes à água, perfeitos para uso em casa ou em pequenas reuniões com amigos. Os produtos chegam às lojas em agosto e estão disponíveis em três modelos: ➔

PK7

- Máxima qualidade sonora, com ajuste de som e afinação feitos pela MERIDIAN
- Vozes Claras e Graves Extremos
- Resistente à água
- Comando de voz e viva-voz integrado
- Luzes multicoloridas com LED
- X-Flash: barra de luzes multicoloridas, localizada nas extremidades do produto, potencializando a iluminação

Preço sugerido: R\$ 1.299



PK5

- Máxima qualidade sonora, com ajuste de som e afinação feitos pela MERIDIAN
- Vozes Claras e Graves Extremos
- Resistente à água
- Comando de voz e viva-voz integrado
- Luzes multicoloridas com LED

Preço sugerido: R\$ 999



PK3

- Máxima qualidade sonora, com ajuste de som e afinação feitos pela MERIDIAN
- Graves extremos
- À prova d'água
- Comando de voz e viva-voz integrado

Preço sugerido: R\$ 699

Sound Bar



SK9

Com 500 W de potência, o Sound Bar da LG, modelo SK9, oferece uma experiência sonora com máximo realismo, envolvendo o usuário por todos os lados, graças à avançada tecnologia Dolby Atmos™, ideal para ser utilizado junto com a linha de LG OLED TVs. O produto possui 5.1.2 canais e ainda é extremamente prático, proporcionando mais conveniência ao consumidor, por conta do recurso de Subwoofer Wireless - que garante um ambiente mais elegante à casa, livrando-se de fios indesejáveis. O produto chega às lojas em agosto deste ano.

Preço sugerido: R\$ 3.799



SK6R

Com 500 W de potência e 4.1 canais, o Sound Bar da LG, modelo SK6R, é inovador e único no mercado, porque oferece uma experiência sonora que se aproxima à de um Home Theater - tudo isso graças às suas caixas traseiras, que proporcionam mais potência e canais de áudio. Com o recurso de Subwoofer Wireless, o produto garante um ambiente mais elegante e sofisticado, livrando-se de fios indesejáveis. Trata-se de um produto desenvolvido depois que a LG identificou uma demanda no mercado brasileiro e, mais uma vez, reforçou sua liderança ao apresentar um item que proporciona a melhor experiência sonora, perfeito para ser utilizado junto com as TVs Super UHD da marca. O produto chega às lojas em novembro deste ano.

Preços sugerido: R\$ 2.499



SK6

Com potência de 360 W e 2.1 canais, o Sound Bar da LG, modelo SK6, proporciona alta qualidade sonora, amplificando o som da TV, em casa. Atenta às particularidades do mercado, a LG desenvolveu um software especificamente para o produto no Brasil - dessa forma, o som do SK6 atende especialmente ao gosto e preferências dos consumidores brasileiros, na hora de ouvir músicas e ver filmes. O produto ainda é extremamente prático, proporcionando mais conveniência ao usuário, por conta do recurso de Subwoofer Wireless - que garante um ambiente mais elegante à casa, livrando-se de fios indesejáveis. O produto chega às lojas em agosto deste ano.

Preço sugerido: R\$ 1.699



NOVIDADES

Mini System



CK99

O CK99 é um modelo desenvolvido para quem deseja criar verdadeiras festas, com os amigos, oferecendo alta qualidade de som e graves perfeitos - graças aos seus dutos internos, que minimizam a vibração sonora. Trata-se do Mini System mais potente do mercado, atualmente, com 4100 W RMS. Além disso, o produto vem com recursos como o Show de Luzes - que projeta luzes coloridas e ilumina a parte de trás do aparelho - e um novo Main Set, inspirado nas mesas de DJ Profissional - que adiciona até cinco efeitos às músicas (Flanger, Phaser, Chorus, Delay e Scratch), de forma manual, graças ao DJ Effect. Além de permitir a inserção de vozes pré-estabelecidas, com o DJ Pro, e a reprodução de músicas sem intervalos, com o Auto DJ. O produto chega às lojas no final de agosto deste ano.

Preço sugerido: R\$ 4.999

CK56

O CK56 possui potência de 620W RMS e é perfeito proporciona verdadeiras experiências, em festas com amigos, graças à recursos como suas Luzes Multicoloridas - que criam ambientes ainda mais divertidos e animados. Além disso, o produto ainda possui um Main Set com design diferenciado, inspirado nas mesas de DJ Profissional, e também pode ser conectado às TVs LG, por conta do TV Sound Sync Wireless, que ajuda a potencializar o som o televisor. Para uma experiência mais interativa, é possível conectar até três dispositivos móveis, ao mesmo tempo, por meio do recurso Multi Bluetooth® - tudo para atender às demandas dos consumidores da melhor forma. O produto chega às lojas no final de setembro deste ano.

Preço sugerido: R\$ 1.299

CK43

O CK43 é um modelo de Mini System projetado para proporcionar as melhores experiências aos consumidores, perfeito para ser usado dentro de casa, com potência de 220 W RMS. Com recursos como o Multi Bluetooth®, que permite a conexão de até três dispositivos móveis, ao mesmo tempo, o produto oferece ainda mais interatividade aos usuários. Além disso, ele possui um Main Set com design diferenciado, inspirado nas mesas de DJ Profissional, e vem com o TV Sound Sync Wireless, que ajuda a potencializar o som de televisores, permitindo a conexão entre as TVs da LG e o Mini System. O produto chega às lojas no final de setembro deste ano.

Preço sugerido: R\$ 749

Mini System Torre

Os novos Mini Systems Torre da LG vêm nos modelos OK99, OK75 e OK55, todos pensados para oferecer alta qualidade de som aos usuários, além de proporcionar experiências únicas - que criam verdadeiras festas nos ambientes. Com o divertido Efeito Turbo, os produtos simulam efeitos sonoros como de um avião, um carro, um carro de corrida ou até uma moto. Além disso, todos eles são fáceis de transportar e criam verdadeiros efeitos visuais, com o recurso de Iluminação Dupla de LED nos modelos OK99 e OK75 - com luzes vermelhas e azuis, para uma festa mais animada - e as Luzes Multicoloridas, no modelo OK55. Os produtos chegam às lojas no final de agosto deste ano.



Preço sugerido:

- OK99: R\$ 2.799
- OK75: R\$ 1.999
- OK55: R\$ 1.499



Caixa Acústica

A Caixa Acústica FJ7, novidade no portfólio da LG, oferece recursos como o Multi Bluetooth®, que permite a conexão de até três dispositivos móveis, ao mesmo tempo, para maior integração e conectividade. Além de ser fácil de transportar, uma vez que possui alças e rodas, que o tornam ainda mais prático. O produto chega às lojas em novembro deste ano. ■

Para mais informações:

LG

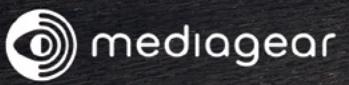
www.lg.com/br

PEQUENA NOTÁVEL



Studio, a nova linha
premium Monitor Audio.

 MONITOR AUDIO

 mediagear

mediagear.com.br



PRÉ-AMPLIFICADOR CHORD ELECTRONICS ULTIMA

A inglesa Chord Electronics está lançando seu pré-amplificador topo de linha modelo Ultima, uma solução desenvolvida para não haver gargalos ou compromissos. O Ultima é um design dual-mono, com fontes de alimentação com resposta de frequência ultra-alta e piso de ruído inferior à -135 dB. Vem equipado com três saídas XLR e três RCA, e quatro entradas XLR e quatro RCA com ajuste independente de ganho. Com 35 cm de altura e pesando 30 kg, o pré Chord Ultima vêm com uma etiqueta de preço de £30,000, no Reino Unido.

www.chordelectronics.co.uk

CÁPSULA VAN DEN HUL COLIBRI XGW SIGNATURE STRADIVARIUS

A célebre empresa holandesa do projetista A.J. van den Hul acaba de lançar uma nova versão de sua cápsula topo de linha, a Colibri versão XGW Signature Stradivarius, que tem um corpo de Pau-Brasil - madeira muito usada para arcos de violino - e usa o chamado 'Tratamento Stradivarius', onde o corpo da cápsula é recebe um verniz especial em 3 camadas. A nova Colibri XGW tem 1.1 mV de saída (extremamente alto pra uma MC), bobinas de fio de ouro 24 quilates e usa um diamante perfil vdH tipo 1s. O preço da nova Colibri é de £7450, na Europa.

www.vandenhul.com



MUSIC SERVER HOST II DA CLONES AUDIO

A empresa de Hong Kong Clones Audio acaba de lançar seu novo modelo de Music Server, o HOST II, que vem equipado com processador Intel i7, fonte linear de alimentação, sistema operacional Linux com ROON Server, armazenamento SSD, conexões LAN Gigabit Ethernet e USB, entre outras. O HOST II tem dois anos de garantia, pesa 4.3 kg e vem com uma etiqueta de preço de HK\$ 28.780, em Hong Kong.

www.clonesaudio.com



FONES DE OUVIDO EMPYREAN DA MEZE AUDIO

Célebre fabricante romeno de fones de ouvido, a Meze Audio acaba de anunciar seu novo modelo topo de linha, o Empyrean, que é um design aberto, com estrutura de alumínio e com um array de drivers isodinâmicos híbridos com magnetos de neodí-mio. O Empyrean representa toda a experiência da Meze no desenvolvimento de fones magneto-planares, em um design sem compromissos de custos, material ou tecnologia. O preço do Empyrean está estimado em US\$ 3.000.

www.mezeaudio.com

MUSIC PLAYERS CARY AUDIO DMS-550 E 600

A empresa americana Cary Audio lançou dois modelos de network music players: DMS-550 e DMS-600, sendo que o primeiro vem equipado com um chip-DAC AK4493EQ e amplificador de fone de ouvido discreto, e o segundo com o chip-DAC AK4497EQ e sem amplificador de fones. Ambos trazem Bluetooth aptX, decodificação MQA, conversão de PCM até 768 kHz, Wi-Fi, USB, entrada para cartão SD, entradas S/PDIF, arquitetura balanceada com saídas XLR e RCA, além de ROON e Qobuz, e operação por aplicativos iOS/Android. O preço do DMS-550 é de US\$ 5.495, e o do DMS-600 é de US\$ 6.995, nos EUA.

www.caryaudio.com



CAIXAS ACÚSTICAS CÉSAR DA ADVANTAGES AUDIO

O projetista Frank Tchang, da ASI Liveline e ASI Resonators, está lançando, através de sua marca Advantages Audio, as caixas acústicas modelo César, um design omnidirecional que utiliza duas lentes reflexivas simétricas, dando dispersão de 360 graus para dois full-ranges de 5 polegadas de alnico. A parte de baixo vem equipada com um woofer de 10 polegadas, provendo uma resposta de frequência de 25 Hz a 20 kHz, com uma sensibilidade de 90 dB/1w/m. O preço do par de César é de €13000, na Europa.

www.asi-resonators.com



ENTREVISTA

22
ANOS
AVMAG

MARCELO JAFFÉ, VIOLISTA E APRESENTADOR



Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br



Marcelo Jaffé



Nascido em São Paulo, em 1963, Marcelo Jaffé iniciou os estudos de violino com seu pai, Alberto Jaffé, aos seis anos de idade, participando logo depois de conjuntos infantis de música de câmara e em seguida ganhando o Concurso Estadual da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, em 1970. No mesmo ano começou a apresentar o programa 'Música Pró Música', da TV Tupi, no Rio de Janeiro, até 1972.

Em 1977, em Brasília, Marcelo Jaffé optou pela viola, e passou a dedicar-se ao estudo do instrumento, ainda sob a orientação de seu pai, chegando às finais do Concurso Jovens Instrumentistas da Rede Globo; no mesmo ano, ganhou o primeiro prêmio do Concurso Nacional de Música de Câmara da Universidade de Brasília como violista em um quinteto de piano e cordas. Em 1981, passou a integrar a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) como violista profissional e venceu o Concurso Jovens Solistas. No ano seguinte foi convidado a fazer parte do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, do qual se afastou temporariamente para cursar a Universidade de Illinois, nos EUA. Marcelo Jaffé é violista do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, professor de viola no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e apresentador da Rádio e Televisão Cultura.

O que o levou à música e como foi formar-se músico no Brasil? Como foi seu início de carreira?

Meus pais são músicos, ele violinista e minha mãe pianista. Os dois se conheceram em um Festival de Música na Bélgica e se tornaram parceiros no palco. Mais tarde, naturalmente, se casaram, portanto comecei a viver a música antes de nascer, de certa forma. Quando tinha cerca de cinco anos meu irmão pediu um violoncelo, inspirado em Iberê Gomes Grossi, que tocava trio com meus pais. Para não ficar para trás, pedi um violino, e assim começou minha carreira. A maior parte da minha formação inicial se deu em casa e em cursos e festivais de música. Frequentei a Universidade de São Paulo e depois a Universidade de Illinois, nos EUA.

Como se deu sua entrada para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo? Fale um pouco sobre a história e a importância do grupo.

Entrei para o Quarteto pela primeira vez aos 18 anos, convidado por Maria Vischnia e Zygmunt Kubala, pois o violista George Kiszely teve um problema de saúde e precisou ser substituído. O Quarteto fazia parte do meu universo de estudante, tinha assistido diversos concertos ainda com a outra formação: Gino, Schaffman, Oelsner e Corazza. Fundado em 1935, com muita tradição, prêmios, obras dedicadas e viagens, era e provavelmente ainda é o grupo de câmara mais importante do País. Depois de um período estudando nos EUA, voltei definitivamente ao Quarteto em 1985.

Conte-nos sobre a sua participação em vários grupos de câmara e orquestras.

Com seis anos de idade, ganhamos uma menção honrosa no Concurso do Estado da Guanabara com um conjunto de crianças, depois comecei a tocar em orquestras e grupos de câmara, infantis e/ou amadores. Com dez anos tocava na Orquestra Sinfônica da Universidade Gama Filho, sob regência de Isaac Karabtchevsky, me apresentando com o grupo no Projeto Aquarius, para milhares de pessoas. Com 12 anos era o spalla da Orquestra do SESI de Fortaleza. Mais tarde, aos 14 anos, fazia parte de um quarteto de cordas premiado em concursos, e entrei na Sinfônica de Brasília. Com 15 anos, já em São Paulo, tocava Cantatas de Bach aos domingos em uma orquestra de câmara dirigida por Martinho Lutero, e com 16 anos fiz meus primeiros cachês com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, onde fui contratado no ano seguinte. Sem falar em cursos de férias e festivais de música, que frequento desde os seis anos de idade.

Além de educador formal, você também é conhecido por seu empenho na educação musical informal, na educação da plateia de concerto. Como isso ocorreu?

Minhas primeiras experiências com o assunto da educação através da música se deram quando atuei como apresentador de um programa de televisão, o 'Música Pró Música', na TV Tupi, no Rio de Janeiro. Eu tinha sete anos e o programa durou três temporadas. Mais tarde, participei do Método Jaffé, criado por meus pais, que consistia em um curso coletivo para instrumentistas de cordas. Durante os concertos, diversos integrantes da orquestra conversavam com o público sobre as peças do repertório. Eu era um deles. Quando comecei a dar aulas de viola em festivais e cursos, percebi que existia uma lacuna na formação dos estudantes em história da música, além de estudantes de artes plásticas e dança, e organizei cursos desta matéria para eles. Depois vieram convites para espetáculos com obras gravadas, apresentações no Parque do Ibirapuera, concertos e recitais comentados (do Quarteto, inclusive).

Paralelamente ao trabalho como músico, existe a figura do Marcelo Jaffé apresentador da Rádio e TV Cultura, e como Mestre de Cerimônias de eventos. Qual fala mais alto: o músico ou o educador? Fale-nos um pouco sobre esses papéis.

O trabalho na Rádio e Televisão Cultura de certa forma é uma consequência de todos os espetáculos comentados. Sempre é interessante ter um profissional da área para falar sobre determinados assuntos. Tocar e falar sobre música são atividades complementares. Os dois acabam falando mais ou menos da mesma 'altura'. ▶

**Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo**

Você tem participado de uma grande variedade de festivais de música no Brasil e no exterior. Esse cenário tem crescido muito ou não o suficiente?

No exterior, em Países com tradição em música, existe hoje uma crise no mundo da música de concerto, em quase todos os níveis. Isto se dá especialmente por problemas econômicos. No Brasil a situação é inversa, estamos de certa forma descobrindo este mercado e o organizando. Há pelo menos 20 anos aumenta regularmente a oferta para eventos de música, desde conservatórios, orquestras jovens, cursos e festivais, além de orquestras semi e profissionais. Mais e mais jovens se dedicam ao estudo de música. O projeto da OSESP tem participação determinante nesse crescimento. Como em muitas carreiras, nosso País ainda é carente em diversos aspectos da estrutura dessa profissão, mas a tendência é de crescimento.

Conte-nos sobre suas participações em gravações. Há planos para gravar o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo?

Participo de gravações de todos os estilos de música há muitos anos. Estou presente em projetos com repertório que vai desde Villa-Lobos até Waldick Soriano, passando por Camargo Guarnieri, Tom Jobim, Tato Taborda, Edward Elgar, Henrique Oswald e muitos outros. Isso ajuda demais a desenvolver uma visão ampla de música, com menos rótulos. Existem projetos para gravações com o Quarteto aguardando apenas os desfechos burocráticos.

Fale-nos um pouco sobre a música de câmara brasileira, inclusive a contemporânea. Procura-se apresentar e gravar esse repertório?

Desde antes de Carlos Gomes se faz música de câmara no Brasil. Uma parte significativa desse repertório começa a ser descoberto e apresentado com mais frequência, graças a trabalhos de pesquisa e editoração de partituras. Compositores do fim dos séculos 19 e 20 são mais tocados e gravados do que jamais foram. Existe hoje mais facilidade para produzir um disco, e também para usar a internet. Os compositores contemporâneos estão investindo muito mais em arquivos sonoros.

Como parte do Theatro Municipal de São Paulo, como você vê a criação da Fundação e as reestruturações que incluem o maestro John Neschling como diretor artístico?

Existe uma necessidade de modernização nos modelos de gestão de toda a coisa pública no País, não sendo exceção o caso do Theatro Municipal. Se este modelo é o ideal, ainda temos dificuldade de avaliá-lo por completo, diante de resultados dispareus e, relativamente, devido ao pouco tempo. Mas o projeto da OSESP, em um modelo semelhante idealizado por Neschling, certamente deu certo, e esta é a expectativa em relação à Fundação Theatro Municipal.

Como o Marcelo Jaffé vê o seu futuro?

Como diz o ditado, 'O futuro a Deus pertence'.

A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

Minha história com o V8 é antiga. Conheci o V8 MKI na casa de um amigo, gostei bastante e acompanhei o crescimento de seu sistema com diversos upgrades em volta. Tempos depois, numa troca recebi um MK II no qual acabei atualizando para MKIII, onde o ganho foi grande em muitos aspectos e valeu cada centavo.

Comprei um toca-discos e levei para o Ulisses regular. Ao buscar e ouvi-lo no seu sistema com caixas do mesmo fabricante que as minhas, casou perfeitamente. Era um caminho sem volta.

Encomendei um! Que sensação falar diretamente com o fabricante, com possibilidade de personalizar, futuros upgrades e principalmente a garantia de reparo, sem qualquer dor de cabeça.

Estou plenamente satisfeito, o resultado foi acima da minha expectativa e elevou muito meu sistema. O MKIV está num outro patamar, se equiparando a importados de valor muito acima.

Agora é curtir e juntar uma graninha para meus futuros cabos, que estão sensacionais! Mais um acerto do Ulisses.

Dario, São Paulo.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



OS 'INTOCÁVEIS'



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Teve enorme repercussão o editorial da edição de outubro, em que eu comento a importância da folga e do equilíbrio tonal em toda uma nova geração de equipamentos Estado da Arte. Como consequência, resgatamos aquelas gravações mais 'encardidas', que amamos artisticamente e, no entanto, estavam pegando pó na prateleira por anos a fio pela baixa qualidade técnica. Essa é uma tendência irreversível e acredito que seu sucesso crescente dependerá apenas de quando essas 'virtudes' estarão à disposição do consumidor nos sistemas de entrada, chamados de hi-fi. Alguns questionaram o editorial, alegando que em seus sistemas hi-end, ouvir essas gravações é praticamente impossível e

acham ser uma virtude de seus setups mostrar a baixa qualidade técnica de discos mal produzidos. Entendo perfeitamente esse ponto de vista, e minha resposta é: se você se sente confortável de eliminar de suas audições os discos tecnicamente inferiores, perfeito!

Mas existe uma legião cada vez maior de melómanos e audiófilos que desejam o contrário, que querem 'resgatar' gravações artísticas importantes, e eu me incluo desde sempre neste contingente. E clamei por anos que esse objetivo fosse alcançado!

A cada novo upgrade que realizei nesses últimos 20 anos, sempre fui lá na prateleira dos 'intocáveis' (esse foi o termo que utilizei para

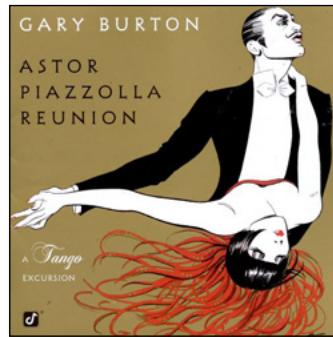
determinar aquelas gravações excluídas das minhas audições semanais), na esperança de algumas voltarem ao convívio permanente. O resgate era feito pontualmente, mas nunca consegui tirar do ostracismo uma dúzia de gravações em um único upgrade no sistema! Porém, nos últimos dois anos, consegui o resgate de dezenas se não centenas de discos, com upgrades pontuais nos cabos e na elétrica da sala, sem mudar nenhum dos componentes eletrônicos ou caixas acústicas.

Estou preparando dois artigos para falar a respeito desses cuidados pontuais, mas neste primeiro artigo, quero responder a muitas das dúvidas que nossos leitores tiveram com relação a utilizar gravações específicas para saber se seu sistema possui esta folga e equilíbrio tonal necessário para o resgate de gravações tecnicamente limitadas. Sim, existem gravações interessantes para essa 'prova dos nove'. Gravações que possuem limitações tecnicamente audíveis em qualquer sistema, porém com uma rara e interessante qualidade: quando tocadas em sistemas perfeitamente corretos tonalmente, e com folga suficiente, tocam tão bem que muitos duvidam que sejam realmente limitadas tecnicamente. Este é um dos temas que será abordado nos novos Cursos de Percepção Auditiva. Mostraremos essas gravações em sistemas categoria Diamante e Estado da Arte de entrada, e depois em nosso sistema de referência, para os participantes entenderem essa questão. E o melhor: os participantes levarão um CD com essas gravações para escutarem em seu sistema! Podendo, com segurança, fazer uma radiografia de seus sistemas!

Meu objetivo era começar os cursos nesta primavera, mas as consultorias e a revista me fizeram mais uma vez adiar o projeto. Como estou em fase de preparação das apostilas e dos discos de testes que cada participante irá receber, só conseguiremos iniciar em fevereiro de 2019. Caso você tenha interesse em participar, entre em contato no fernando@clubedoaudio.com.br, e já faça sua inscrição. Cada turma será formada por seis participantes, o curso tem uma duração de cinco horas e será realizado sempre aos sábados à tarde, das 13h às 18hs.

Mas você já pode ter uma avaliação de seu sistema, se tiver o interesse de adquirir qualquer um desses discos que irei comentar neste artigo com vocês. Algumas gravações são ao vivo, com todos os problemas que um registro ao vivo apresenta (compressão, vazamento de microfones, falta de planos, etc). Outras gravações são de estúdio, mais bem controladas, mas que possuem uma variação dinâmica grande, e limitação ou escolha equivocada de microfones.

Porém todas soam muito bem e com enorme conforto auditivo, se os sistemas assim permitirem. Sem mais delongas, vamos as gravações:



1- GARY BURTON - ASTOR PIAZZOLLA REUNION: A TANGO EXCURSION

(Concord - CCD-4793-2)

Antes que alguém fale: "Epa, não são gravações tecnicamente ruins?", essa gravação foi realizada por um selo com enorme reputação audiófila, mas que pela sua formação, arranjo e complexidade dinâmica, soa com enorme dificuldade em 90% dos equipamentos hi-end.

Já ouvi esse disco 'massacrado' setups de alguns milhões de dólares em eventos nacionais e internacionais. Tanto que muitos rejeitam tocar este disco, alegando que a gravação é tecnicamente ruim. Pois, meu amigo, ao contrário, é uma das gravações mais impressionantes que conheço e de uma qualidade artística ímpar. Se você adora Astor Piazzolla, essa gravação é obrigatória.

Aonde então se encontra o problema? Na arregimentação dos instrumentos: Vibrafone, violino, bandoneon, piano, contrabaixo e guitarra. Em algumas passagens a região média-alta fica literalmente congestionada com tamanha quantidade de informação! E, para sistemas com baixo equilíbrio tonal e sem folga suficiente para uma enorme variação dinâmica, a situação se complica, e muito!

O primeiro sintoma de que o sistema não suportou tamanha quantidade de informação, será a necessidade de baixar o volume. Outro sintoma será a sensação de que determinadas notas do vibrafone, ou da mão direita do pianista, saltam à frente ou endurecem. E outra característica é o embolamento e a falta de inteligibilidade da guitarra, violino ou das notas mais altas do bandoneon.

Agora, se o seu sistema estiver à altura da gravação, meu amigo, prepare-se pois é inesquecível! Você ouvirá com total arrebatamento as intencionalidades e complexidade dos arranjos e virtuosidade de cada solista, e texturas absolutamente naturais e realistas! É um disco para colocar à prova definitiva qualquer equipamento com pretensão a Estado da Arte! E, acredite, se te disserem o contrário e insistirem que essa gravação não tem qualidade técnica, convido-o a participar do Curso de Percepção Auditiva e tirar suas próprias conclusões!

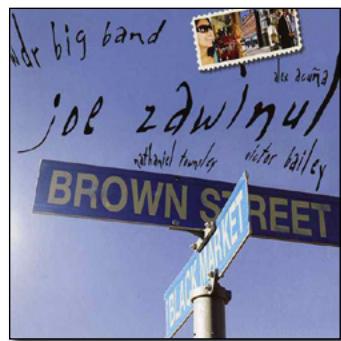
OPINIÃO



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 1 DO CD GARY BURTON - ASTOR PIAZZOLLA REUNION...



CASO VOCÊ DESEJE BAIXAR ESTA FAIXA EM FLAC, CLIQUE NESSE LINK.



2- JOE ZAWINUL - BROWN STREET

(Hebos - UP-HUCD 3121)

Gravado no festival de jazz de Viena, em 2005, é um CD duplo com uma Big Band espetacular. Por ser ao vivo e com muitos músicos, os obstáculos para uma excelente captação são enormes. E a música de Zawinul exige uma enorme dose de conhecimento técnico para não soar comprimida ou com pouca inteligibilidade.

Vá direto ao disco 2, faixa 1: March of The Lost Children. A música vem em um crescendo que irá exigir, em seu ápice, enorme controle do sistema e principalmente das caixas acústicas. Se o equilíbrio tonal não for perfeito, se perderá muito do trabalho da cozinha (baixo elétrico, bateria e percussão), e quando os metais atacarem sem a necessária folga, o mais indicado a fazer é acionar o stop e parar a audição! E, claro, sair dizendo impropérios a mim, que indiquei, e ao engenheiro de gravação.

Mas não se engane, amigo leitor, em um sistema capaz de suportar tamanha variação dinâmica e excelente equilíbrio tonal, você estará pulsando com a música já no segundo acorde, e acompanhando com os pés as diabrerias do contrabaixista!

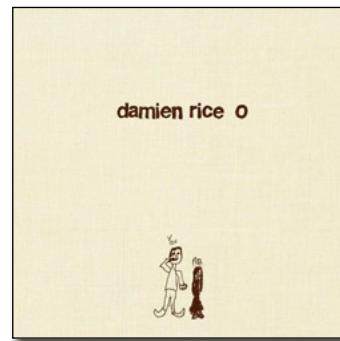
Assim como a gravação do Gary Burton, é uma prova que não deixa nenhum réfém. Ou vence ou morre!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 1 DO CD JOE ZAWINUL - BROWN STREET - DISCO 2



CASO VOCÊ DESEJE BAIXAR ESTA FAIXA EM FLAC, CLIQUE NESSE LINK.



3- DAMIEN RICE - O

(Warner)

Gravado em 2003, a maior parte das bases, de forma quase artesanal em sua garagem, foi lançado apenas em 2005 pela gravadora Warner, depois do enorme sucesso da faixa The Blower's Daughter.

Tenho esse disco desde seu lançamento e sempre achei diversos problemas técnicos e até mesmo na qualidade dos instrumentos (piano e clarinete), que foram captados de forma muito amadora. Porém, há qualidade artística e talento suficiente neste trabalho para ele ter sido tão elogiado por crítica e público. A voz de Damien é quase que sussurrada, e seu alcance de duas oitavas é limitado, porém esse trabalho possui um conteúdo poético muito honesto e direto.

Jamais imaginei que alguém o usaria como demonstração de equipamentos em feiras de áudio, até que me assisti no YouTube a apresentação das caixas Boenicke W11, na feira de Munique, alguns anos atrás! E pensei com meus botões: "muita coragem dele mostrar essas caixas com a faixa 8: Cold Water". E, ao testar a W5SE entendi perfeitamente sua escolha, já que suas caixas primam pela qualidade dos timbres e texturas. E esse disco possui esses elementos de sobra nas suas dez faixas.

Interessante que aqui não se trata de arroubos dinâmicos, ou de complexidade ou inteligibilidade. Tudo neste disco é minimalista, quase cru (como diz um amigo músico). A sensação é que todos os temas poderiam ser mais bem trabalhados e executados, mas sua beleza está justamente no despojamento e simplicidade, como se fossem apenas esboços a serem futuramente trabalhados. E essa característica só é apresentada em um sistema com enorme folga e naturalidade tímbrica e tonal, do contrário soa sem vida, sem magia e duro.



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 8 DO CD DAMIEN RICE - O



CASO VOCÊ DESEJE BAIXAR ESTA FAIXA EM FLAC, CLIQUE NESSE LINK.



4- WYNTON MARSALIS SEPTET – SELECTIONS FROM THE VILLAGE VANGUARD BOX

(Columbia – Sony)

Trata-se de um box com dez CDs, mas que também foram lançados individualmente. O que eu indico é o que tem as seguintes músicas: The Cat in the Hat is Back. Gravado em 1999, foi lançado no início de 2000. Artisticamente é um assombro como se comunica e toca este grupo! E o mérito da gravação foi justamente captar esse momento histórico!

Quem já viu vídeos do Village Vanguard, irá se perguntar como couberam sete músicos naquele minúsculo palco? E como conseguir ter o menor índice de vazamento possível de um microfone para o outro?

Para quem não conhece esse disco, começo por um lembrete: ele soará duro e agressivo se o seu sistema não tiver o mais correto equilíbrio tonal nas altas frequências possível! Principalmente o trompete com surdina de Wynton Marsalis e o sax soprano de Todd Williams. A região média nos fortíssimos dos metais, além de folga, precisará ter um foco e recorte impecáveis, para os metais não pularem no seu colo.

É uma das gravações mais exigentes em termos de reprodução dinâmica e corpo harmônico. Muitos da centena de novos leitores me pedem um exemplo de corpo harmônico: eis uma gravação de piano com um corpo corretíssimo. E de sobra você escutará um Marcus Roberts inspiradíssimo em seus solos nas faixas 2, 5, 7 e 10. Ouvindo no canal direito de seu sistema o piano soará enorme, palpável, possibilitando ver o que está a se ouvir.

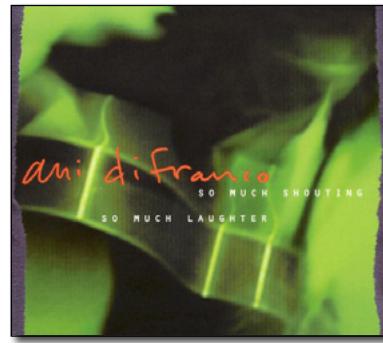
Uma gravação que, se passar no seu sistema, lhe entrega o passaporte para todas as outras gravações que irei indicar!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 10 DO CD WYNTON MARSALIS SEPTET - SELECTIONS...



CASO VOCÊ DESEJE BAIXAR ESTA FAIXA EM FLAC, CLIQUE NESSE LINK.



5- ANI DIFRANCO - SO MUCH SHOUTING, SO MUCH LAUGHTER

(Righteous Babe Records)

Conheci essa cantora em um artigo na Absolute Sound em que um articulista estava testando um CD-Player da Meridian e citava esse disco falando de como o violão elétrico da Ani havia sido mixado muito alto e frontalizado. Ele dizia que, mesmo assim, usava esse disco como referência para ver o grau de dificuldade que os players tinham com gravações tecnicamente 'sofríveis'.

E que não era para seus leitores usarem como referência de nada, a não ser que admirasse a qualidade artística da cantora. Corri às lojas que ainda tínhamos abertas, afinal ainda estávamos em 2001, e muitas lojas ainda existiam.

Em 2002 fui ao Áudio Show do amigo Jorge Gonçalves, em Portugal, e em uma visita à FNAC de Lisboa dou de cara com uma dúzia de gravações da cantora Ani DiFranco. Trouxe quatro CDs, que gosto muito e escuto sempre que consigo.

Esse especificamente foi deixado por muito tempo de lado, pois sua limitação técnica é realmente um obstáculo. Gravado em um depósito que virou uma casa de shows, a captação é bastante precária, assim como a acústica do local.

Sofre de inúmeros males, como excesso de compressão, muitos instrumentos ligados direto na mesa de gravação (o que faz com que soem muito altos e sem nenhuma ambiência) e uma platéia LGBT literalmente histérica com cada palavra pronunciada pela Ani, rs!

Mas o que chama atenção, além das qualidades artísticas da cantora e letrista, é sua competente banda, aqui ampliada por um naipe de metais.

Poucos amigos que tenho conhecem ou apreciam os discos que apresento da Ani DiFranco (a não ser os amigos músicos mais descolados com o underground), mas desde que 'resgatei' meus discos mais limitados tecnicamente, depois do último upgrade no sistema, mostro muito a faixa sete do segundo disco: Loom / Pulse. E essa faixa soa tão descomprimida e com excelente inteligibilidade, que salta imediatamente a qualidade artística da banda, do arranjo e da Ani, que brinca com as

OPINIÃO

palavras e com a platéia. Essa é a magia que tanto escrevo nos últimos tempos e que me inspirou a retornar aos Cursos de Percepção Auditiva.

A capacidade de um sistema de dar vida, cor, luz, expressão e emocionar o ouvinte, sobrepondo a qualidade artística à deficiência técnica. E poder ouvir essa qualidade artística, antes impedida pela limitação técnica, é de um prazer imensurável!

Não acredito que você se disponha a comprar um disco duplo de uma cantora que muitos poucos conhecem para ouvir uma faixa específica, mas se você quiser arriscar, pode ser até que você goste.

Uma coisa é certa: essa faixa estará no disco dos participantes do curso.



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 7 DO ANI DIFRANCO - SO MUCH SHOUTING, SO MUCH... - DISCO 2



CASO VOCÊ DESEJE BAIXAR ESTA FAIXA EM FLAC, CLIQUE NESSE LINK.



6- OTIS TAYLOR - BELOW THE FOLD

(Telarc)

Assim como o disco do Gary Burton gravado pelo selo audiófilo Concord, o selo Telarc também é uma das lendas do mercado hi-end. Centenas de excelentes gravações, capazes de certificar a excelência de qualquer sistema hi-end.

Por um breve período de tempo, a Telarc se aventurou a gravar outros gêneros fora da música clássica e jazz, e o Blues foi o estilo escolhido para tentar ampliar seu leque de consumidores. Um dos primeiros músicos selecionados foi Otis Taylor, multi-instrumentista, que dedicou toda a sua carreira ao que ele considera o Blues Nativo, cantado em verso e prosa pelos catadores de algodão do Mississippi.

Seu estilo é objetivo e direto, e com sua voz potente ele recria o que seus ancestrais cantavam para suportar a dor e o sofrimento. Certa vez

ele disse que sua arma para mostrar a opressão era sua voz e seus instrumentos. Não imaginem um músico virtuoso ou com enorme técnica instrumental, mas se quiserem entender a origem da música negra americana, ouvir e apreciar Otis Taylor é uma das estradas seguras para essa viagem musical.

O engenheiro de gravação deve ter tido muita dificuldade de captar a essência da música de Taylor, pois seus instrumentos como a guitarra elétrica e o bandolim soam como facas afiadas atravessando e servindo como apoio melódico à sua potente e inconfundível voz! É uma 'tortura' para qualquer sistema, pois o grau de distorção e overdub das guitarras impede uma captação mais 'limpa'.

No entanto, na minha humilde opinião como produtor de discos, a escolha do engenheiro foi muito correta, pois ele entendeu que se queria ser fiel à musicalidade de Taylor o que ele teria que abrir mão era justamente da 'limpeza' que as gravações audiófilas buscam.

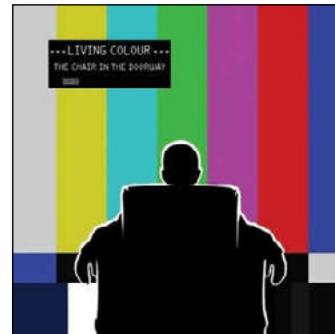
Sistemas sem folga e sem o perfeito equilíbrio tonal, encontram já na primeira faixa uma barreira intransponível. O que sobrará a esses sistemas é a audição das duas faixas só com voz e violão (uma inclusive cantada por sua filha, Cassie Taylor). Mas, para os que possuem um sistema capaz de ir adiante, meu amigo, se prepare pois você fará uma viagem e tanto às raízes do blues e descobrirá um dos artistas mais fiéis à sua arte e sua descendência!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 8 DO CD OTIS TAYLOR - HOOKERS IN THE STREET



CASO VOCÊ DESEJE BAIXAR ESTA FAIXA EM FLAC, CLIQUE NESSE LINK.



7- LIVING COLOUR - THE CHAIR IN THE DOORWAY

(Megaforce Records)

Ouvi pela primeira vez a banda Living Colour no final dos anos noventa. Fiquei impressionado com a fusão da black music com heavy metal, mostrando que este gênero poderia explorar novos caminhos, como ocorreu com o jazz fusion.

Claro que eu 'viajei' nesta possibilidade, já que minha ingenuidade não levou em conta o enorme preconceito que o heavy metal teve ao ver uma banda de negros querer tocar um gênero exclusivamente anglo-saxão! Foram impedidos até de participar de eventos, se restringindo a circuitos menores ou universitários. Gravaram, se não me engano, três ou quatro discos, e cada um foi seguir carreira solo ou sobreviver tocando em discos de outros músicos.

Em 2009, o quarteto se reuniu novamente e foi até o leste europeu para gravar este disco. Comprei mais por curiosidade, e gostei muito! Músicos mais maduros e experientes, não precisando mais provar a ninguém sua competência e criatividade. Gravado em apenas três dias, por contenção de despesas, o disco prima pela sua capacidade de ter uma assinatura sonora consistente. O engenheiro de som buscou interferir o menos possível, apenas captando da melhor forma possível aquele mar de riffs com a menor quantidade possível de compressão ou equalização.

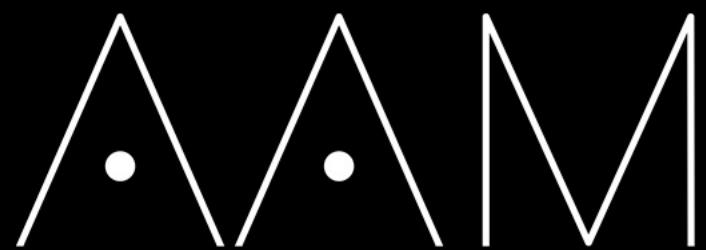
Esse é outro disco que, a cada novo upgrade, lá está para a 'prova dos nove'. E ele nunca soou tão bem e descongestionado como atualmente. Consigo apreciar como nunca antes cada solo e cada um dos instrumentos, com enorme inteligibilidade e conforto auditivo. Parece estranho falar em conforto auditivo para certos gêneros musicais, mas é assim exatamente o que ocorre.

Espero ter lhes dado boas dicas. E se for seu interesse realmente colocar à prova seu sistema, acredite, todos são excelentes exemplos que, mesmo que não passem pelo crivo de seu setup, artisticamente são pérolas lançadas ao mar.

Ótimas audições a todos!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, A FAIXA 10 DO CD LIVING COLOUR - THE CHAIR IN THE DOORWAY



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andre@maltese.com.br - (11) 99611.2257



MÉDIOS NATURAIS E VEROSSÍMEIS. SERÁ QUE OS TEMOS?

W Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

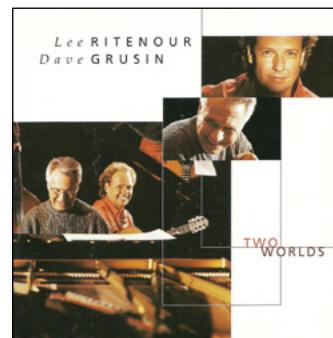
Existem certas regras no áudio que são absolutamente incorretas ou obsoletas para o atual estágio em que o hi-end se encontra, mas que persistem em ser utilizadas como se fossem imutáveis! Costumo apresentá-las nos cursos de Percepção Auditiva, para que os participantes tenham pelo menos uma ideia exata da irracionalidade das mesmas. Uma regra das que mais me divirto em apresentar é a de que não se deve perder tempo com cabos de força, pois como não estão no caminho do sinal, nem vale a pena dar atenção a eles! E aí tocamos um sistema Ouro Referência todo com cabos originais, e depois com um set de cabos de força compatível com o seu preço, e a pergunta que todos fazem depois dessa experiência auditiva é: 'Imagine então o que ocorreria se os cabos de força estivessem no caminho do sinal?'

É interessante como algumas pessoas tendem a tratar a reprodução eletrônica de áudio por departamentos estanques, como se a qualidade final não fosse a soma de todos os esforços empregados e solucionados. Os cabos de força, amigo leitor, também fazem parte do elo mais fraco, e quanto mais subimos a qualidade do sistema, mais eles passam a serem importantes! Outra falácia é a de que devemos gastar no máximo de 10 a 15% do nosso orçamento previsto para o sistema com todos os cabos! Diria que essa regra, vigente desde a década de 1970, só funcionaria hoje para sistemas de até cinco mil reais, pois acima desse valor será impossível segui-la! Como sempre defendi, o ideal para quem deseja montar seu sistema definitivo nos dias de hoje é começar pelas caixas acústicas dos seus sonhos, depois busque a eletrônica

que tiver a melhor sinergia dentro do seu orçamento com as caixas es- colhidas e, por fim, 'lapide' o sistema com tratamento elétrico, acústico e a aquisição dos cabos. Isso não é um processo rápido (principalmente para quem tiver um orçamento apertado ou precisar comprar o sistema por etapas), mas pode ser muito prazeroso, principalmente se temos a oportunidade de ver o sistema evoluindo, até chegarmos ao resultado sonhado! Ninguém se torna um enólogo da noite para o dia ou um chef de cozinha famoso só porque aprendeu algumas receitas assistindo ao GNT. O mesmo ocorre com a audiofilia. O par de orelhas ajuda, o gosto pela música também, mas tudo isso são só premissas básicas, e não a garantia de resultado satisfatório (ainda que muitos, já em seus primeiros sistemas, se achem inteiramente aptos para tes- tarem e darem suas opiniões). Felizmente, depois de algum tempo a maioria dos 'aprendizes' cai em si e percebe que o 'buraco é bem mais embaixo'.

A indústria do áudio também utiliza um truque para tentar se estabelecer em um patamar que muitas vezes não se encontra. Esse truque já foi mais utilizado, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, mas ainda vemos resquícios em pleno século XXI! Afinal, do que se trata? É o famoso jeitinho marqueteiro de tentar convencer o consumidor de que o seu produto, custando um décimo do preço do seu concorrente, possui as mesmas qualidades audiófilas. Geralmente esse truque é utilizado por empresas com a cultura de equipamentos hi-fi, que pretendem colocar um pé no mercado hi-end! E o truque muitas vezes tem boas intenções! Lembram-se dos CD players e amplificadores baratos lançados na dé- cada de 1990, que possuíam uma região média musical, com timbres corretos e soundstage razoável, mas que pecavam por falta de exten- são nos extremos e principalmente falta de peso e corpo nos graves? Lembro-me de ter lido artigos em revistas importadas defendendo esses CD players e integrados com o seguinte argumento: 'Por esse preço, trata-se de um verdadeiro best buy, afinal, 70% ou mais da informação musical se concentra na região média'. 'Ou, ou!', diria meu pai! Isso de- pende muito do gênero musical do consumidor, e será catastrófico para um amante de música sinfônica conviver com um sistema que 'joga' to- das as suas fichas na região média! Um sistema como esse atende a um reduzido contingente de melómanos e audiófilos que gostem apenas de gêneros musicais muito específicos, como pequenos grupos de câmara, vozes à capela, folk, MPB etc., pois nem a música barroca será bem re- produzida! Um amigo meu, músico percussionista, teve por muitos anos um sistema hi-fi de entrada com essas características, e confessou que no final ele só servia para ouvir solo de alaúde e harpa!

Dividi a dica dos discos para avaliação da região média do seu siste- ma, amigo leitor, em duas partes. Neste mês falarei de apenas quatro discos; se o sistema for bem com a reprodução desses quatro exem- plos, sugiro a compra dos discos que serão indicados em outubro. Ago- ra, se a reprodução for ruim, será preciso detectar onde está o problema! Alerto que os quatro exemplos são verdadeiros caroços! E, ao primei- ro sinal de problemas, o som tende a endurecer e a projetar-se para a frente, fazendo-nos diminuir o volume. O ideal é que as audições sejam feitas entre 80 e 92 dB de pico, com um ruído de fundo menor que 50 dB! Boa sorte!

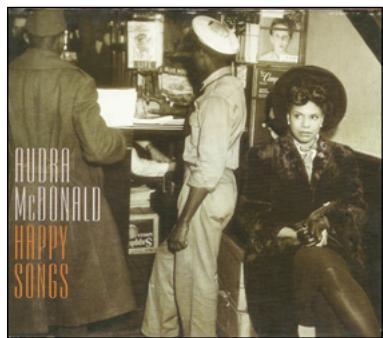


1- LEE RITENOUR E DAVE GRUSIN - TWO WORDS (GRAVADORA DECCA)

Esse CD possui todas as virtudes necessárias para a avaliação de equilíbrio tonal, micro e macrodinâmica, textura e transientes, mas o utili- zado na maioria das vezes para avaliar a região média. Minhas faixas preferidas são: 1, 2, 5, 7, 10 e 13. Nas faixas 2 e 7, temos a belíssima voz da cantora lírica soprano Renée Fleming. Atente para três coisas: naturalidade da região média de todos os instrumentos (voz, violão e piano), inteligibilidade de todo o acontecimento musical e ma- terialização dos músicos em sua sala! O trabalho foi gravado e mixado pelo conceituadíssimo engenheiro da Decca, Don Murray, com zero de compressão e de equalização. Com isso, os timbres são naturais e muito verossímeis! Em sistemas com desequilíbrio na região média, as passagens para o fortíssimo tendem a endurecer ou ficar desconfortá- veis! Neste caso, será preciso passar um pente fino em todo o sistema, a começar por fonte digital (CD player, DAC), amplificação, cabeamen- to e caixas acústicas.



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O
CD LEE RITENOUR E DAVE GRUSIN -
TWO WORDS



2- AUDRA MCDONALD - HAPPY SONGS (GRAVADORA NONESUCH)

Outra ‘pedreira’, mas se o sistema for bem com esse disco, ele provavelmente suportará os últimos dois exemplos. Audra é uma famosa cantora da Broadway, sendo requisitada para os melhores musicais. Finalmente em 2002 ela foi descoberta pela indústria fonográfica, e gravou esse belo trabalho. Sua voz é poderosa, e o engenheiro de gravação Joel Moss explorou muito bem essa qualidade! Utilizo as faixas 1, 2, 3, 10 e 12 para a avaliação de equilíbrio tonal, soundstage, corpo harmônico e textura. Primeiro cuidado: se for utilizar a faixa 2, monitore bem o volume, pois com a entrada da big band, costuma-se tomar alguns sustos. Em volumes corretos, as faixas sugeridas serão um verdadeiro deleite aos nossos ouvidos. No entanto, se houver algum problema, o som tende a endurecer, projetando Audra e os metais para a frente, principalmente nos fortíssimos! O grau de materialização física de Audra em sistemas com excelente equilíbrio tonal é holográfico, com um belo silêncio de fundo à sua volta, possibilitando um mergulho total em sua exuberante técnica vocal! Se o seu sistema, amigo leitor, tiver dificuldade com esse disco, sugiro que você não perca tempo com os outros dois exemplos, e se debruce em corrigir primeiro os problemas!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O
CD AUDRA MCDONALD - HAPPY SONGS

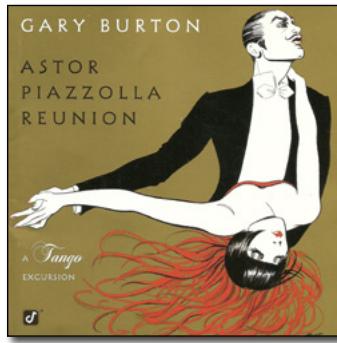


3- WYNTON MARSALIS - QUARTET - THE MAGIC HOUR (GRAVADORA BLUE NOTE)

Outro dia estava na Livraria Cultura da Av. Paulista na seção de clássicos e jazz, e do meu lado uma moça procurava um disco de jazz para dar de presente ao seu pai! Como ela viu minha cesta repleta de discos já escolhidos, perguntou-me se poderia ajudá-la na escolha de um disco. Falou-me do gosto de seu pai por jazz e seus músicos preferidos. Ao avistar o The Magic Hour, não tive dúvidas: sugeri que levasse. Passei meu e-mail, e pedi que ela ou seu pai me dissessem o que haviam achado da sugestão! Resultado: o pai adorou o disco, e ganhamos mais um leitor para a revista! Amigo leitor, se você gosta de jazz e não possui este disco, não sabe o que está perdendo! Diria que é um disco obrigatório! Gravado em 2004, tem a participação especial de Dianne Reeves e Bobby McFerrin, além do jovem trio formado por Eric Lewis (piano), Carlos Henriquez (baixo) e Ali Jackson (bateria). Utilizando a linguagem musical, ‘eles quebram tudo!’. Perfeito para a avaliação de equilíbrio tonal as faixas 1, 2 e 8. Mais uma vez, cuidado com o volume na faixa 1, pois a cantora Dianne Reeves realmente solta a voz, e o Wynton Marsalis não fica atrás com o seu trompete com surdina! Em um sistema com a região média impecável (e, óbvio que o restante também), não haverá nenhum desconforto ou fadiga auditiva. Mas do contrário, se houver um pequeno desvio, torna-se insuportável escutar a faixa 1 em um volume correto! Outra grande dica são as palmas na faixa 2, algo simples e até banal, mas que em sistemas com problemas na região média não soam naturais.



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O
CD WYNTON MARSALIS - QUARTET -
THE MAGIC HOUR



4- GARY BURTON - ASTOR PIAZZOLLA REUNION
(GRAVADORA CONCORD)

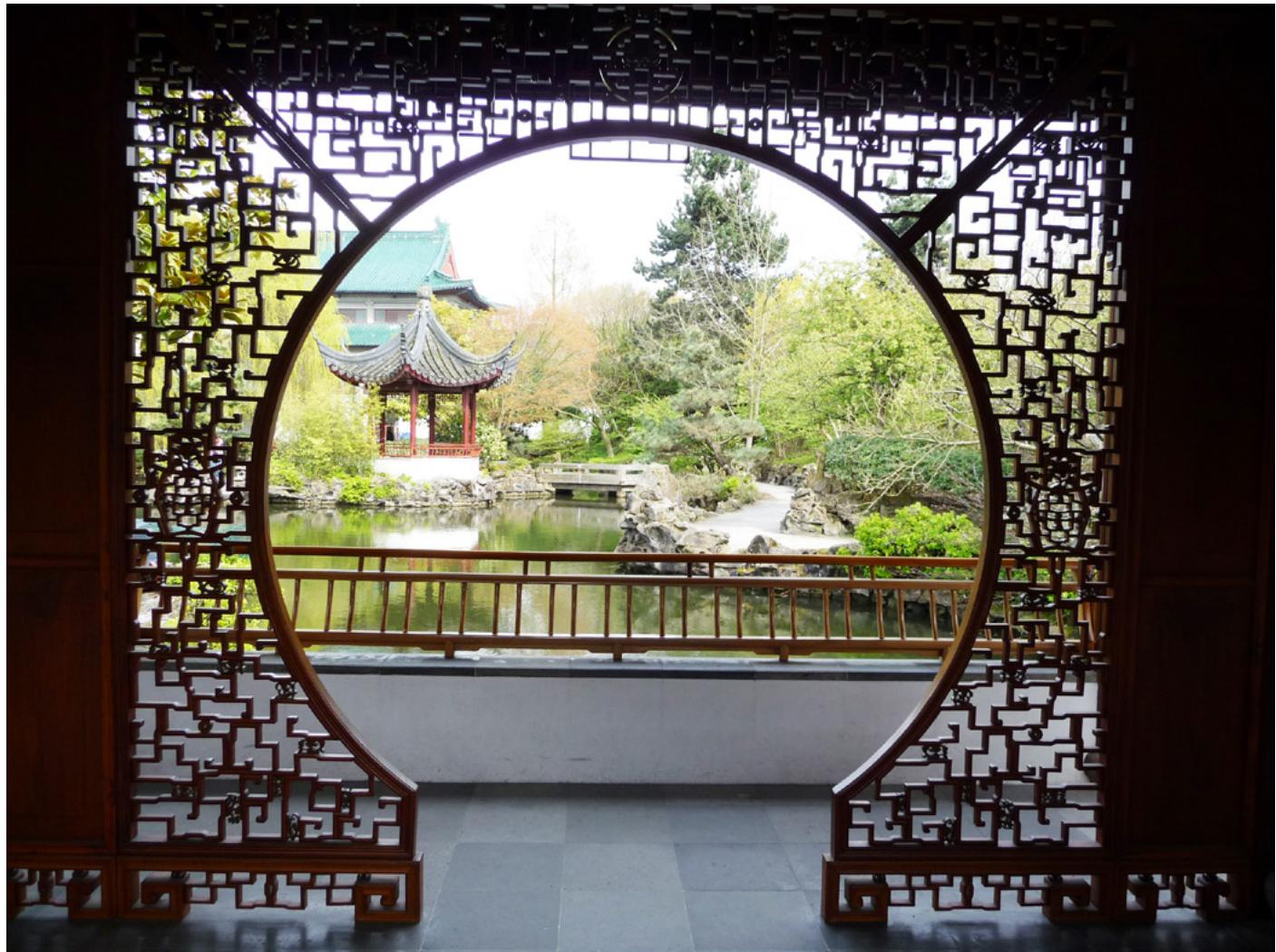
Realmente tentei ao máximo não sugerir ou usar nesta série de artigos gravações audiófilas. Mas neste caso não teve jeito, pois esse trabalho atualmente é a nossa referência máxima para a avaliação de equilíbrio tonal! É com ela que fechamos os testes de todos os produtos neste quesito. Como tenho escrito, é o tipo de gravação que não faz referência! Ou o sistema passa ou morre! Imagine o sistema ter que resolver de maneira correta inúmeros instrumentos tocando na mesma faixa do espectro passagens complexas com enorme variação

dinâmica! E são instrumentos complicados, como: bandoneón, piano, guitarra, vibrafone e violino! As faixas utilizadas são: 1, 3, 4, 6, 7, 8 e 10. É pura pedreira! Mas existe uma ótima notícia a todos que passarem incólumes pelo teste: seu sistema está redondo em termos de equilíbrio tonal! Mas não tentem blefar: quando digo passar no teste, é o maior grau de naturalidade nos timbres, a ausência de dureza ou espirro nos agudos, a precisão, a facilidade em se acompanhar o contrabaixo e a mão esquerda do pianista, a completa inteligibilidade de todos os instrumentos e um conforto auditivo pleno! Pela minha experiência, a margem de aprovação neste exemplo para produtos Diamante Referência em diante é de apenas 10%! Digo isso para que você, amigo leitor, não desanime, caso seu sistema não passe no teste! E por favor, não xingue a senhora minha mãe, pois ela já está com mais de 80 anos e, mesmo com essa idade, sabe como responder à altura, pois tem uma saúde de ferro e lucidez incomum!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O CD GARY BURTON - ASTOR PIAZZOLLA REUNION





O SUTIL EQUILÍBRIO ENTRE A TRANSPARÊNCIA, A INTELIGIBILIDADE E A MUSICALIDADE



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

A transparência, a inteligibilidade e a musicalidade compõem a santiSSIMA trindade do áudio hi-end! Ainda que, ao iniciarmos a nossa longa jornada na busca desse Santo Graal sonoro, possamos nos desviar em alguns momentos, no final dessa peregrinação descobriremos que a base de um sistema genuinamente Estado da Arte se resume em ter o melhor equilíbrio entre essas três vertentes! O problema é justamente conseguir o equilíbrio exato de cada uma dessas três qualidades, pois se a transparência e a inteligibilidade geralmente andam juntas, a musicalidade encontra-se quase sempre do lado oposto. E para complicar

ainda mais essa busca, é muito mais fácil observar auditivamente um sistema transparente e com grande inteligibilidade do que determinar o grau de musicalidade, pois esse quesito muitos ainda insistem em dizer que possui um forte apelo subjetivo.

Nos nossos cursos de Percepção Auditiva, não há nenhum problema em mostrar o quanto um sistema Diamante é mais transparente que um sistema Ouro. Porém, quando tentamos demonstrar o grau de musicalidade entre dois sistemas de classes diferentes, geralmente temos problemas, pois neste quesito o grau de subjetividade é muito

grande. Lembro-me que em diversas turmas, muitos dos presentes achavam que, ainda que o sistema Ouro fosse inferior ao sistema Diamante em todos os quesitos de nossa metodologia, em musicalidade eles preferiram o sistema mais simples!

Todos os audiófilos e melômanos não possuem a menor dificuldade em observar auditivamente que um produto ou sistema mostrou com muito mais precisão determinada passagem, ou detalhes e ruídos de chaves, unha na corda, vacilo na afinação etc. Mas pedir para que definam o que é musicalidade, é uma tarefa das mais inglórias! Geralmente todos recorrem a expressões como maior doçura, aveludamento, ausência de fadiga auditiva, encantamento etc. Mas nenhuma tentativa consegue ser exata, ou mesmo exprime de forma objetiva no que se traduz a sensação de maior musicalidade. Meu pai chamava essa falta de objetividade de 'limbo sonoro'. E ainda que ele não gostasse de discutir o termo musicalidade com seus amigos e clientes, sabia que sempre que algum audiófilo se sentisse na berlinda iria recorrer à subjetividade da musicalidade, para se safar da 'saia justa' com os amigos.

Musicalidade na minha opinião é algo que se aprende e é completamente plausível de evolução, à medida que o audiófilo possui uma referência real da música! E musicalidade nada tem a ver com doçura ou ausência de fadiga auditiva! Ouça o prelúdio da suíte número um para cello de Bach com um estudante, e depois ouça essa obra-prima com Janos Starker, e você entenderá na essência o que é musicalidade! Ou os doze estudos opus dez de Chopin com um pianista ainda em formação e com Nelson Freire, e saberá instantaneamente o que é musicalidade! Ouvi toda a minha vida de audiófilos rodados, que determinado sistema ou caixa acústica não era musical, pois o piccolo endureceu, ou então o trompete com surdina soou duro e estridente! Pois bem, isso nada tem a ver com musicalidade, e sim com equilíbrio tonal! E é preciso sempre levar em conta que, em muitos casos, aquele desconforto auditivo também existe na música ao vivo, principalmente se estivermos bem próximos do instrumento (lembre-se que muitas vezes o microfone está a menos de um metro do instrumento!).

Na nossa metodologia, a musicalidade é a composição dos sete quesitos, e ela será melhor na medida em que o equilíbrio ou a coerência entre todos eles for maior! Claro que os quesitos equilíbrio tonal, timbre, textura, transientes, dinâmica e organicidade possuem um peso maior que soundstage e corpo harmônico, mas é sempre bem-vindo o equilíbrio de todos os quesitos, para atingirmos um maior grau de musicalidade no produto testado! E atingir o tão sonhado objetivo de um sistema com o maior grau de transparência, musicalidade e inteligibilidade, e com o menor grau de fadiga auditiva, passa por vencer a primeira etapa que é a mais importante de todas: o equilíbrio tonal! Sem um perfeito equilíbrio

tonal, estamos jogando fora nosso tempo e dinheiro! E por mais que queiramos nos enganar, nos escondendo atrás da subjetividade, todos sabem, quando sentamos sozinhos para ouvir nossos sistemas, quais são as suas limitações! Meu pai sempre pedia na primeira visita que o cliente tocassem para ele seus seis discos preferidos. Com essa única audição, ele fazia uma radiografia precisa do gosto musical do cliente, e dos problemas ou limitações de seu sistema! Alguns tentavam 'burlar' essa primeira impressão, tocando somente os discos que soavam bem no sistema (ou que achavam que soavam). Mas, à medida que meu pai ganhava a confiança, eles acabavam por mostrar seus discos 'de cabeceira'.

Neste mês, continuaremos com os discos de referência para o ajuste da região média, mas daremos ênfase aos médios graves. Os quatro exemplos são primorosos em termos de transparência, inteligibilidade, equilíbrio tonal e naturalidade. E quanto mais corretos os sistemas estiverem, mais musicais e emocionantes serão as audições dos exemplos escolhidos! E quanto menos equilibrados tonalmente, eles soarão confusos e pouco musicais!

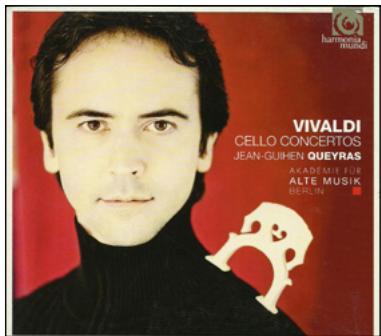


1- NELSON FREIRE - CHOPIN - ÉTUDES, OP. 10. BARCAROLLE, OP. 60 E SONATA NÚMERO 2 (DECCA)

Eis um disco obrigatório para a avaliação de equilíbrio tonal, assim como também de transientes, dinâmica e corpo harmônico! Para a avaliação de equilíbrio tonal, utilizamos as faixas 2, 4, 8, 12, 14, 15 e 16. O grau de transparência e inteligibilidade só será perfeito se o equilíbrio tonal estiver impecável! Do contrário, o ouvinte terá dificuldade de acompanhar a mão esquerda de Nelson Freire, e a última oitava da mão direita soará como um piano de vidro! O grau de realismo ou presença física do instrumento na sala de audição será praticamente real se o equilíbrio tonal, a transparência e a inteligibilidade forem perfeitos. É um disco de extrema musicalidade se for reproduzido em um sistema à altura da qualidade técnica e artística!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O CD NELSON FREIRE - CHOPIN - ÉTUDES, OP. 10. BARCAROLE, OP. 60 E SONATA...

**2- VIVALDI - CELLO CONCERTOS - JEAN-GUIHEN QUEYRAS E ACADEMIA DE ARTE E MÚSICA DE BERLIN (HARMONIA MUNDI)**

Este CD ganhei do amigo César, violinista da OSESP. Quem o conhece, sabe de sua paixão pela música Barroca e pelo compositor Vivaldi. Ele me apresentou obras desse compositor que eu jamais havia escutado! O César se tornou um audiófilo por culpa inteiramente da revista. Estreitamos nossa amizade nos últimos dez anos, e costume brincar que desde que conheceu a audiofilia, se tornou um problema para a mesma, pois adora desmontar sistemas, levando para as audições sua mala 'de maldades' repleta de gravações que só tocarão bem em sistemas 100% equilibrados tonalmente! No fundo, ele se diverte quando um sistema de alguns milhares de dólares se decompõe tentando reproduzir seus discos escolhidos a dedo! Quando o César vem à minha casa, geralmente traz umas duas dúzias de discos capazes de fazer qualquer anfítrio audiófilo vestir sua melhor calça marrom! E passamos horas nos divertindo, ele tentando achar o ponto fraco do meu sistema, e eu ouvindo obras maravilhosas! O disco Concertos para Cello é um dos que o César mais adora pedir para escutar nos Hi-End Shows! Algumas vezes tive a oportunidade de estar presente nessas audições, e vi situações realmente constrangedoras para vários sistemas. Mas quando o sistema está correto tonalmente, sua audição é uma beleza a toda prova. Adoro ouvir as faixas 2, 6, 8, 12, 14, 15, 17, 22, 26, 28 e 30. Elas são provas muito duras, mas que quando tocadas em um sistema à altura de suas qualidades, nos enchem de alegria! Ouça a faixa 2 e, se o seu sistema estiver correto, tonalmente descubra o que realmente deveríamos chamar de musicalidade em um sistema hi-end! E você ficará surpreso em saber que a musicalidade nada tem a ver com doçura ou uma apresentação comportada.



**OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY,
O CD VIVALDI - CELLO CONCERTOS -
JEAN-GUIHEN QUEYRAS E ACADEMIA...**

**3- HAMILTON DE HOLANDA & ANDRÉ MEHMARI -
GISMONTIPASCHOAL (BRASILIANOS)**

Escrevi uma resenha desse maravilhoso disco há cerca de seis meses. Atualmente é um dos meus discos de cabeceira, ouço-o quase que diariamente, pelo menos uma ou duas faixas. É um disco tão complexo artisticamente que a cada nova audição descubro mais detalhes da exuberante técnica do pianista André Mehmari e do bandolinista Hamilton de Holanda! O impressionante é que quando você o escuta em um sistema bem ajustado tonalmente, o prazer é redobrado, pois para acompanhar a mão esquerda do André Mehmari é preciso um sistema com um grau muito bom de transparência e equilíbrio tonal! Caso seu sistema não tenha essa qualidade, o acompanhamento de toda a virtuosidade dos músicos se perde, e parte do encanto não acontece. São diálogos riquíssimos entre o piano e o bandolim, e poder desfrutar de toda essa genialidade como se estivéssemos ao lado dos músicos é uma das qualidades mais gratificantes desse trabalho! É o tipo de gravação que exige demais do sistema, mas se ele estiver à altura, tenho certeza que este disco passará a ser uma de suas referências musicais!



**OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, O
CD HAMILTON DE HOLANDA E ANDRÉ
MEHMARI - GISMONTIPASCHOAL**



4- SHIRLEY HORN - YOU WON'T FORGET ME (VERVE)

Este foi o primeiro disco que entrou para a metodologia, assim que ela saiu do rascunho e se tornou pública. Eu já usava essa gravação desde o tempo em que trabalhava na Áudio News. Trata-se de uma das gravações mais primorosas feitas pela Verve na década de 1980. E o disco possui verdadeiras 'pérolas', interpretadas com paixão pela cantora e pianista Shirley Horn. Utilizo para o equilíbrio tonal as faixas 2, 5, 7, 11 e 12. Mas a mais contundente e difícil de reproduzir é sem dúvida alguma a faixa 11. Ela possui uma série de 'armadilhas'

para os sistemas hi-end, e consegue embaraçar muitos sistemas tops. A faixa 11 possui informações precisas nas baixas freqüências, que desmascaram inúmeras caixas acústicas com graves de uma nota só, apontando problemas ou deficiências acústicas nas salas (com os graves transbordando e com pouca definição). Sua região média possui detalhes que escancaram problemas de equilíbrio tonal nessa região (com uma nota de piano logo no início, que pode soar como se fosse um piano de vidro), e nos agudos ela denuncia se falta extensão no sistema, ao apresentar um trabalho magistral nos pratos de condução! Quantas vezes esses pratos devem soar a partir dos 40 segundos da música? Onze, doze, treze, ou será mais que treze? É um disco imprescindível para qualquer um que queira realmente avaliar o equilíbrio tonal, a textura, os transientes e a musicalidade do seu sistema! No mês que vem, falaremos de palco sonoro; até lá, desejo a todos ótimas audições com os quatro CDs indicados. ■



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY,
O CD SHIRLEY HORN - YOU WON'T
FORGET ME

**Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso.
Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!**



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos. Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson Nº585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson Nº526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.224

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson Nº519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196
Cápsula MC Murasaki Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Sunrise Lab Reference Magic Scope - 95 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Timeless Guarneri - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed. 243
Sax Soul Agata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217



METODOLOGIA DE TESTES



ASSISTA AO VÍDEO DO SISTEMA CAVI, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZMBQFU7E-LC](https://www.youtube.com/watch?v=ZMBQFU7E-LC)



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a Áudio Vídeo Magazine utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambientes, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OUG_GNBDOH0](https://www.youtube.com/watch?v=OUG_GNBDOH0)



CAIXA ACÚSTICA NEAT ULTIMATUM XL6



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Quando o Fábio Storelli da German Audio me ligou falando que havia pego a representação da Neat para o Brasil, minha primeira reação foi de enorme satisfação, pois sempre admirei muito a marca. Tivemos a oportunidade, com o antigo distribuidor, de testar todos os produtos das linhas Motive e Momentum, porém jamais tivemos acesso à linha Ultimatum, a top desse renomado fabricante inglês.

A Neat, desde o início de suas atividades, encontra-se na zona rural de Teesdale, no norte da Inglaterra. Lá é feito todo o desenvolvimento dos produtos, desde os falantes até os gabinetes. O objetivo dos dois sócios fundadores (ambos músicos e produtores musicais), foi de oferecer ao mercado audiófilo caixas com a melhor 'musicalidade' possível! E que esta assinatura sônica estivesse presente em todos os modelos!

Lembro-me do olhar incrédulo de quase 100 participantes do nosso Curso de Percepção Auditiva, realizado no Hi-End Show de 2010, no Rio de Janeiro, quando coloquei para tocar as Motive 2,

uma pequena coluna de menos de 80 cm de altura, de duas vias, que encheu a sala de música com autoridade e enorme inteligibilidade! Parodiando um antigo comercial de sutiã: "a primeira audição de uma Neat, você jamais esquece".

Dezenas dos nossos leitores, ainda que já tenham realizado upgrades, sempre falam de suas Neats com enorme respeito e muitos ainda mantêm a caixa em seus sistemas atuais. Amigos meus músicos são cinco, que estão com suas Motives faz quase uma década, sem planos de mudança.

Para você que está chegando agora, amigo leitor, se for curioso o suficiente, tenho a mais plena certeza que colocará esta marca na sua lista de caixas a serem escutadas. Posso escrever centenas de linhas falando de minha relação com todas as caixas que já ouvi, tive e testei da Neat, mas o melhor mesmo é você ouvi-las, para tirar suas próprias conclusões. Gosto de observar o semblante de desconfiança de todos que olham para aquela pequena coluna ➤

de duas vias, até com um certo desdém - até começarem a tocar. Nunca presenciei ninguém ficar impassível ao primeiro contato, jamais! Todos, depois da audição, se aproximam da caixa e a olham minuciosamente, na tentativa de desvendar se existe algum falante escondido.

Mas, antes de voltarmos ao teste da Ultimatum, falemos um pouco da filosofia deste fabricante aos nossos novos leitores. Como seus fundadores são músicos, o primeiro objetivo traçado foi de propiciar aos ouvintes a oportunidade de experimentar a música eliminando todo tipo de artifício estabelecido entre toda a cadeia de gravação (da captação até à masterização final). Os projetistas partiram do ponto de vista do ouvinte acompanhando os músicos, dentro da sala de gravação. Para se atingir tão difícil objetivo, cada caixa é gradualmente desenvolvida por um processo que eles chamam de imersão musical, em que cada protótipo é ajustado por longas audições, com diversos gêneros musicais, por meses a fio! Esse processo conta com a participação de todos os funcionários da Neat e não apenas dos projetistas.

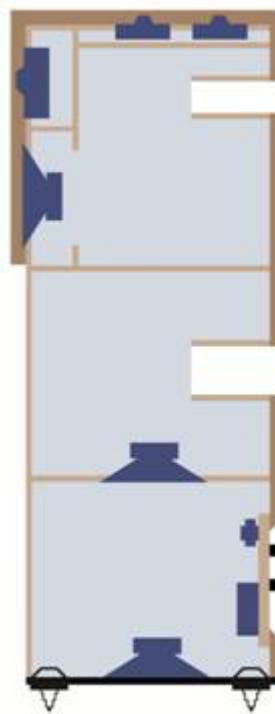
Mas o veredicto só será dado baseado estritamente na sua performance musical, e não critérios técnicos ou de gosto pessoal. Isso explica o fato da ficha técnica de todos os produtos não identificar a resposta de frequência deles. Os componentes que não são desenvolvidos na própria fábrica são desenvolvidos em parceria com acompanhamento de um funcionário da Neat no momento da fabricação, e mesmo esses componentes ainda sofrem modificações no ajuste fino do produto.

Atualmente a Neat possui as seguintes linhas: Iota (Alpha e Xplorer), Motive (SX3, SX2 e SX1), Momentum, e Ultimatum (XLS, XL6 e XL10). O projeto Ultimatum foi um sonho do fundador Bob Surgeoner, e teve seu primeiro esboço em 1995, como um projeto sem compromisso, com o objetivo de oferecer o melhor de dois mundos: uma caixa monitora de estúdio com o refinamento de uma caixa de referência hi-end. O projeto foi batizado de Ultimatum MF-9, e possuía alguns atributos de desenvolvimento com cavidades separadas para cada falante, em uma configuração D'Appolito, e empregando unidades de acionamento do grave apontado para baixo.

Esse modelo foi lançado em 2001, com grande sucesso de crítica e público. Logo depois a Neat lançou os modelos menores: MF5 e MF7. Em 2012, Bob reviu todo o projeto, avançou nas áreas que ele achava que podiam ser aprimoradas, e lançou a nova série Ultimatum. A XLS é a book, que conta com cinco falantes (dois super tweeters na base em cima da caixa, um tweeter de domo, um falante de médio-grave visível no gabinete, e um falante interno atrás deste visível).

O modelo enviado para teste, o XL6 é uma coluna de 1 metro de altura com sete falantes: os mesmos dois super tweeters EMIT tipo fita na parte de cima do gabinete, o tweeter de domo de tecido e o falante de médio frontais, e dois woofers apontados para baixo de graves isobáricos. O painel, com os dois falantes frontais, é de bétula ultra-rígido, e o gabinete de desacoplamento e câmaras de isolamento interno de cada falante de MDF.

O gabinete compreende cinco cavidades internas, cada uma otimizada. Os gabinetes para os falantes de médio e de graves são grandes (isso explica a profundidade e o peso da caixa) e os gabinetes dos agudos são pequenos para aumentar a rigidez e não sofrer a pressão interna dos drivers de médio e de graves. Os dois super tweeters estão isolados integralmente do resto do gabinete.



As especificações técnicas são minimalistas, como de todos os produtos deste fabricante, vamos a elas: o tweeter frontal é uma unidade de cúpula de tecido Sonomex 26XL. As duas unidades de super tweeter são EMIT 25mm planar/ribbon. A unidade de médios de 186 mm é fabricada pela Neat com um plug de alumínio. E as duas unidades de grave de 168mm também são produzidas pela Neat com cone de papel prensado. As dimensões da caixa são: 1 metro de altura, 22 cm de largura e 37 cm de profundidade. Peso: 34 kg.

O fabricante apresenta a Ultimatum como uma caixa de matriz de múltiplas câmaras, com cavidade interna isobárica e com super tweeters de disparo ascendente. Sua sensibilidade é de 87 dB, potência recomendada do amplificador de 20 a 200 watts, impedância

de 8 Ohms e mínima de 5 Ohms. E nenhuma dica sobre a resposta de frequência (como disse, eles jamais especificam em nenhum modelo). O fabricante disponibiliza os seguintes acabamentos: Carvalho preto, Noz, Carvalho, Vidoeiro. Existem mais três opções com consulta à fábrica. O modelo enviado para teste foi o em Vidoeiro.

Com cuidado, a desembalagem pode ser feita sozinho, e neste caso recomendo apenas que o usuário siga as instruções do fabricante e as desembale em pé, e não com a embalagem deitada. E para a colocação da base de ferro, deite a caixa cuidadosamente com uma das proteções de isopor, para não riscar o fino acabamento. O fabricante disponibiliza as chaves para a colocação das bases.

Chamaram a atenção os spikes não serem pontiagudos (os pisos e as 'caras-metades' certamente aprovarão).

Olhando aqueles seis falantes (quatro visíveis e dois não), enquanto instalava a caixa, fiquei pensando com os meus botões: "deve demorar uma barbaridade para amaciá-la" - ao contrário das Motives, que depois de algumas horas já saiam tocando e encantando! Ledo engano: ainda que a caixa esteja toda engessada nos extremos, ela possui o mesmo DNA das Motives e aquela magia musical da região média está presente desde o primeiro momento.

Pesquisando nos fóruns internacionais, e em dois testes que li em revistas européias, o tempo de amaciamento é superior a 250 horas. Era essa a minha impressão, que esta caixa precisaria de no mínimo 300 horas para mostrar todo o seu potencial. Assim fiz minhas primeiras anotações, e as deixei queimando ininterruptamente por 100 horas.

Para o teste utilizamos nosso sistema de referência, e também o integrado da Audio Research (publicado na edição passada), e no analógico a estupenda cápsula Sumile (leia Teste 1 na edição de outubro). Os cabos de caixa foram: Transparent Reference XL MM2 e Sunrise Lab Quintessence bi-wire.

À medida que a queima foi avançando, a comparação com os modelos inferiores foi se distanciando gradativamente. O salto em relação às duas séries abaixo é muito grande. Não só em termos de performance como em relação à filosofia da Neat. Nas linhas Motive e Momentum, os objetivos são muito claros: oferecer ao consumidor um produto com um grau de musicalidade e prazer auditivo a um custo muito competitivo. Na serie Ultimatum, esses horizontes se alargam a perder de vista! Pois o compromisso em termos de performance, aqui é outro!

Esta série foi desenvolvida para aquele audiófilo que está à procura de sua caixa Estado da Arte definitiva, e busca incansavelmente uma caixa que alie precisão, musicalidade, inteligibilidade e imersão absoluta no acontecimento musical, sem artifícios ou desvios.

O que eu chamo de artifícios ou desvios são aquelas caixas que pontualizam ou priorizam determinados gêneros musicais ou dão maior ênfase a um determinado quesito. As XL6 não desviam um centímetro da proposta inicial de seu criador, pois ela leva um passo adiante a proposta da filosofia inicial de Bob, de oferecer as melhores características de um monitor de estúdio, com o refinamento de uma caixa de referência hi-end! Talvez por limitações de custos e faixa de mercado, nenhuma série abaixo da Ultimatum consiga levar tão a cabo este propósito.

Na série Ultimatum estes entraves foram colocados de lado, e o resultado é simplesmente impressionante! Aqui Bob conseguiu dar forma às suas ideias de tal maneira que, à medida que a caixa vai amaciando, o ouvinte - como em um bom romance - vai descobrindo todas as nuances e facetas do personagem e a criatividade e riqueza de detalhes do autor. Em um bom romance, as surpresas vão surgindo a cada novo capítulo! Nas XL6 ocorreu o mesmo.



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi eXperience

www.hifiexperience.com.br

Primeiro você descobre que os graves apontados para baixo possuem a dispersão e o controle ideal mesmo para salas não tratadas acusticamente. Isso com 180 horas de amaciamento, pois nas 200 horas os super tweeters desabrocham e você percebe que a qualidade na apresentação de ambientes é tridimensional. Com detalhes e nuances da sala de gravação raramente reproduzidos pelas caixas ditas de referência do mercado!

Com um detalhe muito peculiar, você consegue ouvir o ar e rebatimento de teto da sala de gravação, e esse resultado psicoacústico engana nosso cérebro, nos colocando literalmente na sala de gravação! O ambiente da sala nos envolve, convidando para uma imersão literal e não apenas imaginativa!

Com 250 horas o equilíbrio tonal se encaixa, os médios recuam e os planos se estabelecem em uma cirúrgica apresentação do foco e recorte. E, com 300 horas, a cereja do bolo: uma apresentação realista das texturas e da materialização física do acontecimento mu-



sical! Para ser justo com as XL6, sua nota de textura será até maior que a de musicalidade, que também é muito alta.

Nas séries abaixo, musicalidade sempre foi a nota que mais se destacou em todos os produtos por nós testados. Nas XL6, esse quesito é evidente, mas as texturas - graças ao equilíbrio tonal da caixa - se tornaram o quesito mais admirado. A apresentação da paleta de cores, e o grau de realismo de intencionalidade, são soberbos!

O grau de compreensão da dificuldade técnica da obra e virtuosidade do executante nos leva a reouvir todas as gravações que mais apreciamos. Esse realismo e essa performance certamente são frutos da expertise de Bob como músico e produtor musical, pois estão muito fora do conhecimento de um projetista de caixas acústicas sem a vivência de anos a fios dentro de uma sala de gravação!

Já citei inúmeras vezes que nas nossas gravações da Cavi Records eu fico dentro da sala com os músicos, tentando memorizar cada momento de cada um dos músicos ali presentes.

Saio daquele momento e anoto tudo o mais rápido possível, para no momento da mixagem tentar manter a maior fidelidade possível do que foi capitado. Desde a posição de cada instrumento na sala, até a variação dinâmica utilizada. Se vocês ouvirem atentamente nossas gravações, entenderão o que estou tentando descrever. Nas XL6, esses detalhes são recuperados minuciosamente e com um grau de fidelidade espantoso!

A única característica similar às séries abaixo é em termos de tamanho da caixa e sua performance. Pois, como acontece com todas as Neats, o audiófilo desavisado olhando uma caixa com apenas 1 metro de altura não imaginará o que aquela pequena coluna é capaz de nos oferecer.

Ainda que o fabricante não especifique, a XL6 desce tranquilamente à 35 Hz e deve passar de 25 KHz. A reprodução dos tiros de canhão da *Abertura 1812* de Tchaikovsky é de nos fazer pular da cadeira, tamanho o susto! Órgãos de tubo sobem pelas pernas e o solo do sax barítono do Ron Carter pressionando nosso peito!

A todos que ouviram, a cara de espanto era imediata ao presenciarem a autoridade com que essas Neat se comportam em qualquer situação de extrema variação dinâmica. Não há como intimidá-las ou fazê-las recusar algum gênero. Elas aceitam qualquer desafio, sem nenhuma distinção.

Revisitando o tema do nosso Editorial do mês passado, a respeito de folga e perfeito equilíbrio tonal, as XL6 tocaram com desenvoltura todos os discos que sugiro no nosso artigo *Opinião* deste mês, que batizei de “Os Intocáveis”. Os sete discos passaram como pêra doce nas mãos das XL6, mostrando que sua compatibilidade com gravações tecnicamente ruins é total!



pilgrim



AV GROUP

Novo Contato:

📞 +55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

O AV Group traz ao Brasil a URC, uma das indústrias pioneiras em sistemas de controle e automação. Completo com controladoras, touchpanels, controles remotos Wi-Fi, sensores e sistemas de multi-room por IP a URC oferece uma solução completa para residências dos mais diversos padrões.

Todos os sistemas se integram nativamente com os sistemas de comando por voz Amazon Alexa e Google Assistant e com as mais respeitadas marcas do segmento como Lutron, Cool Automation, Sonos, Arcam, Emotiva, Lexicon, Zektor dentre outras.

Entre em contato e conheça mais sobre essa e outras marcas do nosso portfólio.

LUTRON.

JBL SYNTHESIS

Cool Automation

WOLF CINEMA

mark Levinson

RREVEL

METRA HOME THEATER GROUP

SI

EMOTIVA AUDIO CORPORATION

ZEKTOR

REL ACOUSTICS LTD.

ARCAM

NORDOST
MAKING THE CONNECTION

lexicon

Um amigo baterista que possui as Motive 2, ao escutar nas XL6 alguns solos de bateria e de percussão japonesa, ficou impressionado com a precisão e fidelidade dos transientes da caixa. Ele julgava a resposta de transientes perfeita, até ouvir suas gravações de referência nas XL6. Ele notou algo que só um músico (baterista) poderia observar: que muitas excelentes caixas possuem uma reprodução de transientes admirável. Porém nas XL6 há um certo preciosismo que alia velocidade, autoridade e fidelidade. Demorei em entender sua explanação, a respeito da 'fidelidade', pois quanto mais ele me explicava mais eu entendia que na verdade o que ele estava a observar era a soma da fidelidade tonal com a fidelidade na apresentação das texturas. Quando mostrei gravações destes dois quesitos para ele, aí sua ficha caiu e ele compreendeu que a fidelidade na apresentação dos transientes era consequência desses dois outros quesitos! Essa é outra virtude que encontramos apenas em produtos superlativos, produtos que nos fazem balançar a cabeça de satisfação e abrir um largo sorriso em um misto de surpresa e alegria.

Sim, meu amigo, aí está a grande magia deste universo, feito por pessoas dedicadas, que desejam mostrar ao mundo seu ponto de vista, compartilhar suas descobertas e encontrar ressonância em alguns que buscam essas características para ouvir seus discos preferidos.

Se são dezenas ou centenas, não importa. O importante é que existem produtos que encantam tanto que a surpresa estará presente por muitos e muitos anos! As XL6 são literalmente um ultimato a todos que desejam definitivamente encerrar a busca pela caixa acústica ideal! ■

PONTOS POSITIVOS

Uma caixa Estado da Arte com dimensões reduzidas, compatíveis com salas a partir de 20 metros quadrados.

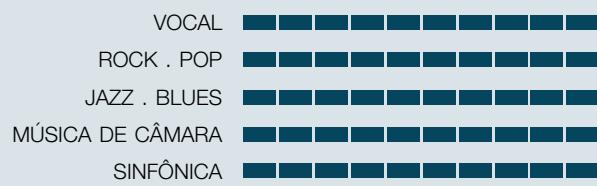
PONTOS NEGATIVOS

Necessita de um sistema condizente com sua performance.



CAIXA ACÚSTICA NEAT ULTIMATUM XL6

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	12,0
Textura	13,5
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	13,0
Total	96,5



German Audio
 contato@germanaudio.com.br
 R\$ 85.140

ESTADO
DA ARTE



PORSCHE DESIGN
SOUND



GRAVITY ONE



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END



SPACE ONE



Fone:
(11) 2738-8543

MOTION ONE

KKEF®



AMPLIFICADOR INTEGRADO ANTHEM STR



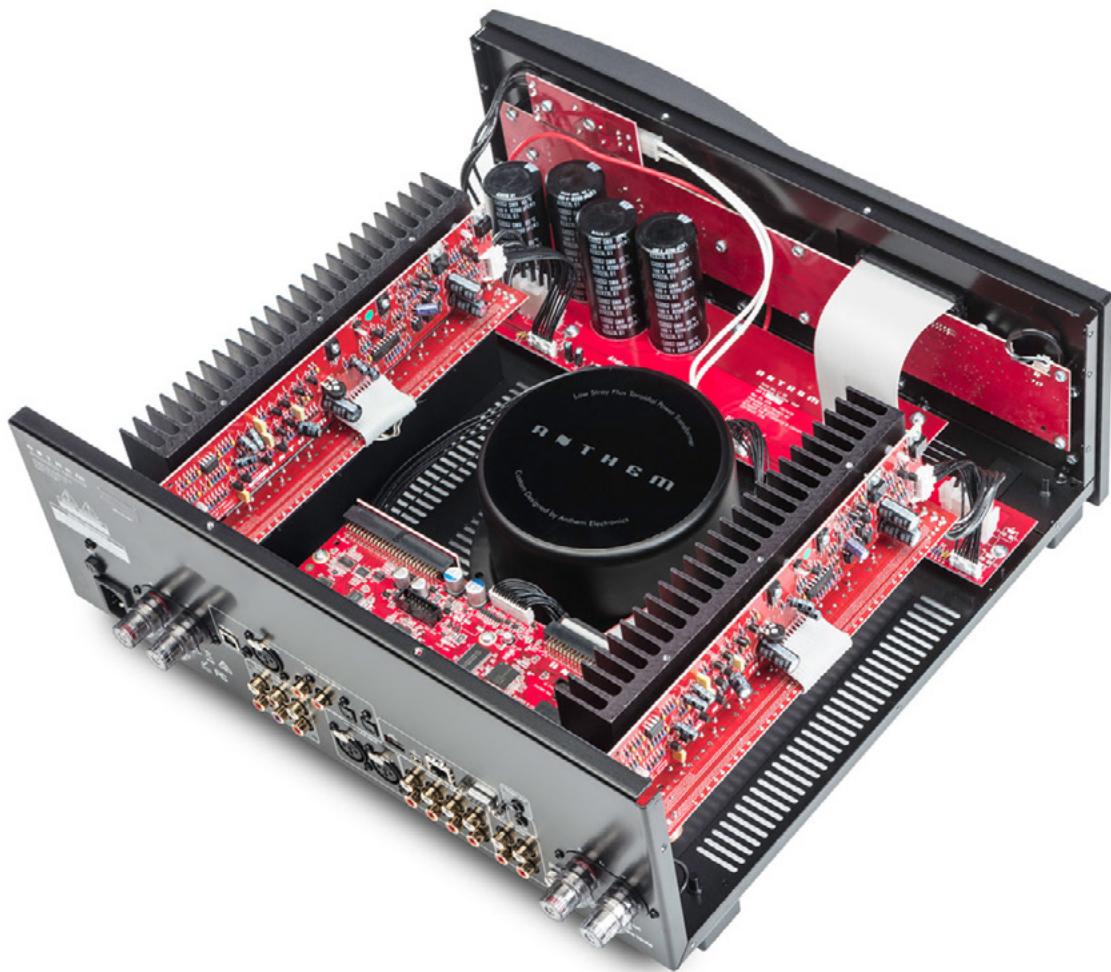
Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Anthem surgiu como uma linha de produtos eletrônicos de baixo custo da empresa canadense Sonic Frontiers que, mais tarde, foi adquirida pela célebre fabricante de caixas acústicas Paradigm. Sob a tutela da maior fabricante de caixas acústicas do Canadá, a Anthem tomou vida própria lançando ótimos produtos para multicanal e estéreo, como o amplificador de potência P2 de 350W por canal em 8 ohms. Ótimo aparelho, mas não é muito sofisticado. Pelo menos não a ponto de acompanhar a nova fase criativa e ousada em que a Paradigm se encontra.

Se dermos uma olhada no mercado hi-end com uma lupa, não será difícil perceber que algumas marcas bastante conceituadas no passado hoje se encontram em processo de fusão, reestruturação - ou seja, em modo pausa - até que decidam o que fazer com elas. Algumas até fecharam, outras simplesmente repousam em suas conquistas do passado recuperando o fôlego após a crise que se instaurou no mercado de áudio de alta fidelidade, abrindo

verdadeiras clareiras para quem antes não via espaço para crescer neste mercado tão competitivo. Agora, com este hiato entre alguns gigantes, o momento de ousar chegou (faz tempo). Basta acompanhar os Hi-End Shows pelo mundo, onde o espaço para novas empresas e fabricantes tradicionais em outros nichos, como os de entrada e multicanal, cresce a cada ano.

Os modelos STR vieram justamente para preencher esta lacuna na linha de produtos da marca. Uma nova roupagem com design atraente e moderno, tecnologia de ponta com uma infinidade de recursos, capaz de fazer qualquer AV passar vergonha, e uma sonoridade mais moderna, hi-end, fizeram com que a Anthem se aproximasse ainda mais do gosto dos audiófilos. Eu diria que, também, se aproximou dos produtos da própria Paradigm, tanto em desempenho quanto em design, se posicionando como uma boa opção para quem deseja um sistema que seja sinérgico entre as duas marcas, e seja 100% canadense.



A linha STR é composta por um amplificador integrado (objeto do teste desta edição), um pré-amplificador e um amplificador de potência. Os modelos da série STR possuem dois tipos de acabamento: preto e prata, e são equipados com a tela TFT (Thin Film Transistor) que possui uma excelente visualização das informações do aparelho - mesmo que o ouvinte esteja a mais de oito metros de distância, ainda é possível visualizar com ótima qualidade as informações nele contidas.

Os botões de operação são discretos (exceto pelo enorme knob de volume), controlam todos os recursos do aparelho com extrema facilidade, todos os caminhos nas configurações do STR são extremamente simples e intuitivos. Quer seja para mudar uma entrada de áudio, configurar o nível de ganho do pré de phono interno ou desabilitar o up-sampling - a facilidade é a mesma.

O integrado STR possui qualidades que dificilmente encontraremos reunidas em outras marcas. São tantos os atrativos que é preciso visitar o manual para enumerá-los. A quantidade de entradas analógicas e digitais é, sem dúvida, o maior mimo que a Anthem

poderia nos dar. Os Engenheiros pensaram em tudo, não tem a menor chance de alguém não conseguir conectar algum aparelho de áudio ao STR. São quatro entradas analógicas convencionais e mais duas entradas phono, uma para cápsula MM e outra entrada para cápsula MC, todas RCA (sim, você leu direito, o nosso maior desejo foi atendido pela Anthem - podemos apreciar o melhor de cada cápsula sem ter que ficar escolhendo entre uma ou outra ou mantendo um pré de phono separado). É possível fazer up-sampling de qualquer fonte de baixa resolução para 24-bits/192 kHz, fazer gerenciamento de graves para dois subwoofers, em mono ou estéreo, além de ter duas saídas analógicas, duas entradas coaxiais e duas ópticas S/PDIF e balanceada AES/EBU, entrada USB assíncrona 32-bits/384 kHz e DSD de 2.8/5.6 MHz. O STR pode ser controlado via entrada Ethernet, RS-232 ou IR.

O STR também vem equipado com microfone e pedestal próprios, bem como o sistema de correção 'Anthem Room Correction' (ARC™). O ARC compara digitalmente a assinatura acústica de uma sala com a do padrão de laboratório. Ele mede a resposta de ➤

Não é mágica, é Ciência!

cada alto-falante em relação à área de audição. Em seguida, utiliza algoritmos avançados para eliminar os efeitos negativos dos obstáculos na sala, ajustando a resposta e corrigindo os efeitos de rotação de fase, reduzindo em parte a necessidade de tratamento acústico convencional. É possível modificar os ajustes gerados pelo ARC pelo controle remoto ou pelo app para smartphones - olha que chique!

A seção de pré-amplificação utiliza componentes discretos com caminhos de trilhas curtos, já a parte de amplificação é uma verdadeira usina de força. Seu transformador toroidal de alta corrente e alta saída com 8 dispositivos de saída bipolar por canal, possui monitoramento avançado para fornecer 200 W a 8 Ohms, 400 W a 4 Ohms e 550 W a 2 Ohms. A distorção harmônica, à 100 W, é de 0.002% (1 kHz) e 0.0015% (20 kHz), e a resposta de freqüência é de 20 Hz a 20 kHz.

O STR possui medidas incomuns para um integrado estéreo, e é pesado também. Com 17 centímetros de altura, 43.2 centímetros de largura, 44.5 centímetros de profundidade e pesando 18 kg, fica difícil não chamar atenção.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos ligados ao amplificador integrado Anthem STR. Fontes: toca-discos de vinil Reloop TURN2 com cápsula Ortofon OM10, toca-discos Pro-Ject RM 1.3 com cápsula Ortofon 2M Red, toca-discos Reloop TURN5 com as cápsulas Ortofon 2M Red, 2M Bronze e Fidelity Research FR-1MK3, CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30, notebook Samsung com JRiver. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Reference Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR, Sax Soul Zafira III USB, Sax Soul Ágata USB, Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Sunrise Lab The Illusion e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Q Acoustics 3050i, Dynaudio Focus 260, Dynaudio Emit M30, e Monitor Audio Studio.

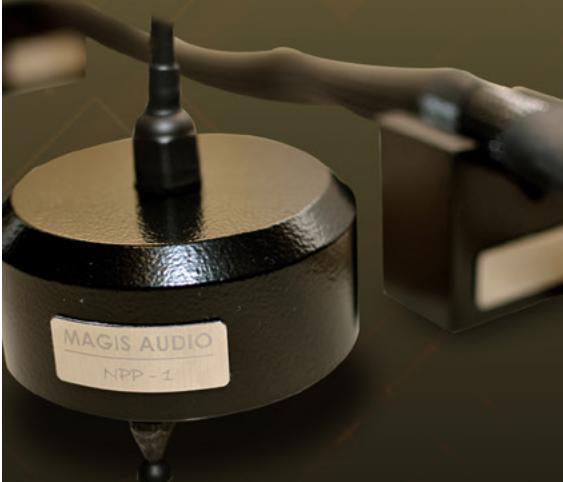
O Anthem STR foi o aparelho que levou mais tempo para amaciar, pois com a quantidade de entradas que era preciso amaciar e o sistema de correção para esmiuçá, fizeram com que sua estadia na sala durasse mais de três meses! Cada entrada utilizada para teste levou mais de 100 horas para amaciar, exigindo uma verdadeira maratona ligado dia e noite. Como se fosse uma tortura ouvir música com todos estes produtos à mão (risos). Todo este tempo convivendo com o STR, permitiu fazer uma análise profunda sobre seu funcionamento, como ele se comporta junto a outros aparelhos e, principalmente, como o ARC funciona.

Aproveitei que precisava amaciar duas cápsulas de toca-discos e comecei ouvindo primeiro vinil. O som não me agradava, mesmo após o amaciamento da cápsula, continuava achando o som da entrada MM/MC pouco natural e sem extensão. Resolvi entrar nas configurações e verificar se podia fazer algo para melhorar a audição. Descobri que o corte das freqüências subsônicas estava 'capando' os graves, então desliguei o atenuador. Além disto, descobri que todas as saídas analógicas vêm configuradas de fábrica para fazer up-sampling para 24/192. Isto estava acabando com a naturalidade do timbre, com os decaimentos e emagrecendo o corpo nas altas. Desliguei o recurso e: bingo! A naturalidade dos graves, extensão dos agudos e profundidade de palco fizeram a música de Ron Carter ganhar vida!

Daí por diante, foi um disco atrás do outro Sting: *Nothing Like The Sun*, Grover Washington Jr: *Winelight*, Miles Davis: *Kind Of Blue*, Sarah Vaughan, Duke Ellington... todos os discos tocaram muito bem, revelando todas as peculiaridades das três cápsulas e dos toca-discos utilizados, mostrando que o STR tem refinamento suficiente para nos dar muitas alegrias a cada upgrade! ▶



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO
Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com



Passando para o digital, a coisa ficou um pouco diferente. Descobri que o integrado é mais criterioso na escolha das fontes digitais. É preciso testar combinações para que o torne mais amigável com fontes como computadores e DACs. Isto se deve muito às características sônicas do Anthem, que prima por uma sonoridade mais enxuta, sem excessos de calor ou graves em demasia. Por isto fontes que não sejam musicais tendem a soar levemente frias, precisando de tempero, talvez com cabos mais neutros ou com aquele calorzinho a mais, dependendo do gosto do freguês.

Com caixas como as Dynaudio Emit M30, que são mais limitadas em termos de médio-grave e corpo nos agudos, as músicas ficaram no limite do meu gosto. Friso novamente: para o meu gosto pessoal. Já com a Focus 260, este limite se estendeu mais, e com a Q Acoustics 3050i e a Monitor Audio Studio, a combinação foi perfeita! O casamento com 3050i, que possui uma assinatura mais musical e relaxada, foi dos Deuses. Parecia que o Anthem STR encontrou na

Q Acoustics o par perfeito. Os discos de referência soaram muito bem. No caso do disco da Dee Dee Bridgewater, *Live at Yoshi's*, faixa dois, as intencionalidades do pandeiro, não só da execução do mesmo, mas até os detalhes de quando ele descansa o braço do pandeiro e as movimentações dos pratinhos aparecem naquele silêncio entre uma batida de bumbo e outra, de forma maravilhosa!

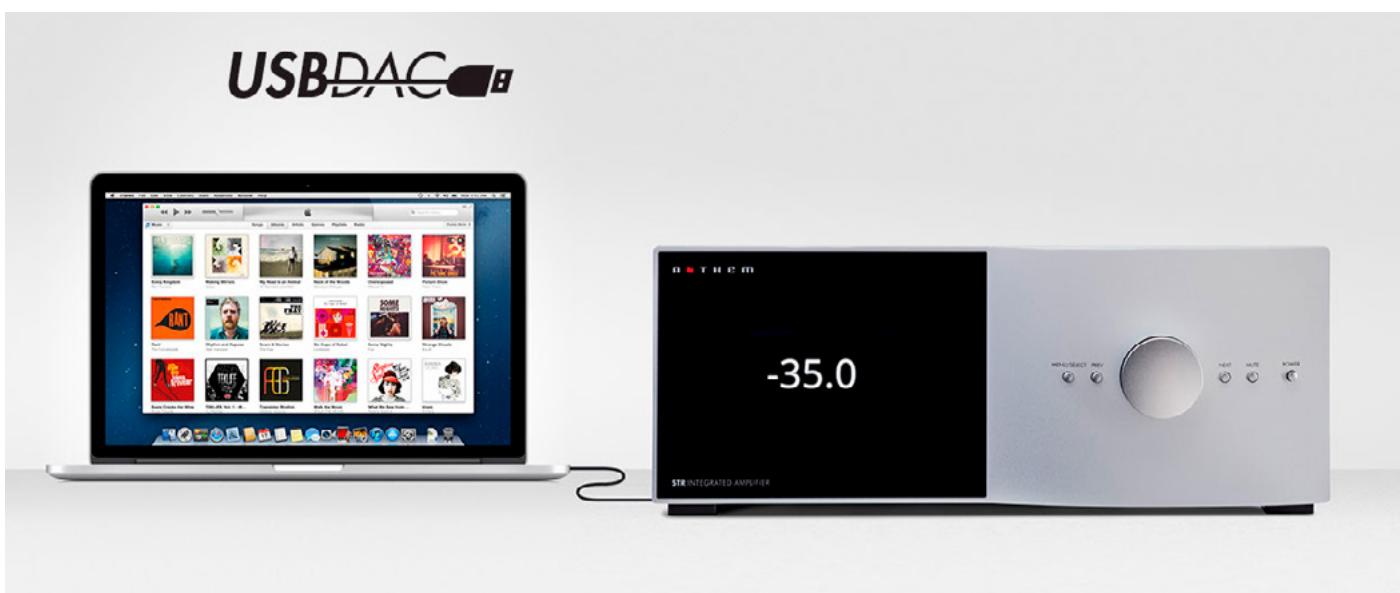
Via notebook, a escolha do cabo também mostrou o quanto ele é refinado, pois a cada troca de cabo, a cada subida de pontuação dos cabos, ficava evidente a melhora e o quanto cada cabo acrescentava ao resultado final. O STR não pegava uma coisa ou outra das qualidades do cabo, ele absorvia tudo! Bem como as mudanças nas taxas de amostragem do arquivo que, em alguns casos, também fazia diferença.

ARC

Sobre o ARC, preferi abrir um capítulo extra, pois não tem muito a ver com a análise do equipamento, que fizemos sem este recurso. O ARC é muito fácil de usar, é bastante intuitivo. Basta seguir os passos do tutorial - tanto via controle remoto como pelo celular os passos são mostrados na tela com muita clareza.

Basta colocar o microfone no pedestal com a ponta virada para cima, posicionar a frente do local de audição e iniciar os pulsos sonoros. O programa guarda as medições para futuras consultas, e com isto é possível voltar ao ajuste que ficou melhor para o seu gosto.

Na primeira medição os graves secaram muito, e a região média ficou bastante pronunciada, então refiz o teste uma vez mais e que o programa encontrou uma posição satisfatória. Ele funciona, corrige, mas sempre tem um 'porém', nada é tão fácil assim no áudio.





Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jirot2020@gmail.com

Assim como aconteceu no toca-discos, quando o up-sampling estava ativo na passagem do ARC, o som perdeu um pouco do impacto e da naturalidade.

Resolvi fazer ponto a ponto, de outra forma, medindo os cantos de uma sala de 18 metros quadrados, depois, como o aplicativo manda, para dificultar um pouco a vida do software. Ele conseguiu melhorar 70% dos problemas da sala, o que não gostei é que, por mais que ele atenuasse os problemas de reflexão na sala, há sempre uma perda de dinâmica e da qualidade dos timbres, principalmente nas altas.

ESPECIFICAÇÕES	
Watts RMS por Canal (8-Ohms)	200
Watts RMS por Canal (4-Ohms)	400
Resposta de freqüência	20 Hz a 20 kHz
Distorção harmônica total	1%
Impedância mínima	2 Ohms
Relação sinal/ruído	120dB
DAC interno	Sim
Reprodução digital em alta-resolução	PCM, DSD
Bluetooth	Não
Wi-Fi	Não
Entradas analógicas	4
Entrada phono	2
Entrada digital ótica	2
Entrada digital coaxial	2
Entrada USB	Type-B
Saída pré	2
Saída de fones	Não
Dimensões (L x A x P)	432 x 172 x 445 mm
Peso	18 kg

CONCLUSÃO

O amplificador integrado Anthem STR veio em boa hora, pois o mercado brasileiro precisava de mais um integrado para entrar na briga contra os nórdicos e ingleses. Ombreando em qualidade com um diferencial matador, o famoso 'tudão': tem entradas para todos os gostos para a alegria dos 'bi-hobistas', aqueles que amam o estéreo, mas que não vivem sem o multicanal. ■

PONTOS POSITIVOS

Fartura de entradas e conexões. Design e acabamento primorosos. Menu intuitivo e visualização do painel com excelente qualidade. Entradas separadas de phono para MM e MC. Controle remoto completo.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

AMPLIFICADOR INTEGRADO ANTHEM STR

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	11,0
Textura	11,0
Transientes	10,5
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	11,0
Musicalidade	10,0
Total	86,0



Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 15.562

ESTADO
DA ARTE





8 Murasaki

Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
“Um conforto exuberante”



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE 



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

STRESSFREE CABLE CATALOG
ACROLINK

FLUX
HIFI

JELCO
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br





CABO DE INTERCONEXÃO ORTOFON REFERENCE BLACK



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Ainda que a Ortofon tenha sua sede na Dinamarca, sua linha de cabos é toda desenvolvida e fabricada no Japão. A linha Reference é composta de quatro modelos que receberam o mesmo nome de batismo das cápsulas da empresa, e à princípio foram feitos para trabalhar com as respectivas cápsulas, já que sua assinatura sônica é similar às mesmas. São eles: Reference Red, Reference Blue, Reference Bronze e Reference Black.

Testamos no ano passado o Reference Blue, e foi uma grata surpresa sua performance e seu custo, possibilitando a muitos leitores realizarem um upgrade em sistemas Diamante e Estado da Arte de entrada. Com o excelente desempenho do Reference Blue, pedimos à Alpha Áudio & Vídeo que nos enviasse assim que possível o modelo top de linha, o Black, pois inúmeros leitores nos solicitaram uma avaliação.

O fabricante especifica em seu site que o Reference Black é um cabo de referência com um som equilibrado, neutro e preciso. Os

condutores de sinal são feitos de PCUHD (Pure Copper Ultra High Durability) em combinação com cobre 6N High Purity e HiFC (Cobre Puro OFC de alta performance). Dois feixes, cada um com 4 tipos diferentes de condutores, correm em paralelo e são orientados de tal maneira que sua estrutura interna é mantida assimétrica em relação uma à outra.

Veja a ilustração mais a frente e observe o primor e o cuidado na fabricação e montagem:

O material de amortecimento é fibra de algodão, e a blindagem utiliza fio trançado 4N OFC de 0,12 mm x 8 x 24. Isolamento de elastômero de alta resiliência livre de halogênio. O diâmetro do cabo é de 10mm e a capa é de polietileno. Os terminais, tanto no RCA como no XLR, são feitos por encomenda, sendo todos usinados em uma única peça, de excelente construção, pegada e acabamento.

Para o teste, que durou cinco meses, recebemos o Reference Black de 1m, RCA. Utilizamos o cabo em dezenas de equipamentos. ➤

E para o fechamento da nota ele esteve ligado hora entre o pré de phono Tom Evans e hora nos prés de linha Audio Research REF6 e Dan D'Agostino.

Tempo de amaciamento longo, de pelo menos 300 horas. Antes deste período, o cabo mostra inúmeras virtudes, porém seu equilíbrio tonal nas altas parece engessado até aproximadamente 250 horas.

É um cabo realmente de enorme precisão e neutralidade. Uma neutralidade muito rara nesta faixa de preço. Ideal para sistemas Estado da Arte que não precisam de nenhum tipo de 'equalização' ou turbinada. Sua correção tonal, depois de integralmente amaciado, é exemplar! Agudos extensos com um decaimento fantástico, velocidade e corpo excelentes nas altas frequências, médios muito naturais e ótimo equilíbrio entre transparência e musicalidade.

A região médio-grave precisa de pelo menos 280 horas para encparar, mas depois que se estabiliza é um encanto, pois permite audições em baixos volumes na calada da noite, com peso e precisão. Os graves também possuem excelente corpo e deslocamento de ar. Senti apenas falta de mais um 'dedo' de energia e sustentação na última oitava na base do grave, mas seria querer demais em um cabo de menos de 5.000 reais!

Sua velocidade e resposta de transientes são impressionantes, e sua variação dinâmica tem folga e precisão idem. Como um genuíno 'camaleão', o Reference Black se molda ao que recebe e entrega o sinal da forma mais neutra possível. Ficou notória esta qualidade ao compararmos como ele se comportou ligado ao pré valvulado da Audio Research e ao pré de linha de estado sólido Dan D'Agostino.

Muitos leitores nos questionam se os cabos não devem ter um 'molho', para realçar a reprodução. E nos nossos Cursos de Percepção do Nível 2, referente a cabos, eu demonstro que este 'realce' sempre compromete algo no equilíbrio tonal. Então deve ser usado com enorme consciência das perdas e ganhos.

Pessoalmente, prefiro um cabo mais neutro e deixo esse 'realce' na assinatura sônica para a caixa acústica. Pois na caixa você pode escolher a assinatura sônica que mais lhe agrada. Cabos, dizia meu pai, são como pontes: precisam ser corretas para apenas levar o sinal de um ponto ao outro. E tentar corrigir defeitos de outros componentes ou da acústica e elétrica da sala, só irá criar novos problemas, principalmente quando se avança em upgrades com novos patamares de performance.

Em um cabo neutro, você pode perfeitamente realizar upgrades sem perda ou obsolescência do cabo. Já um cabo que foi escolhido

para 'tapar um problema' do sistema, dificilmente se manterá em um novo upgrade, gerando mais custo e insegurança.

Gostei muito dos planos, profundidade do palco, largura e altura. Seu silêncio de fundo é muito bom, possibilitando um recorte e foco exemplares. Interessante como ligado ao pré de linha REF6 as texturas foram sempre mais 'molhadas' e com um aveludamento muito confortável, tanto em vozes como em instrumentos acústicos.

Já no Dan D'Agostino, as texturas se apresentaram menos 'molhadas', mas o grau de intencionalidade se mostrou muito mais fiel. Isso é uma virtude nos cabos neutros, essa flexibilização e compatibilidade.

O corpo harmônico de cima até o médio-grave é referencial, mostrando-se ligeiramente menor nas últimas duas oitavas do grave em relação às nossas referências, que custam até dez vezes o seu preço (Transparent Opus G5).

A materialização física do acontecimento musical (organicidade), foi excelente nas gravações tecnicamente boas, nos permitindo escutar por longas horas o sistema sem fadiga auditiva alguma.

CONCLUSÃO

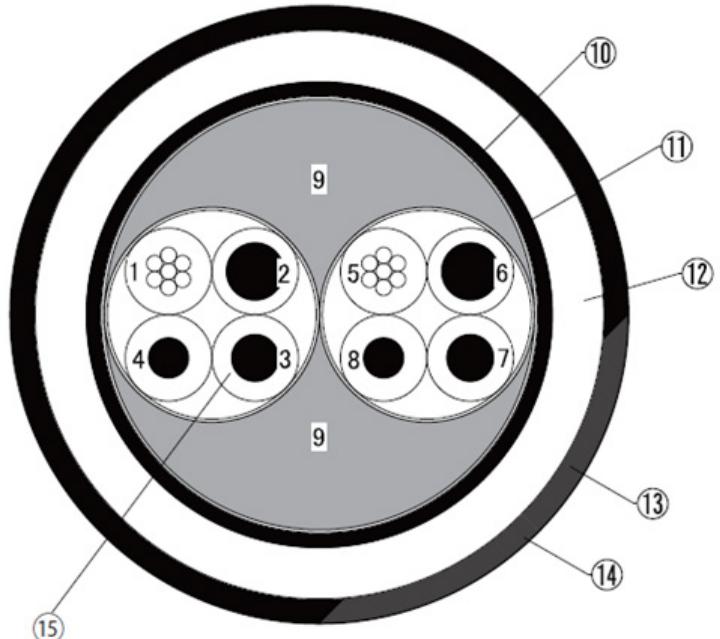
O Reference Blue já havia nos seduzido pela sua performance e excelente custo benefício. O Reference Black, porém, é de outro escalão. Seu patamar e equilíbrio, em todos os quesitos de nossa metodologia, foi surpreendente, provando o que escrevo há mais de três anos: "O mercado de produtos e acessórios Estado da Arte vem conseguindo baixar seus custos e oferecer produtos que seriam inacessíveis para uma imensa legião de leitores no mundo todo, cinco anos atrás". Isso é altamente positivo, pois esta tendência é cada vez mais consistente, e o leque de opções cada vez maior.

Quem ganha com isso é o consumidor melômano e audiófilo, que sonha em ter um sistema definitivo Estado da Arte sem vender a alma ao diabo!

Aos nossos leitores mais antigos, pergunto: você imaginou que seria possível montar um sistema Estado da Arte gastando dez mil em um integrado, dez mil em uma caixa tipo coluna, sete mil em um DAC e cinco mil em um cabo de interconexão? Ou seja, ter um sistema definitivo de altíssimo nível por menos de 40 mil reais? Isso, meu amigo leitor, era impossível cinco ou seis anos atrás! Hoje é uma realidade em todo o mundo!

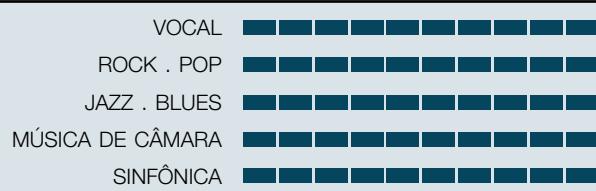
Para os que estão na caça de um cabo com excelente custo e performance, Estado da Arte, por menos de 5 mil reais, ouça o Reference Black, pois ele pode perfeitamente ser o cabo que você tanto quer para o seu sistema!

- Condutores de sinal: PCUHD (Pure Copper Ultra High Durability) Ø 0.32 mm × 7
- Condutores de sinal:
 - Cobre 6N Ø 0.18 mm × 4 e
 - Cobre 3N com banho de prata Ø 0.18 mm × 16
- Condutores de sinal: Cobre 3N com banho de prata Ø 0.12 mm × 30
- Condutores de sinal: HiFC (High performance pure copper) Ø 0.08 mm × 49
- Condutores de sinal: PCUHD (Pure Copper Ultra High Durability) Ø 0.32 mm × 7
- Condutores de sinal:
 - Cobre 6N Ø 0.18 mm × 4 and
 - Cobre 3N com banho de prata Ø 0.18 mm × 16
- Condutores de sinal: Cobre 3N com banho de prata Ø 0.12 mm × 30
- Condutores de sinal: HiFC (High performance pure copper) Ø 0.08 mm × 49
- Material de absorção: Fibra de algodão
- Blindagem: Fita de alumínio
- Blindagem: Malha de cobre OFC 4N Ø 0.12 mm × 8 × 24
- Isolamento: Elastômero de alta resistência livre de halogênio
- Isolamento: Malha de fibra de nylon
- Diâmetro do cabo: Ø 10 mm
- Isolamento: Polietileno



CABO DE INTERCONEXÃO ORTOFON REFERENCE BLACK

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	11,0
Total	94,0



PONTOS POSITIVOS

Um cabo com excelente performance, construção e uma sonoridade neutra e equilibrada.

PONTOS NEGATIVOS

Sua neutralidade o impede de ser usado como 'bandaid' em sistemas desequilibrados.

Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 4.339

ESTADO
DA ARTE





CABO MAGIS AUDIO FORCE ONE

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

A Magis Audio vêm ampliando seu portfólio de produtos para o mercado hi-end, com diversos lançamentos em 2018, como: produtos para acústica, rack, clamp e, agora, para fechar o ano, apresenta seu primeiro cabo de força. Batizado de Force One, a Magis depois de diversos estudos definiu que o cabo sempre será comercializado com o tamanho mínimo de 2,00 m, pois segundo o fabricante protótipos de menor comprimento não tiveram a mesma performance nos testes auditivos.

Construído em geometria simétrica de alta precisão e constância ao longo de todo o cabo, em 3 vias de 6 mm de bitola para cada condutor, o cabo possui excelente construção e acabamento. Utiliza fios de cobre de alta pureza livre de oxigênio no processo de trefilação (OFC). Ainda segundo o fabricante, possui damping mecânico de dupla ação, possibilitando o escoamento de vibrações mecânicas internas indesejadas.

Ele vem com plugues Furutech Gold, possui duplo revestimento de proteção e um elegante sextavado em alumínio. A Magis fornece o produto 'semi amaciado' realizando um burn-in de 5 dias em

'cable cooker'. Ainda assim o fabricante indica um amaciamento de mais 50 horas para seu melhor desempenho.

Começando a realizar mentalmente uma retrospectiva Hi-End 2018 no Brasil, certamente este ano será lembrado pelo boom de lançamento de cabos nacionais de diversos fabricantes. Isso é muito positivo, pois permite a você leitor ampliar suas escolhas no momento de um upgrade de cabos. O que posso afirmar é que este segmento, nos próximos anos, será muito competitivo, e os cabos nacionais abocanharão uma significativa parcela de mercado. Esperamos que esta tendência também se espalhe para outros nichos, tanto de acessórios quanto de eletrônicos.

Recebi o Force One já com o pré amaciamento e fiz exatamente o que o fabricante sugere: 50 horas de queima, sem ficar mexendo fisicamente no cabo. Como já escrevi acima, o cabo impressiona pela sua robusta construção, acabamento e, apesar de sua bitola, pelo seu fácil manuseio, sem o consumidor ter que fazer malabarismos em locais apertados, ou ganhar uma dor nas costas.

Quanto à metragem mínima, também não houve nenhuma novidade, já que meus cabos de referência da Transparent também não são comercializados em metragem de 1 metro. Mas, ao contrário do Transparent, com seu enorme network, que sofre em locais de pouco espaço físico, o Magis não padece deste mal.

Para o burn-in de 50 horas, achei prudente ligá-lo inicialmente na fonte do pré de phono Tom Evans, já que esta fonte fica permanentemente ligada. E, como estávamos também no amaciamento da cápsula Sumile (leia teste 1 na edição de outubro), ambos sofreram o amaciamento em conjunto.

O Force One, de cara, chama a atenção pelo seu grau de energia e pelo equilíbrio tonal. Mesmo antes do total burn-in, ele já mostra todas as suas qualidades (será mérito dos 5 dias de amaciamento feito pelo fabricante, antes da entrega?). As melhorias após a queima de 50 horas serão pontuais como: melhora do palco sonoro, tanto em largura como profundidade, ampliando a sensação de tridimensionalidade e definição do foco e recorte.

Tirando essas alterações, o Force One já de imediato possui excelente resposta de transientes, autoridade e controle na variação dinâmica (tanto na micro, como na macro), mesmo em passagens de muita complexidade, e ótimo corpo harmônico em qualquer faixa de frequência do espectro audível.

Com a estabilização do cabo, após as 50 horas, passeamos com o Force One em uma dezena de equipamentos, como: amplificadores integrados (válvula e solid state, powers, CD-Players, DACs, prés de linha e até no receptor da TV Sky). O nível de performance dos cabos hi-end é notório, os avanços com o uso de novas técnicas de construção e a nanotecnologia abriram os horizontes, então o que cabe ao consumidor na hora da escolha de um novo cabo é observar como este acessório se comporta em seu setup, se ele está dentro de seu orçamento e, claro, o essencial: o grau de compatibilidade com o sistema. Tengo discutido essa questão internamente na redação, e estamos seriamente propensos a ter este quesito no futuro em nossa metodologia, para a avaliação de cabos.





Pois esse, talvez, seja hoje o quesito de maior importância para o consumidor decidir a compra deste acessório. Pois ele precisa (devido ao seu custo) levar em conta se aquele acessório terá um tempo de vida útil compatível com futuros upgrades. E, como ficamos meses com todos os cabos enviados para teste, e eles são testados em diferentes produtos, essa informação me parece relevante para todos os nossos leitores. Provavelmente esse quesito já esteja sendo utilizado nos futuros cabos que nos forem enviados no próximo ano.

Voltando ao Force One, o fabricante tem toda a razão ao afirmar que seu produto pode ser utilizado em diversos eletrônicos, sejam esses de baixo consumo (como CD-Players ou DACs) ou potentes amplificadores! Ele se saiu muito bem e com alto grau de compatibilidade em todos os produtos utilizados. Na sua faixa de preço, a concorrência é muito acirrada e existem fabricantes com enorme credibilidade atuando há muitos anos no mercado. Então, o fato de ter alta compatibilidade certamente levará o consumidor a colocá-lo como uma opção a ser avaliada em seu sistema.

Mas suas qualidades não se restringem à compatibilidade, pois em todos os quesitos de nossa metodologia ele se mostrou muito equilibrado e correto.

CONCLUSÃO

O mercado ganha muito com o aumento de ofertas de cabos hi-end com excelente custo e performance. Você, consumidor, ganha mais ainda. Se o seu objetivo é galgar degraus até alcançar o patamar de um setup Estado da Arte, e quando faz as contas percebe que seu orçamento esbarra justamente na definição dos acessórios como os cabos, por exemplo, aqui está mais uma boa opção a ser levada em consideração.

O Force One possui todos os atributos necessários para ser colocado na sua mira de cabos que valem a pena uma audição em seu sistema!

PONTOS POSITIVOS

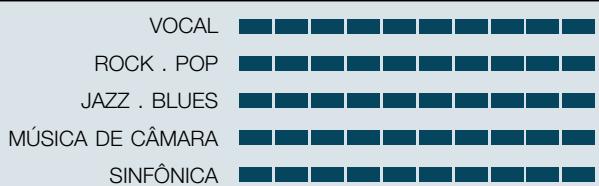
Construção, acabamento e compatibilidade em um cabo muito bem equilibrado tonalmente.

PONTOS NEGATIVOS

Sua metragem, se você não tiver espaço atrás dos equipamentos.

CABO MAGIS AUDIO FORCE ONE

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	11,0
Textura	11,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	11,0
Total	90,0



Magis Audio
(11) 98105.8930
R\$ 3.950

ESTADO
DA ARTE





Museu do Louvre - França

O PÓS-ROMANTISMO NA INGLATERRA E FRANÇA



Omar Castellan
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

A renovação musical da Inglaterra, semelhante à da Espanha, sofreu um longo eclipse, no período em que esteve sob a dominação cultural estrangeira. Desde a morte de Purcell (1695), nenhum grande mestre de origem inglesa havia entrado para a história da música. Surgiram alguns, como John Field (1782 -1852), cujos *Noturnos* para piano cheios de encanto impressionaram Chopin. Somente a partir da segunda metade do século romântico é que surgiram no cenário musical inglês compositores significativos, separados por breve intervalo de tempo: **Elgar, Delius, Vaughan Williams e Holst**.

A imagem popular de **Sir Edward Elgar** (1857-1934) é a de um compositor nacional e, na verdade, neste campo conseguiu expressar adequadamente os sentimentos de sua época. Os reinados da rainha Vitória e de Eduardo VII foram tempos de orgulho para a Grã-Bretanha. Utilizou-se a frase 'um império onde o sol nunca se põe', já aplicada anteriormente aos impérios de Espanha e Portugal. Apesar de a celebrada nobreza de Elgar ter sido considerada evocativa da glória imperial britânica, suas qualidades mais profundas são a aspiração e a nostalgia: aspectos de uma expressão intima- ➤

mente pessoal, mas também de um estilo criado ao final de uma tradição, pois a sua forma sinfônica remonta a Schumann e, no que se refere à transformação temática, a Franck. Seus temas melódicos, bastante originais e muitas vezes expandidos, sugerem uma conexão com Bruckner, em sua estabilidade tonal e rítmica e em seu entrelaçamento de relações harmônicas incomuns. Sua expressão máxima encontra-se na obra sinfônica e no oratório. De religião católica, ele se impôs somente após os quarenta anos, com duas obras: as *Variações Enigma* para orquestra (1899), e o oratório *The Dream of Gerontius* (1900), que lhe deram dois títulos, o de Doutor *Honoris Causa* e de nobreza. As *Variações Enigma* foram intituladas por Elgar como 'Aos meus amigos que aqui se encontram retratados', pois cada variação é dedicada a alguém que ele conheceu: sua esposa, seus amigos, seu editor e até seu cão, demonstrando a sua capacidade exímia em retratar diferentes estados de espírito. O seu título se justifica de duas maneiras - existem dois 'enigmas'. O primeiro diz respeito ao tema em si; a hipótese mais recente sugere que o 'enigma' é, de fato, um tema do andamento lento da *Sinfonia de Praga* (nº 38) de Mozart. O segundo enigma, mais fácil de resolver, abrange cada uma das quatorze variações. Trata-se indiscutivelmente de uma grande obra, calorosa e íntima, que, ainda hoje, mantém o seu frescor. A variação mais famosa é 'Nimrod', um dos mais belos adágios já escritos por um inglês, que costuma ser executado separadamente. Menos um oratório do que uma meditação sobre a imortalidade da alma (a letra é do cardeal Newman), *The Dream of Gerontius* é, predominantemente, reflexivo e espaçoso, tanto para os solistas quanto para o coro, e com alguns momentos primorosos, como, por exemplo, 'O Adeus dos Anjos'. Nas páginas finais da partitura, Elgar escreveu: 'Esta é a melhor parte de mim próprio; quanto ao resto, comi, bebi, dormi, amei e odiei como qualquer outro... se há algo que mereça ficar na vossa memória, é apenas isto'. A sua fama ficou assegurada quando, em 1901, as dinâmicas e bem ritmadas *Marchas de Pompas e Circunstância* foram tocadas pela primeira vez. A glória cerimonial das cinco marchas, especialmente da primeira e da quarta, demonstrou que a boa música pode também ser verdadeiramente popular. Na parte central de cada uma delas há um trio mais melódico de lirismo amplo e generoso. Da melodia do trio da *Marcha* nº 1, mundialmente célebre, Elgar declararia que ela era uma das aquelas só trazidas pela inspiração 'uma vez na vida'.

Entre as primeiras obras de Elgar, encontra-se a agradável e delicada *Serenata para Cordas*, que dá uma pequena ideia das alegres variações que surgiram mais tarde, quando combinou o quarteto de cordas e a orquestra na *Introdução e Allegro* (1905), obra modelo para esse tipo de instrumento. A maior parte dessa partitura célebre foi planejada durante as caminhadas realizadas por Elgar nas colinas de Malvern, e a música é tão despojada e arejada quanto isso sugere. Compôs, também, duas *Sinfônias* (1908 e 1911), que mostram

o compositor no auge de sua força e melancolia - a música é sucessivamente nobre, exuberante, melancólica, calorosamente emotiva e frenética. O seu temperamento instável e apaixonado é novamente evidente no *Concerto para Violino* (1909-10) e no *Concerto para Violoncelo* (1918-19). O *Concerto para Violino* é mais extenso do que a maioria dos outros concertos, o que faz desanimar muitos solistas. O seu começo constitui, talvez, a mais individualista e surpreendente entrada para um instrumento solista da história da música, e o seu final encerra um novo tipo de cadência acompanhada. A obra explora todas as facetas da alma do violino. O *Concerto para Violoncelo* emerge de outro mundo diferente, o do pós-guerra. A sua melancolia e a ausência da bravura adaptam-se de tal maneira ao instrumento que todos os grandes violoncelistas o adotaram como seu. Esta última obra é praticamente a sua última palavra, já que, após a morte de sua esposa, em 1920, o processo criativo de Elgar secou quase completamente e, até à sua morte, apenas produziu obras desenvolvidas a partir de esboços anteriores. Analisando-se a música de Elgar no seu conjunto, é inevitável sentir preferência por esta ou aquela peça. Mas quando a orquestra começa a tocar, essas sutilezas deixam de ter importância, e tudo é dominado por esse maravilhoso fluir de som, derivado de uma total compreensão instrumental e de uma grande capacidade para a escrita musical.

Se Elgar pensava, naturalmente, em termos de sinfonia e de oratório, *Frederick Delius* (1862-1934) era essencialmente um poeta da natureza, cujos matizes orquestrais evocam uma pintura impressionista em tons pastéis. Influenciado pela música negra americana, Debussy e, principalmente, Grieg, as suas melhores obras criam um mundo que é, sem dúvida, dele, e somente dele, em que a cor e a atmosfera são mais importantes do que o argumento e a estrutura. Sua música apresenta uma qualidade sutilíssima, quase amorfia, que a torna difícil de captar numa primeira audição. A princípio, ela parece um perfume, fúlgida sensação destituída de corpo, forma ou substância que deixa atrás de si uma recordação esmaecida, mas deliciosa. Somente depois de um contato íntimo é que os suaves contornos da forma de Delius se tornam claramente perceptíveis e a notável construção de suas partituras se deixa ver por entre a fluida torrente musical. Apesar de sua obra apresentar o poderoso sentido da transitoriedade da experiência humana e a nostalgia aguda de um jardim paradisíaco perdido, ela não consegue exprimir a variedade de emoções humanas demonstrada por Elgar, Fauré e Strauss. Talvez seja essa a razão porque a sua ópera *A Village Romeo and Juliet* (Um Romeo e Julieta de Aldeia) e a *Mass of Life* (Missa da Vida), sobre texto do Zaratustra de Nietzsche, não tenham alcançado tanto êxito, apesar dos belos momentos que encerram. Pode-se descobrir o Delius essencial nas miniaturas orquestrais reflexivas, tais como *On Hearing the First Cuckoo in Spring* (Ao Ouvir o Primeiro Cucu da Primavera), baseada numa melodia folclórica norueguesa, e *Summer Night on the River* (Noite de Verão no Rio). ▶

BIBLIOGRAFIA

O *Concerto para Violino*, com seu tom rapsódico característico, e a obra coral *Sea Drift* (À Deriva no Mar) encontram-se entre as peças de maior envergadura. Muitos anos de sua vida, que passou no seu refúgio rural na França, foram de sofrimento (ficou cego e paralítico devido à sífilis), e só um pouco antes de sua morte Delius alcançou o merecido reconhecimento, graças ao principal defensor de sua música, o regente inglês Thomas Beecham.

Contrastando com Delius, o robusto e longevo **Ralph Vaughan Williams** (1872-1958) foi consciente incentivador de uma escola nacional, e construiu parte de sua riquíssima obra sobre antigas canções folclóricas inglesas, como também cultivou a linguagem dos mestres da época Tudor, tais como William Byrd e Thomas Tallis. Sua pesquisa sobre música popular refletiu-se em sua própria música - seu estilo começou a refletir os torneios melódicos do fraseado e a facilidade harmônica dessas músicas e, também, captou com muita eficácia o espírito da paisagem inglesa em todos os seus estados de alma. Além disso, tal como seu amigo Holst, ele tinha interesse no misticismo, que o influenciou na escrita de muitas partituras. Começou seus estudos com o brahmsiano Bruch e, posteriormente, orquestração com Ravel. Vaughan Williams atingiu sua maturidade musical relativamente tarde (o despertar de seu gênio aconteceu em meados de 1900), participando intensamente da vida musical inglesa durante quase sessenta anos e abordando quase todos os gêneros musicais. Em 1901, completou aquela que iria se tornar a sua obra mais apreciada e conhecida, a *Fantasia sobre um Tema de Thomas Tallis*. Esta partitura arrebatadora para quarteto de cordas solo e duas orquestras de cordas, com textura luxuriante e rica, consiste numa meditação sobre uma das melodias do compositor do século XVI; não são variações, mas uma série ininterrupta de desenvolvimentos, explorando cada implicação da melodia de Tallis numa música de inspiração radiante e de sons estéticos. *The Lark Ascending* (O Voo da Cotovia, 1920), uma *romanza* para violino e orquestra, rapidamente passou a ser uma de suas obras mais populares, descrevendo o voo da cotovia com maravilhosas ascendentes no violino. As nove *Sinfonias* de Vaughan Williams abarcam quase meio século (1910-1958), e representam o cerne do repertório sinfônico inglês, cobrindo uma grande variedade de estilos: a mescla do realismo com o impressionismo; o caráter popular plácido, contrapontístico e sublimado; a violência de uma dissonância demolidora; o êxtase místico etc.; todas elas são reconhecidas de imediato pelo estilo pessoal de que são dotadas. Entretanto, apesar de todas essas características, suas sinfonias não apresentam o consistente desenvolvimento de linguagem que se verifica em Sibelius ou nas óperas de Verdi. Exploram diferentes facetas de uma personalidade que já estava formada antes da Primeira Guerra Mundial. As mais conhecidas são a *Sinfonia Pastoral* (nº 3, 1921) e a *5ª Sinfonia* (1943). Apesar de seu título, a *Pastoral* não tem nada de descritivo e não apresenta cantos populares. De atmosfera contemplativa, com

poucos *fortíssimos* e *allegros*, ela consegue, assim mesmo, evitar a monotonia. A escrita é modal, com um fluxo ininterrupto de melodias muitas vezes pentatônicas. Essas melodias não são desenvolvidas de maneira clássica, integrando-se em uma polifonia diatônica muito cerrada. A luminosa *Quinta Sinfonia* transpõe para um plano mais abstrato a mensagem da *Pastoral*, e faz uso de elementos tomados da ópera *The Pilgrim's Progress* ('A Caminhada do Peregrino').

Contemporâneo de Vaughan Williams, sem chegar a ser tão famoso, **Gustav Holst** (1874-1934), foi um professor muito estimado em Londres. Era fascinado por música folclórica inglesa, ocultismo e misticismo religioso. A sua obra mais conhecida é a suíte para orquestra *Os Planetas* (1914-17), visando representar as disposições humanas associadas aos planetas na astrologia. Quando Holst começou a escrever esta obra, já havia se libertado da influência wagneriana de seus tempos de estudante, e assimilado as características essenciais da canção popular inglesa, entrando em contato com as criações mais recentes dos mais avançados compositores europeus, como Stravinsky, R. Strauss e Schoenberg. Estava, pois, em excelente posição para criar uma obra em que todas essas influências se fundissem numa linguagem própria. Assim, baseando-se nas possibilidades musicais esotéricas, utilizou as características astrológicas dos planetas como inspiração para uma obra orquestral de contrastes dramáticos e efeitos atmosféricos de mudanças de humor. Decidiu compor, então, sete andamentos, ordenando-os de modo a conseguir o máximo efeito musical, e não segundo um estrito rigor astrológico, a fim de produzir 'uma série de estados de alma'. Pode-se imaginar o impacto da música marcial de 'Marte' sobre públicos imersos nos horrores da Primeira Guerra Mundial ou da evocação da sensação oposta, igualmente imaginativa, de imortalidade no coro feminino, fora de palco, no final de 'Netuno'. O efeito mágico é a *Suite St. Paul* para cordas, composta em 1912 - corresponde a mais conhecida de muitas obras que Holst escreveu para músicos amadores da St Paul's Girls' School, em Londres, sendo esta uma atividade em que ele se envolveu com grande satisfação e interesse. A grandiosa obra coral, *The Hymn of Jesus* (1917), possui solenidade bizantina. Esta peça vocal caracteriza-se por contrastes dramáticos de expressão musical e por dois hinos do Canto Gregoriano, o *Pange Lingua* e o *Vexilla Regis*, tocados pelos trombones no prelúdio, e de novo repetidos durante o próprio hino, proporcionando, assim, uma ligação entre as duas seções. *Egdon Heath* (1927), típica composição da maturidade, representa um quadro sinfônico que faz referência à região desolada na costa sul da Inglaterra, evocada por Thomas Hardy em seus livros. Holst considerava esta partitura sua obra-prima. A música evolui lentamente e raramente ultrapassa o *pianíssimo*; critica-se a falta de emoções nessa obra, mas ela descreve muito bem a natureza do tema.

A escola musical francesa, tal como a italiana e a austro-alemã, produziu grandes músicos que se distinguiram por estilos particula-

res, quase sem interrupção, desde a Idade Média. Elas exerceram, com frequência, sobretudo a italiana, uma dominação sobre a música de outros Países. Suas características específicas parecem pouco acentuadas, porque pertencem a um patrimônio europeu e são veladas pelo jogo das influências recíprocas. Os músicos franceses, alemães e italianos não possuem o sentimento de defender uma cultura ameaçada; exprimem seu patriotismo por ocasião de acontecimentos políticos ou culturais, fazendo-o com um sentimento de superioridade. Berlioz foi um dos compositores que exerceram, em todo o século XIX, a mais vasta influência. Entretanto, como a sociedade francesa da época tinha preferência pela música de teatro, ele ficou isolado, pois era um compositor principalmente instrumental. De seus contemporâneos, esse público aceitava os grandes virtuoses que tocavam, geralmente, suas próprias obras. É o caso do célebre violinista-compositor **Henri Vieuxtemps** (1820-1881), do qual sobreviveu dois de seus seis concertos para violino e orquestra: os **Concertos nºs 4 e 5**. Conheceu, ao longo de suas viagens, Spohr e Paganini, estudou com Bériot e Reicha, tornou-se violinista solista do Czar e professor do Conservatório de São Petersburgo, antes de ensinar no Conservatório de Bruxelas, onde seria mestre de Eugène Ysaÿe. Outro desses virtuoses da época foi **Edouard Lalo** (1823-1892), cujo talento somente seria reconhecido depois dos cinquenta anos. Excelente sinfonista, criador do balé francês moderno (*Namouna*, sua obra-prima), Lalo é um independente menosprezado. Entre as suas obras, a **Sinfonia Espanhola para Violino e Orquestra** (1873), escrita para o violinista Pablo Sarasate, e de notável valor musical, ainda continua no repertório. Com essa obra, ele inaugurou na orquestra uma série de obras-primas da música francesa, da qual a Espanha constituirá a semente mais ou menos 'imaginária', exercendo, assim, enorme influência no renascimento da música instrumental na França, apesar de não ser um gênio.

Uma das figuras principais desse renascimento foi **Camille Saint-Saëns** (1835-1921), um verdadeiro 'chefe de escola' para a música francesa - cultivou com sucesso todos os gêneros musicais, foi organizador dinâmico da vida musical parisiense e notável crítico e escritor sobre música. Menino prodígio, com três anos compôs a sua primeira peça para piano; aos seis já estava tendo lições de composição e estudando a partitura de *Don Giovanni*; aos 13, um concertista consumado e, aos 22, tornou-se organista na igreja Madeleine, em Paris, onde permaneceu por vinte anos. Ficou célebre aos 25 anos, provocando a admiração de Berlioz e Liszt. Também foi um excelente pedagogo - Fauré e Messager seriam seus discípulos na Escola Niedermeyer. Mas, apesar de ser um dos mais talentosos compositores de sua época, faltou a Saint-Saëns a personalidade que faz os grandes mestres. Ele é o grande parnasiano da música - escreveu obras perfeitas sem muita profundidade ou amplitude. Interessou-se por tudo e cultivou em sua música um ecletismo que viraria uma confusão se seu lirismo não fosse dominado por um

extremo rigor formal. Admirador e, depois, adversário de Wagner, contribuiu para afastar a música francesa do wagnerismo; ensinando a clareza, a lógica, a perfeição da escrita e o encanto melódico, ele está na origem de uma renovação que levará à filiação de Fauré e Ravel. Com uma carreira excepcionalmente longa (morceu aos 87 anos), Saint-Saëns desfrutou do privilégio de ter conhecido todos os grandes românticos e morrido depois de Debussy. Ele foi assistente de Berlioz e testemunhou a carreira de Debussy, Ravel e Stravinsky. O século XX fará dele o símbolo do academismo na música.

Os anos da década de 1860 foram, provavelmente, os mais felizes e estáveis da vida de Saint-Saëns. Durante esse período, adquiriu rapidamente uma formidável reputação como compositor e pianista virtuoso. Em 1868, o seu **Concerto para Piano nº 2**, escrito em apenas 17 dias, recebeu calorosos elogios de Liszt. Corresponde à sua mais substancial obra concertante - seu primeiro movimento é falsamente grave, como uma tocata para órgão de Bach, mas feita com ironia; o segundo é um *scherzo* com uma seção central galopante, maravilhosa; e, o *finale*, uma animada tarantela. No total, compôs cinco concertos para piano, variando em espírito, desde o gracioso, caprichoso e lírico até o heroico e, no caso do nº 4, o trágico, característica pouco comum em Saint-Saëns. Nas décadas de 1870 e 1880, ele compôs algumas de suas obras de maior qualidade. Escrito em 1872-73, o **Concerto para Violoncelo nº 1** apresenta uma peculiaridade - encadeia os seus três movimentos em um só, com o conjunto da obra revestindo-se na forma de um amplo *allegro* de sonata: exposição e desenvolvimento no 1º movimento, interlúdio central e reexposição no *finale*. A obra, sob esse aspecto, configura-se como um modelo de equilíbrio, clareza e mestria da técnica. O **Concerto para Violino nº 3** merece uma certa atenção pelo seu brilhantismo extremo e sensibilidade requintada, capaz de valorizar não só a técnica, mas também a pureza de emissão do solo. O ilustre Pablo Sarasate, a quem é dedicado, foi o executante da estreia em 1880. Essa obra não pode ser rivalizada com as grandes partituras românticas: os violinistas apreciam-na por sua fluência e facilidade; a obra não passa, apesar disso, de um segundo nível de categoria. O poema sinfônico, a **Dança Macabra** (1874), plena de verve humorística e sutilezas contrapontísticas, é uma de suas obras mais conhecidas. Encontra-se aqui a forma cíclica inventada por Liszt, em que um mesmo tema aparece ao longo de toda a obra. Saint-Saëns alcançou fama mundial quando Liszt estreou em Weimar (1877) sua ópera bíblica **Sansão e Dalila**. O primeiro ato parece de Gluck; o segundo, de Verdi; e o terceiro, de Offenbach. Apesar de ser uma das mais coloridas e melodiosas do repertório, com brilhantes coros e bailados e, além disso, oferecer um papel ideal para um mezzo-soprano de excepcional fascínio, essa ópera apresenta um conjunto pouco estático e se aproxima mais do gênero oratório. A sua partitura mais ambiciosa é a **Sinfonia nº 3 (Sinfonia para 'órgão'**, 1886). Ela dá provas de absoluta mestria tanto no

BIBLIOGRAFIA

plano formal quanto na orquestração, sempre densa e equilibrada, mas, também, denuncia a ausência de 'gênio', congênita no autor - falta-lhe o sopro beethoveniano e a graça schubertiana. Saint-Saëns vingou-se de seus inimigos e invejosos com uma peça espirituosa: *Carnaval dos Animais* (1886), considerada uma 'grande fantasia zoológica', mas que era, na verdade, uma paródia aos muitos animais estranhos da vida musical parisiense, como o mau intérprete, o virtuoso do piano, que procura efeitos exteriores, o crítico e mais um punhado de outros, diante dos quais o próprio compositor não foge absolutamente de uma autocaricatura, pois parodia sua própria *Dança Macabra*. A mais famosa das quatorze peças dessa obra é 'O Cisne', uma melodia para violoncelo, de rara beleza e profunda melancolia.

Se existe uma escola francesa, é graças a um obscuro estranheirgo: **César Franck** (1822-1890), flamengo por parte de pai, alemão por parte da mãe, que só teve o seu primeiro sucesso (com o *Quarteto de Cordas*) como compositor aos 68 anos, o ano de sua morte. Nascido em Liège, Bélgica, foi para Paris com seus pais quando tinha 11 anos e nunca mais deixou esta cidade. Na juventude, estudou contraponto, fuga e composição com o excelente pedagogo tcheco Antonin Reicha; ingressou, depois, no Conservatório de Paris, frequentando aí, principalmente, a classe de órgão. Como organista ocupou vários cargos antes de ser nomeado titular, em 1858, na nova igreja de Sainte-Clothilde, onde, sobre um instrumento construído por Cavaille-Coll, desenvolveu toda a sua carreira de intérprete e improvisador. A partir de 1872, dirigiu, também, a classe de órgão do Conservatório que, devido à riqueza de seu ensino, tornou-se uma verdadeira classe de composição, conhecida como 'a turma de Franck', a nova geração da música francesa: Duparc, D'Indy, Lekeu, Ropartz, Chausson, Pierné etc.

César Franck soube descobrir, em diversos campos musicais, perspectivas que os seus discípulos desenvolveram posteriormente. Suas obras-primas nasceram da fertilidade do seu gênio: romântico por natureza, clássico por inclinação, cristão por convicção, sempre sincero, sempre autêntico, que alia à sua natureza sensual e feminina uma alma forte e masculina. A sua influência foi preponderante no campo do órgão, abrindo novos caminhos, percorridos depois por Widor, Guilmant, Gigout e mesmo Saint-Saëns. Explorou diferentes campos da música de câmara numa época em que os compositores só escreviam obras fáceis ou então destinadas ao teatro e carentes de grandeza, mostrando que pode haver muito mais música num quinteto ou numa sonata do que em toda uma ópera. Consolidou um processo de escrita musical, a 'forma cílica' que, pela reaparição e superposição dos temas na parte final das obras, lhes confere uma sólida arquitetura, bem como unidade; essa técnica foi utilizada, posteriormente, por Debussy e Ravel. Quanto à linguagem, herdada de Beethoven e marcada por Wagner nas peças sinfônicas, se

caracterizou por escrita mutante, cromatizada, rica em modulações; uma sensualidade áspera exala-se dela, algumas vezes, manchando a imagem religiosa do 'Pater Seraphicus' que quis perpetuar.

Bom, modesto e apagado, César Franck conhecerá seus primeiros grandes sucessos públicos numa idade avançada, a partir da qual produziu a maior parte de suas obras-primas (de 1876 a 1890). O que Frank criou não foi muito, mas foi tudo do mais alto valor. As peças essenciais para órgão (*Six Pièces*, *Trois Pièces*, *Trois Chorals*) fazem parte do repertório, mas, apesar de serem belas, são peças para o virtuosismo e improvisação, nada mais que isso. Obra de religiosidade meditativa é o *Prelúdio, Coral e Fuga* para piano. Sobre ele, o famoso pianista francês, Alfred Cortot, fez o seguinte comentário: 'sem dúvida, é uma das dez partituras que levaríamos para uma ilha deserta'. O *Quinteto para Piano e Cordas*, o primeiro da literatura francesa, é uma partitura monumental pela diversidade do seu conteúdo expressivo e pela complexidade da sua construção. Impera nele uma potência sonora, evocando a do órgão ou da orquestra, e que confere ao conjunto algo de rico e de pesado, ao mesmo tempo. Depois de Beethoven e Schubert, o *Quarteto para Cordas em Ré Maior*, pelas suas sutilezas harmônicas e estruturais, é considerado como a mais poderosa obra nesse gênero até o aparecimento dos grandes quartetos de Bartók. A *Sonata para Violino e Piano em Lá Menor*, obra-prima da forma cílica, alia o misticismo à exaltação religiosa no melhor estilo do compositor belgo-francês - o ponto alto de sua música camerística. Somente quando o famoso violinista Eugène Ysaÿe levou para turnês mundiais essa magnífica obra, incidiu um pouco de luz sobre a vida obscura de César Franck. As *Variações Sinfônicas* para piano e orquestra não representam uma obra propriamente concertante: as variações são baseadas na progressão de uma ideia geradora, para a qual o piano e a orquestra contribuem em partes iguais; o piano jamais apresenta um papel de instrumento solista, e a própria orquestra, surpreendentemente leve, se contenta em criar um enriquecimento de cores e ritmos. Considerada como uma das maiores obras do século XIX, a *Sinfonia em Ré Menor*, com um amplo sentido das possibilidades modulatórias, reúne o espírito do coral, a unidade cílica, a construção beethoveniana e o universo poético de Liszt; é a obra sinfônica mais representativa de um período 'germanizante', ainda que nacionalista, na música francesa. Ela pode suscitar, também, uma interpretação 'teológica': seria um ato de fé religioso - a purificação progressiva do homem, e seu triunfo pela redenção.

O adepto mais fiel de Franck foi **Vincent D'Indy** (1851-1931) que, após a morte daquele, fundou a *Schola Cantorum* em Paris, da qual se tornou diretor e professor de composição. A escola que se formou em torno dele vai opor-se sistematicamente ao 'debussysmo', exaltando a ordem e o rigor perante a sensualidade e a liberdade. Sobreviveu nas salas de concerto a sua *Sinfonia sobre um Canto* ▶

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics



Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

BIBLIOGRAFIA

Montanhês Francês, também chamada *Symphonie Cénebole*, uma das mais belas composições do Romantismo tardio; nela, a melodia da canção popular encontra-se inserida na atmosfera cambiante de cada movimento musical com preciosismo, mostrando como é autêntico o sentimento da natureza. D'Indy desperdiçou o talento com seus princípios e sua falta de intuição; ele não percebeu que estava tirando o franckismo do eixo e se tornou estéril. Não poderia ser seguido porque não tinha outra estética a propor, além de uma vaga expiação do pecado romântico e democrático. No entanto, dois outros alunos de Franck ofereceriam estéticas mais sutis: **Ernest Chausson** (1855-1899), o esquecido, que morreu prematuramente, e que deu plena medida do seu forte talento na *Sinfonia em Si Bemol Maior*, no *Poema* (obra de bela sonoridade para violino e orquestra), no originalíssimo *Concerto para Violino, Piano e Quarteto de Cordas* e nas suas *Coleções de Canções*, em que abundam excelentes trabalhos (*Poème de L'Amour et de La Mer*, *Chanson Perpétuelle*, *Le Charme*, *Le Colibri* etc.); e **Henri Duparc** (1849-1933), que foi longevo, mas, devido a uma grave doença nervosa, teve de parar prematuramente de compor - uma das maiores perdas da música nos tempos modernos. Ele aplicou a linguagem de Franck no *lied*, que é mais patético e retórico que o *lied* romântico alemão. Artista refinado, nos seus poemas líricos, os elementos românticos e o simbolismo literário são tratados com uma emoção e uma nitidez pouco habituais na França de sua época. As suas frases melódicas têm um esplendor nobre, uma inspiração contínua e um sentimento sempre coerente com a poesia; adaptam-se exatamente ao ritmo da língua falada francesa. Duparc é considerado o maior mestre francês do século XIX nesse gênero musical - escreveu *Chanson Triste*, o seu lied mais famoso, mas também são importantes *L'Invitation au Voyage*, *La Vie Antérieure*, *Elégie* etc.

Do grupo dos compositores (Saint-Saëns, Franck, Lalo, Massenet, Bizet, Duparc e Fauré) que, em 1871, fundaram a Sociedade Nacional, a *Ars Gallica*, e que tinha como objetivo renovar a música francesa, **Gabriel Fauré** (1845-1924) é o único que produziu obras representativas no século XIX e XX. Foi um inovador, cuja importância teria sido mais bem percebida se sua arte desconcertante não estivesse eclipsada pelo gênio de Debussy. A sua sensibilidade plenamente francesa, inimiga da ênfase, exprime-se através da clareza melódica e das mil e uma sutilezas da escrita harmônica (predileção marcada pelas surpresas enarmônicas). De uma produção que não é imensa, mas de qualidade, nobre e serena, destacam-se a música vocal (do *Requiem* aos ciclos de melodias *La Bonne Chanson* e *L'Horizon Chimérique*), a música para piano e as grandes obras de música de câmara.

Na sua evolução, Fauré conservou a homogeneidade de estilo e uma estabilidade de espírito, capazes de resistir ao ímpeto das novas tendências artísticas. Foi sempre fiel a si próprio e aos seus mo-

delos: Schumann, Chopin, Mendelssohn e Gounod, levando suas formas de expressão até os últimos limites do seu tempo, o que, de certo modo, o coloca como um inovador do seu próprio estilo. Seu *Requiem* pertence ao rol das obras-primas da música sacra: deixa de lado os terrores do *Dies Irae* de Berlioz ou Verdi e edifica, em compensação, as partes angelicalmente consoladoras. Poucas partituras são tão confortadoras quanto essa. A marca mais importante da arte francesa do *lied* é a intensa pintura da ambientação - do romanticismo sonhador de Fauré e Duparc falta apenas um pequeno passo para o impressionismo enlevado por Debussy. A arte aristocrática, util, impermeável à grandiloquência com que Fauré se aproximou da poesia de Verlaine, para construir a canção francesa mais autêntica (*Après un Rêve*, *Les Berceaux*, *Mandoline*, *Les Roses D'Ispahan*, *Clair de Lune*, *Prison*, *Soir*, *Automne*, *Au Bord de L'Eau* etc.) é um dos pontos culminantes do renascimento musical de seu País, e representa a encarnação lírica da cultura francesa mais genuína. Ele criou, também, uma escrita pianística minuciosamente não conformista (*Improvisos*, *Noturnos*, *Barcarolas*, *Prelúdios* etc.), da qual a geração seguinte se tornará devedora. Com sua harmonia movediça e 'blue notes' em ruptura de equilíbrio, ela é muito mais livre e original que a dos franckistas. Sua música de câmara testemunha uma vitalidade e paixão pouco comuns. As *Sonatas para Violino e Piano* e as *Sonatas para Violoncelo e Piano* são encantadoras; já o *Quinteto para Piano e Cordas nº 2* e o *Quarteto para Cordas* apresentam valor extratemporal - são obras da maturidade e sabedoria metafísica. O *Quinteto* ocupa um lugar proeminente na música de câmara francesa, e se situa, certamente, entre as maiores obras desse gênero alguma vez escritas; tem o fôlego e o esplendor da obra de Schumann. Menos brilhante e sedutor que os de Debussy e Ravel, o *Quarteto* de Fauré atinge, no entanto, picos infinitamente mais altos, mas o erro dos intérpretes, em particular, é talvez ensombrecê-lo e congelá-lo na severidade, quando a obra se acomoda muito bem a uma abordagem 'mais leve', tal como Fauré desejou para o seu último andamento.

Autodidata independente, amigo de Manet e de Verlaine, **Emmanuel Chabrier** (1841-1894), felizmente, não tem a seriedade de Saint Saëns ou da 'turma de Franck', mas já preludia à crise da música francesa com seus contrastes harmônicos audaciosos e irregularidade intencional dos ritmos. Foi buscar na música popular suas escalas modais, o livre tratamento da dissonância, verve rítmica, inventividade dinâmica e uma espécie de ingenuidade requintada, que é o encanto da sua música. Sua obra mais conhecida é a brilhante rapsódia orquestral *España* (1883), partitura precursora do espanholismo de Debussy e Ravel; no entanto, seu talento natural para o lírico, o cômico e o colorido fica mais evidente nas *Obras para Piano*, principalmente no *Impromptu*, nas dez *Pièces Pittoresques*, no *Bourré Fantasme* e nas *Valses Romantiques*.

O último franckiano, **Albert Roussel** (1869-1937), estudou com D'Indy na *Schola Cantorum*, começou como romântico, passou pelo impressionismo, contribuindo para a eclosão da crise da música romântica na França, e aspirou, por último, ao Neoclassicismo. É, sobretudo, por suas suítes de balé (**O Festim da Aranha, Baco e Ariadne**), pelas **Sinfonias nos 2, 3 e 4**, a **Suíte em Fá** e a **Sinfonietta para Cordas** que Roussel permanece mais conhecido do público de concerto. Homem de excepcional caráter, tanto por qualidades de coração como de espírito, ele se entregou por inteiro à sua arte. Nela, ele concilia plenamente o ideal do rigor formal proposto pela *Schola* com a mais viva imaginação, através de um sentimento inteiramente panteísta da natureza e um senso inato da 'vida interior'. Os traços mais característicos de sua arte são: a recusa, desde cedo, de todo elemento pitoresco (queria escrever uma música que se satisfizesse a si mesma, definitivamente afastada de toda localização no espaço); a amplidão das frases melódicas de curvas longas e sinuosas; uma harmonia simultaneamente áspera, refinada e flutuante, de essência contrapontística, baseada na assimilação de certas escalas modais do Extremo Oriente; a transparência e o esplendor das polifonias instrumentais; e, também, claras acentuações rítmicas, que tornam sua música imediatamente reconhecível. Nem epílogo, nem inovador, Roussel abraçou com força o seu tempo, excluindo apenas as tendências atonais, cujo princípio recusou categoricamente.

À mesma geração pertence **Paul Dukas** (1865-1935). Estudou no Conservatório de Paris, onde foi professor de composição. Inteligente

e culto, ele sempre soube descobrir e utilizar em seu proveito as mais preciosas qualidades de seus predecessores e contemporâneos: seus mais ilustres alunos foram Messiaen e Rodrigo, o célebre autor do *Concerto de Aranjuez* para violão. Embora pequena, a produção de Dukas é pessoal e cuidadosa, desviando-se do estilo impressionista. Ele conquistou o sucesso (e o azar, também) com uma única obra: **O Aprendiz de Feiticeiro** (1897), um poema sinfônico (scherzo orquestral) que, posteriormente, Walt Disney eternizou no desenho animado *Fantasia*, com Mickey lutando contra as vassouras. Magistral na forma e na orquestração, essa obra evoca o humor e o sentido profundo do poema de Goethe, do jovem feiticeiro que tenta repetir a façanha de seu mestre (fazer com que as vassouras enchem baldes d'água), mas obtendo resultado desastroso e hilariante. É inevitável o paralelo com *Till Eulenspiegel*, surgido um pouco antes: os dois poemas sinfônicos tratam de temas cheios de humor e profundo significado, fazem rir e provocam reflexão. Isso fez com que Dukas fosse chamado de 'Richard Strauss francês'; mas existem abismos, pelo menos quanto à estética, entre os dois compositores. **O Aprendiz de Feiticeiro** é uma peça bem pouco representativa do verdadeiro estilo de Dukas; infelizmente, ela eclipsou suas verdadeiras obras-primas - o belo 'conto lírico' **Ariane et Barbe-Bleu**, o balé **La Péri**, a **Sinfonia em Dó Maior** e peças para piano, como as **Variações sobre um Tema de Rameau** e a **Sonata**, de fôlego beethoveniano. Delas emana uma impressão de nobreza, de equilíbrio e de beleza helênica, em que se oculta uma sensibilidade discreta. ■



Arco do Triunfo - França

BIBLIOGRAFIA

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Elgar

- **Obras Orquestrais:** Barbirolli / Philharmonia; Hallé O.; London SO - EMI 0954442 (5 CDs).
- **Obras Corais:** Boult / Ledger / London P. and Choir; New Philharmonia O. - EMI 367931-2 (6 CDs).
- **Sinfonias:** Barbirolli / Hallé O. - Major Classics 008 (2 CDs) ou Boult / London PO - EMI 'British Composers' 382151-2 (2 CDs) ou Downes / Daniel / Bournemouth SO - Naxos 8.503187 (3 CDs) ou Solti / London PO - Decca 'Double' 443856-2 (2 CDs).
- **Sinfonia nº 1:** Boult / London SO - EMI 747204-2 ou Davis / London SO - LSO Live 0017.
- **Sinfonia nº 2:** Boult / London SO - EMI 764014-2 ou Handley / LPO - Classics for Pleasure 575306-2.
- **Variações Enigma:** Monteux / London SO - Decca 452303-2 ou Barbirolli / Hallé O. - EMI 'Great Conductors' 575100-2 (2 CDs) ou Davis / BBC SO (+ *Abertura Cockaigne; Introdução e Allegro e Serenata para Cordas*) - Warner 'Apex' 41371-2 ou Boult / LSO (+ *Marchas de Pompa e Circunstância*) - EMI 623077-2.
- **Concerto para Violino:** Kennedy / Rattle / Birmingham SO - EMI 503417-2 ou Kennedy / Handley / London SO (+ *Introdução e Allegro*) - EMI 433287-2 ou Kang / Leaper / Polish RO (+ *Abertura Cockaigne*) - Naxos 8.550489.
- **Concerto para Violoncelo:** Du Pré / Barbirolli / London SO (+ *Abertura Cockaigne*) - EMI 623075-2 ou Ma / Previn / London SO - Sony 89712 ou Mork / Rattle / Birmingham SO - Virgin 545562-8 ou Théodore / Markiz / Malmö SO - Bis 486.
- **The Dream of Gerontius:** Boult / Gedda / Watts / Lloyd / New Philharmonia O. and Ch. - EMI 566540-2 (2 CDs) ou Barbirolli / Lewis / Baker / Borg / Hallé O. - EMI 573579-2 (2 CDs).

Delius

- **English Music (Delius etc.):** Beecham / Royal PO - EMI 909915-2 (6 CDs).
- **The Delius Collection:** Handley / Royal PO - Heritage (7 CDs).
- **Paris; The Walk to the Paradise Garden; In a Summer Garden; On Hearing the First Cuckoo in Spring; Summer Night on the River; Brigg Fair:** Davis / BBC SO - Warner 'Apex' 389084-2.

Vaughan Williams

- **Fantasia sobre um Tema de Thomas Tallis:** Barbirolli / London SO; Allegri Quartet (+ obras de Elgar) - EMI 567264-2 ou Warren-Greens / The London Chamber O. (+ *The Lark Ascending; Fantasia on 'Greensleeves'* e obras de Elgar) - Virgin 90819-2 ou Boughton / Bourgue / English String O. (+ *Oboe Concerto; Concerto Grosso; Fantasia on 'Greensleeves'; Five Variants on 'Dives and Lazarus'*) - Nimbus 5019.
- **Sinfonias (Integral):** Previn / London SO - RCA 55708 (6 CDs) ou Handley / Royal Liverpool PO - Classics for Pleasure 575760-2 (7 CDs).
- **Sinfonias nºs 3 e 4:** Previn / London SO - RCA 60583 ou Hickox / London SO - Chandos 10001.
- **Sinfonia nº 5:** Hickox / London SO - Chandos 9666 ou Bakels / Bournemouth SO (+ *Sinfonia nº 9*) - Naxos 8.550738 ou Handley / Royal Liverpool PO - Classics for Pleasure 575311-2.

Holst

- **Os Planetas:** Dutoit / Montreal SO - Decca 417553-2 ou Gardiner / Philharmonia O. - DG 445860-2 ou Karajan / Wiener P. / Decca 4758225 ou Previn / London SO - EMI 492399-2.
- **Egdon Heath:** Davis / BBC SO (+ *The Planets*) - Warner 'Apex' 89087-2 ou Previn - EMI 562615-2.
- **St. Paul's Suite (English String Classics):** Warren-Green / Royal PO (+ obras de Britten, Vaughan Williams e Elgar) - Warner 'Apex' 61437-2).

Vieuxtemps

- **Concertos para Violino nºs 4 e 5:** Perlman / Barenboim / O. de Paris - EMI 566058-2 ou Grumiaux / O. Lamoureux - Philips 'Eloquence' 4428561.
- **Concerto para Violino nº 5:** Heifetz / London NOS - RCA 'Living Stereo' 71622-2 (SACD) ou Chang / Dutoit / Philharmonia O. - EMI 555292-2.

Lalo

- **Sinfonia Espanhola:** Chang / Dutoit / Concertgebouw O. - EMI 555292-2 ou Repin / Nagano / London SO - Erato 39842273142 ou Tetzlaff / Pesek / Czech PO - Virgin 561910-2

DISCOGRAFIA SELECIONADA

ou Ansermet / O. Suisse Romande (+ *Namouna; Andantino; Scherzo em Ré Menor e Fantasia Norueguesa*) - Decca 'Eloquence' 4800049 (2 CDs).

Saint-Saëns

- **Concertos para Piano (Integral):** Hough / Oramo / Birmingham SO - Hyperion 67331/32 (2 CDs) ou Malikova / Sanderling / WDRS Köln - Audite 916501 (2 SACDs).

- **Concerto para piano nº 2:** Gilels / Cluytens / OC de Paris - EMI 345820-2 ou Rubinstein / Ormandy / Philadelphia O. - RCA ('Rubinstein Collection', Vol. 70) 63070-2 ou Duchâble / Lombard / OP de Strasbourg (+ **Concerto para Piano nº 4**) - Erato 88002.

- **Concerto para Violino nº 3:** Bakels / Kantarow / Tapiola S. - Bis 1470 ou Graffin / Brabbins / BBC SSO - Hyperion 67074.

- **Concerto para Violoncelo nº 1:** Rostropovich / Giulini / London PO - 623078-2 ou Ma / Maazel / ON de France - Sony 89873.

- **Danse Macabre; Havanaise; Introduction & Rondo Capriccioso; La Jeunesse D'Hercule; Marche Héroïque; Phaéton; Le Rouet D'Omphale:** Chung / Dutoit / Royal PO; Philharmonia O. - Decca 425021-2.

- **Sinfonias (Integral):** Martinon / ORN Française - Brilliant 94360 (2 CDs).

- **Sinfonia nº 3 (para 'órgão):** Munch / Zamkochian/ Boston SO - RCA 'Living Presence' 61357-2 (SACD) ou Chung / Matthes / - DG 435854-2 ou Dutoit / Hurford / Montreal SO - Decca 'The Originals' 4757728 ou Paray / Dupré / Detroit SO - Mercury 432719-2.

- **O Carnaval dos Animais:** Argerich / Freire / Maisky - Philips 'Duo' 446557-2 (2 CDs) ou Braley / Dalberto / Capuçon - Virgin 545602-2 ou Pieplu / Tharaud / Cabasso - Arion 68496.

- **Sansão e Dalila:** Chung / Meier / Domingo / O. Ópera-Bastille de Paris - EMI 088198-2 (2 CDs) ou Prêtre / Vickers / Gorr / O. Ópera de Paris - EMI 567598-2 (2 CDs).

Franck

- **Grandes Obras para Órgão (Três Corais e Seis Peças, Op. 16-21):** Marie-Claire Alain - Warner 'Apex' 461428-2 (2 CDs) ou Isoir - Calliope (France) 9920/21 (2 CDs).

- **Prelúdio, Coral e Fuga:** Hough - Hyperion 66918 ou Fiorentino - APR 5563 ou Bolet - Decca 421714-2 (+ Variações Sinfônicas) ou Rubinstein - RCA ('Rubinstein Collection', Vol. 11) 63011-2 ou Perahia - Sony 47180.

- **Sonata para Violino e Piano:** Danczowska / Zimerman - DG 'Originals' 4775903 ou Poulet / Lee - Arion 68210 (France) ou Chung / Lupu - Decca 421154-2 ou Mintz / Bronfman - DG 4775448 (2 CDs).

- **Quarteto para Cordas:** Dante Quartet (+ Fauré: Quarteto para Cordas) - Hyperion 67664 ou Spiegel String Quartet (+ Chausson: Quarteto para Cordas) - MDG 6441391.

- **Quinteto para Piano e Cordas:** Levinas / Quatour Lwdwig (+ Chausson: Quarteto para Cordas) - Naxos 8.553645 ou Ortiz / Fine Arts Quartet (+ Franck: Quarteto para Cordas) - Naxos 8.572009 ou Michiels / Spiegel String Quartet (+ Chausson: Quarteto para Piano e Cordas) - MDG 64413512.

- **Variações Sinfônicas:** Curzon / Boult / London SO (+ Brahms: Concerto para Piano nº 1 etc.) - Decca 'Legends' - 466376-2 ou Bolet / Chailly / Concertgebouw O. - Decca 421714-2.

- **Sinfonia em Ré Menor:** Monteux / Chicago SO - RCA 'Living Presence' 67897-2 (SACD) ou Beecham / ORTN Française - EMI 562949-2 ou Bernstein / ON de France - DG 400070-2 ou Tortelier / BBC PO - Chandos 9875 ou Munch / Boston SO - RCA 58332.

D'Indy

- **Sinfonia sobre um Canto Montanhês Francês:** Dutoit / Thibaudet / Montreal SO - Decca 430278-2 ou Baudo / Ciccolini / Toulouse CO - EMI 763952-2.

Chausson

- **Poema para Violino e Orquestra:** Handley / Graffin / Royal Liverpool PO - Avie 2091 ou Dutoit / Chung / Royal PO - Decca 460006-2.

- **Sinfonia em Si Bemol Maior:** Tortelier / BBC PO - Chandos 9650 ou Janowski / O. Suisse Romande (+ Franck: Sinfonia em Ré Menor) - Pentatone 786 (SACD).

BIBLIOGRAFIA

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- **Concerto para Violino, Piano e Quarteto de Cordas:** Perlman / Bolet / Juilliard String Quartet - CBS Masterworks 37814 ou Bell / Thibaudet / Takács Quartet - Decca 4756709 (2 CDs).

- **Poema do Amor e do Mar:** Graham / Tortelier / BBC SO - Warner 61938-2 ou Norman / Jordan / Monte Carlo PO (+ Canções) - Warner 'Apex' 48992-2.

Duparc

- **Mélodies:** Walker / Allen / Vignoles - Hyperion 66323 ou Borst / Le Roux / Cohen - REM 311049 ou Souzay / Baldwin - Regis 1236.

Fauré

- **Requiem:** Herreweghe / La Chapelle Royale; Collegium Vocale Gand (versão 1893) - Harmonia Mundi 901292 ou Rutter / City of London Sinfonia (versão 1893) - Collegium 109 ou Best / English CO; Corydon Singers (versão 1893) - Hyperion 66292 ou Herreweghe / La Chapelle Royale; Collegium Vocale Gand (versão 1901) - Harmonia Mundi 901771.

- **Obras Orquestrais (Pelléas et Melisande; Après um Rêve; Pavane; Elégie; Dolly):** Ozawa / Boston SO / Tanglewood Festival Chorus - DG 423089-2.

- **Barcarolles (a); Nocturnes (b); Valses Caprices, Pièces Brèves e Impromptus (c):** Thyssens-Valentin - Testament 1215 (a), 1262 (b) e 1263 (c).

- **Obras para Piano (Integral):** Stott / Roscoe - Hyperion 66911/14 (4 CDs) ou Hubeau - Erato 2292450232 (4 CDs) ou Collard - Brilliant 94035 (4 CDs).

- **Música de Câmara (Integral):** R. Capuçon / G. Capuçon / Angelich / Ebene / Causse - Virgin 0708752 (5 CDs) ou Ames Piano Quartet / Nash Ensemble etc. - Brilliant 92337 (5 CDs).

- **Quarteto para Cordas:** Dante Quartet (+ Franck: Quarteto para Cordas) - Hyperion 67664 ou Leipzig Quartet (+ Debussy: Quarteto para Cordas) - MDG 3071430.

- **Quintetos para Piano:** Quintetto Fauré di Roma - Claves 50-8603 ou Domus Quartet / Marwod - Hyperion 66766.

- **Mélodies:** Souzay / Emillling / Baldwin - Brilliant 92792 ou Hendricks / Dalberto - EMI 749841-2 ou Otter / Forsberg - DG 447752-2.

Chabrier

- **España:** Paray / Detroit SO - Mercury 434303-2 ou Argenta / London SO - Decca 443580-2 ou Ansermet / O. Suisse Romande - Decca 'Eloquence' 4800049.

- **Obras para Piano:** Planès - Harmonia Mundi 1951465 ou Stott - Regis 1133.

- **Obras Orquestrais, Vocais e para Piano:** Beecham / Barbirolli / Meyer etc. - Magdalen 8015.

Roussel

- **Sinfonias (Integral):** Janowski / OPR France - RCA 62511-2 (2 CDs) ou Dutoit / ON de France - Warner 'Elatus' 464349-2 (2 CDs).

- **Baco e Ariadne - Suites nºs 1 e 2 (a); Aeneas - Balé Completo (b); O Festim da Aranha (c); Sinfonia nº 2 (d):** Martinon / O. Nat. de l'ORTF - Erato 60576-2 (a) e (b); Erato 60577-2 (c) e (d).

- **O Festim da Aranha; Baco e Ariadne (Suite nº 2); Sinfonietta para Cordas:** Cluytens / O. Conservatoire de Paris - EMI 'Artist Profile' 569220-2 (2 CDs).

- **Baco e Ariadne (Balé Completo); O Festim da Aranha:** Tortelier / BBC PO - Chandos 9494.

- **Suite em Fá:** Paray / Detroit SO (+ Obras de Chabrier) - Mercury 434303-2.

Dukas

- **O Aprendiz de Feiticeiro:** Levine / Berlin PO (+ Saint-Saëns: Sinfonia nº 3) - DG 419617-2.

- **O Aprendiz de Feiticeiro; Sinfonia em Dó Maior; La Péri; Amours; Vilanelle; Sonata para Piano:** Martinon / Plasson / Ogdon / Jaroussky / Dervaux / O. du Capitole de Toulouse - EMI 678388-2 (2 CDs).

- **O Aprendiz de Feiticeiro; La Péri; Sinfonia em Dó Maior:** López-Cobos / Cincinnati SO - Telarc 80515.

- **Obras para Piano:** Hubeau - Warner 'Elatus' 748996-2 ou Rapetti - Brilliant 9160 (2 CDs).

- **Ariane et Barbe-Bleu:** De Billy / Vienna RSO; Slovak Phil. Ch. - Brilliant 94254 (2 CDs).

CAIXA ESPECIAL
VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº 1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que “registra” em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS N° 1 E 2:

- Faixa 01
- Faixa 02
- Faixa 03
- Faixa 04
- Faixa 05
- Faixa 06
- Faixa 07
- Faixa 08

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

movie play
DIGITAL MUSIC

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

/movieplaydigital
 @movieplaybrasil
 "movieplaydigital"
(11) 3115-6833

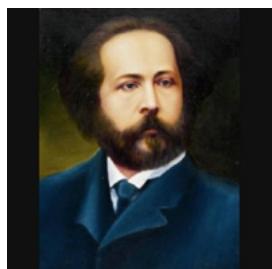


ROMANTISMO - NACIONALISMO NA MÚSICA III - ESCOLAS INGLESA E FRANCESA

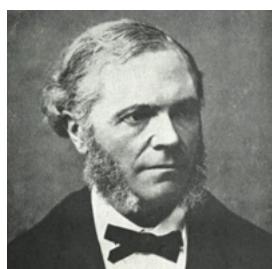


Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

PRINCIPAIS COMPOSITORES



Edouard Lalo: nascido em Lille, no norte da França, em 1823. Estudou no Conservatório da cidade e, aos 16 anos, no Conservatório de Paris com François Antoine Habeneck. Depois trabalhou como professor de música e fundou o Quarteto Armingaud, onde tocou viola, e logo em seguida violino. Casou-se em 1865 com a contratista Julie Besnier de Maligny, o que despertou seu interesse pela ópera, mas suas composições foram consideradas progressivas e wagnerianas demais. Mais tarde, obras como a Sinfonia Espanhola e Le Roy d'Ys começaram a dar-lhe notoriedade. Em 1880 foi nomeado cavaleiro da Legião de Honra, e faleceu em Paris em 1892, deixando várias obras inacabadas. Seu filho, Pierre Lalo, foi um famoso crítico de música na França, de 1898 até sua morte em 1943.

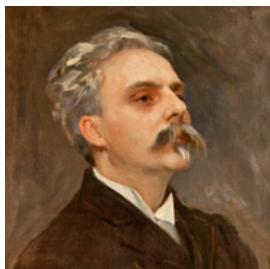


Cesar Franck: nascido em Liège, na Bélgica, em 1822. Radicado e naturalizado francês, começou seus estudos em sua cidade natal e, aos 13 anos, passou a ter aulas particulares com o compositor Anton Reicha em Paris e, depois, no Conservatório de Paris. Dedicando sua vida mais ao ensino e ao trabalho como organista, conquistou fama como grande improvisador e como demonstrador dos órgãos construídos por Aristide Cavaillé-Coll. Em 1858 assumiu como organista da Basílica de Santa Clotilde, em Paris, cargo que ocupou até o fim de sua vida, além de ser professor no Conservatório de Paris, onde teve como alunos Vincent D'Indy e Ernest Chausson. Faleceu em 8 de novembro de 1890, de complicações por conta de um resfriado que virou pleurite. Em sua missa e funeral estavam presentes vários nomes da música francesa, como Delibes, Saint-Saëns, Fauré, Lalo e Chabrier.



Camille Saint-Saëns: nascido em Paris, em 1835. Perdeu o pai pouco tempo após seu nascimento e foi criado por sua mãe e uma tia, que começou a ensinar-lhe piano. Demonstrationando precocidade, aos sete anos já compunha e, aos dez, tocava peças complexas de Mozart e Beethoven, logo se apresentando pela primeira vez em Paris, em 1846. Aos 13 anos foi estudar no Conservatório de Paris. Logo se tornou organista na Igreja de Saint-Merri e depois, durante os próximos 20 anos, na Igreja da Madeleine. Mais tarde tomou gosto por viajar, conhecendo vários países e chegando a fazer concertos no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1899. Faleceu em um quarto de hotel na Argélia, em 1921, deixando um grande legado de sinfonias, concertos e óperas de música sacra e profana.

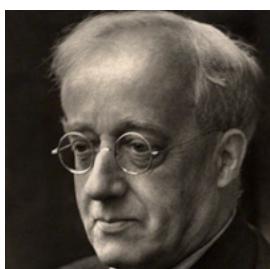
PRINCIPAIS COMPOSITORES



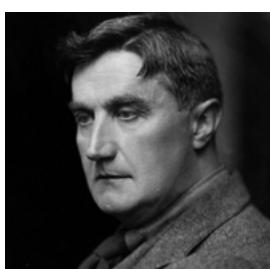
Gabriel Fauré: nascido em Pamiers, no sul da França, em 1845. Em Montgauzy, na escola onde seu pai era professor, havia uma capela que tinha um harmônio, onde descobriu-se o dom de Fauré para a música, e logo ele foi enviado para estudar na recém-fundada École de Musique Classique et Religieuse, de Louis Niedermeyer, em Paris, por uma bolsa dada por sua diocese, onde permaneceu por 11 anos. Niedermeyer, cujo objetivo era formar organistas, era focado em música religiosa, mas, com sua morte, Saint-Saëns assumiu o cargo e introduziu a música de compositores como Schumann, Liszt e Wagner nos estudos. Fauré ficou impressionado com Wagner, mas preferiu desenvolver seu próprio estilo. Dedicou-se ao trabalho como organista e compositor, o que lhe dava tempo para compor, chegando a ser diretor do Conservatório de Paris e organista da Igreja da Madeleine. Aos 75 anos, em 1920, aposentou-se do Conservatório devido à avançada surdez. Faleceu quatro anos depois, em novembro de 1924, de pneumonia.



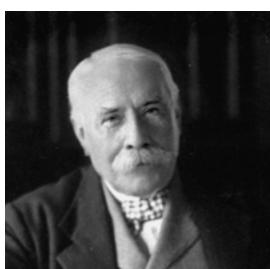
Paul Dukas: nascido em Paris, em 1865. Fez aulas de piano quando era criança, mas não demonstrou talento especial até os 14 anos de idade, quando começou a compor. Aos 16 anos entrou para o Conservatório de Paris, onde teve como colega Claude Debussy, de quem se tornou grande amigo. Menos de dez anos depois deixou o Conservatório e, após o serviço militar, estabeleceu-se como crítico de música e compositor. Era um perfeccionista, e acabou por destruir muitas das partituras que escreveu, descontente com sua qualidade. Em 1916, casou-se com Suzanne Pèreira, com quem, três anos depois, teve uma filha, Adrienne-Thérèse. Nos últimos anos de sua vida, se tornou bastante conhecido como professor de composição no Conservatório de Paris, a partir de 1927, e na École Normale de Musique de Paris. Entre seus alunos estavam Maurice Duruflé, Olivier Messiaen e Joaquim Rodrigo. Dukas faleceu aos 69 anos em Paris, em 1935.



Gustav Holst: nascido em Cheltenham, na Inglaterra, em 1874, de uma família onde pelo menos um membro em cada uma de suas três gerações anteriores havia sido músico profissional. Seu pai era professor de piano, organista e mestre do coro em Cheltenham, e sua mãe era cantora e pianista. Teve aulas de violino e piano, instrumento ao qual seu pai esperava que ele se dedicasse, mas aos 13 anos de idade passou a tocar trombone, devido a uma neurite que lhe dificultava tocar piano. Foi estudar no Royal College of Music, onde conheceu e tornou-se grande amigo de Ralph Vaughan Williams e onde, em 1919, se tornaria professor de composição. Participou como trombonista em várias orquestras, mas logo voltou a dedicar-se mais ao ensino e à composição, cuja produção teve grande influência mística e, depois, do folclore inglês. Faleceu em maio de 1934, em Londres, aos 59 anos, de falência cardíaca durante a operação de uma úlcera.



Ralph Vaughan Williams: nascido em Down Ampney, na Inglaterra, em 1872, de uma família de classe média alta. Aos seis anos de idade começou a ter aulas de piano e composição básica com sua tia Sophy Wedgwood, aos sete anos começou a tocar violino e, aos 14, entrou para o Charterhouse School, uma das poucas escolas da época que incentivava a expressão musical. Depois, no Royal College of Music, teve como colega o famoso regente Leopold Stokowski. A partir de 1904, dedicou-se a salvar da extinção, recuperar e transcrever canções folclóricas que ainda perduravam por tradição oral. Serviu durante a Primeira Grande Guerra no Corpo Médico do Exército Real Britânico, cuja exposição à artilharia iniciou sua perda auditiva. A seguir, voltou-se à composição, a dar aulas e reger o Coro Bach, em Londres. Pouco antes de sua morte, em agosto de 1958, supervisionou a gravação do ciclo de suas sinfonias pela Filarmônica de Londres, sob regência de Sir Adrian Boult, para a Decca Records.



Edward Elgar: nascido em Lower Broadheath, na Inglaterra, em 1857, filho de um violinista e afinador de pianos, que também foi organista da Igreja Católica de São Jorge, em Worcester. Rodeado por música, Elgar foi um autodidata. Deixou a escola aos 15 anos para trabalhar em um escritório, mas logo foi aprender piano e violino, chegando anos depois a tocar a Sexta Sinfonia e o Stabat Mater de Dvorák, sob a batuta do próprio compositor. Aos 32 anos casou-se e foi morar em Londres, compondo e dando aulas para sobreviver. Em 1899, a estreia das Variações Enigma e, em 1901, a composição da primeira marcha de Pompa e Circunstância, da qual derivou a canção Land of Hope and Glory, tornaram-no um dos mais conhecidos compositores ingleses. Chegou a visitar os EUA quatro vezes, e a dar aulas de música na Universidade de Birmingham. Após perder sua esposa em 1920, pouco compôs, mas aceitou a proposta da BBC para uma Terceira Sinfonia; porém, seu falecimento em fevereiro de 1934 impediu-o de terminá-la.

BIBLIOGRAFIA

22
ANOS
AVMAG

LINHA DO TEMPO

- 1827 - Morre Beethoven.
- 1835 - Nasce o compositor francês Camille Saint-Saëns.
- 1869 - Morre Berlioz.
- 1875 - Nasce o compositor francês Maurice Ravel.
- 1877 - O *Requiem* de Gabriel Fauré teve sua primeira apresentação em Paris. No mesmo ano, Thomas Edison patenteou o fonógrafo, e o balé *O Lago dos Cisnes* de Tchaikovsky foi encenado pela primeira vez em Moscou.
- 1882 - Nasce o compositor russo Igor Stravinsky.
- 1884 - Estreia o poema sinfônico *Les Djinns*, de Cesar Franck.
- 1886 - Morre, em Viena, o compositor húngaro Franz Liszt. Estreia o *Te Deum* de Anton Bruckner.
- 1890 - Morre Cesar Franck.
- 1899 - Estreia as *Variações Enigma*, de Edward Elgar.
- 1902 - Estreia a ópera *Pelleas et Melisande*, de Debussy, em Paris.
- 1904 - A Orquestra Sinfônica de Londres faz seu primeiro concerto.
- 1909 - Estreia a *Fantasia* sobre um *Tema de Thomas Tallis*, do compositor inglês Ralph Vaughan Williams.
- 1920 - Primeira apresentação de *Os Planetas*, de Gustav Holst, em Londres.
- 1935 - Morre o compositor francês Paul Dukas.
- 1958 - Morre o compositor inglês Ralph Vaughan Williams.

PROMOÇÃO: CD *Timbres*

CAVI
RECORDS



R\$ 20,00
sem frete incluso

Adquira já pelo e-mail: revista@clubedoaudio.com.br

CURIOSIDADES

- Cesar Franck era conhecido pela sua qualidade como improvisador, quando trabalhava como organista; por seu gosto pelos órgãos fabricados por Aristide Cavaillé-Coll, Franck viajou por toda a França demonstrando os instrumentos.

- No começo da carreira de Cesar Franck, alguns de seus trios para piano, violino e violoncelo chamaram a atenção do famoso compositor húngaro e virtuose de piano Franz Liszt, que acabou por apresentá-los em Weimar. Mais de 20 anos depois, Liszt, em uma missa dominical, foi ouvir Franck tocar órgão. Depois da apresentação, disse à Franck: 'Como eu poderia esquecer o homem que escreveu aqueles trios?' E Franck teria murmurado, em resposta: 'Acho que, desde então, eu já compus obras bem melhores'.

- Aos 50 anos de idade, Franck foi chamado a assumir como professor de órgão no Conservatório de Paris, porém um fato complicador veio à tona: era requisito do cargo que o professor fosse cidadão francês. Franck nasceu na Bélgica, mas sua família logo emigrou para a França com seu pai se naturalizando francês, o que dava a cidadania francesa à Franck apenas até seus 21 anos. Franck, que ignorava a questão, logo pediu para se naturalizar francês e o caso foi resolvido.

- Saint-Saëns não foi só um músico precoce, compondo sua primeira peça aos três anos de idade, mas ele também já havia aprendido a ler e escrever e, aos sete anos, já tinha algum domínio do latim.

- Com sete anos de idade, Saint-Saëns começou seus estudos formais de piano com Camille-Marie Stamaty, que punha uma barra na frente do teclado, onde seus pupilos apoiavam o antebraço, para forçar com que, ao tocar, a força deles saísse das mãos e dos dedos e não dos braços.

- O famoso compositor francês Hector Berlioz declarou, sobre o jovem Saint-Saëns, que 'ele já sabe tudo, mas lhe falta inexperiência'. Ambos se tornaram bons amigos.

- Em 1908, Saint-Saëns teve a distinção de ser o primeiro compositor famoso a escrever a trilha sonora para um filme, 'O Assassinato do Duque de Guise', com duração de 18 minutos, considerado longo para a época.

- Saint-Saëns odiava a música do compatriota Claude Debussy, chegando a declarar: 'Fiquei em Paris para falar mal de *Pélleas et Mélisande*'. A resposta a Debussy foi: 'Tenho horror ao sentimentalismo, e não consigo esquecer que seu nome é Saint-Saëns'.

- Diz-se que Saint-Saëns saiu no meio da primeira apresentação do concerto do balé *Sagração da Primavera*, em abril de 1914, se referindo

ao autor, Igor Stravinsky, como 'louco'.

- Gabriel Fauré se desentendeu com o padre da paróquia de Rennes, que corretamente duvidava da convicção religiosa do compositor, e Fauré era frequentemente visto saindo de fininho no meio do sermão para fumar um cigarro. Em 1870, chegou para tocar o órgão da missa de domingo vestindo as roupas que usou em uma festa na noite anterior.

- Em sua meia-idade, Fauré compôs várias obras, as quais acabaram por destruir as partituras. Uma das sobreviventes foi seu *Requiem*, cuja primeira apresentação o padre disse à Fauré: "Nós não precisamos dessas 'novidades': o repertório de Madeleine já é rico o suficiente".

- Paul Dukas, em seu período como professor do Conservatório de Paris, era conservador, porém sempre procurava encorajar talentos, chegando a dizer a um aluno: 'É óbvio que você realmente ama a música. Sempre se lembre de que ela deve ser escrita com o coração, e não com a cabeça'.

- Por uma boa parte da vida de Gustav Holst, o dinheiro era curto e, parte pela frugalidade e parte por causa de suas próprias inclinações, Holst tornou-se um vegetariano e um abstêmio, mantendo-se assim mesmo depois de não ter mais dificuldades financeiras.

- Quando jovem, Holst tinha uma saúde fragilizada, e por sugestão de seu pai, Adolph, começou a tocar o trombone, que ele acreditava poder ser benéfico para a sua asma.

- O notório naturalista britânico Charles Darwin, pai da Teoria da Evolução, era tio-avô do compositor inglês Ralph Vaughan Williams.

- Talvez a obra mais famosa de Edward Elgar seja a primeira das três marchas de *Pompa e Circunstância*, composta no começo do século XX. Durante a composição da música para a coroação do Rei Eduardo VII da Inglaterra, a contralto Clara Butt persuadiu Elgar a adicionar uma letra a essa marcha, que passou a ser chamada de *Land of Hope and Glory*. Sua popularidade se tornou tão grande que até hoje é utilizada em graduações de quase todas as escolas e universidades, além do encerramento do anual BBC Proms, tornando-se uma espécie de hino não oficial britânico.

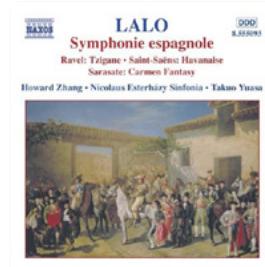
- A estreia do *Concerto para Violoncelo em Mi Menor* de Elgar foi um desastre com a Sinfônica de Londres, em 1919, devido principalmente à má interpretação e aos problemas com os ensaios. A obra permaneceria sem estar entre as mais famosas do compositor, até a interpretação fenomenal e emocional da violoncelista inglesa virtuose Jacqueline Du Pré, na década de 1960.



ROMANTISMO - NACIONALISMO NA MÚSICA III - ESCOLAS INGLESA E FRANCESA - VOL. 9

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Procurando e selecionando o repertório, e escrevendo estes artigos, acabamos por aumentar nosso próprio contato com a obra desse incrivelmente rico gênero musical: o erudito ou clássico. A coletânea dos sonhos das escolas inglesa e francesa do Romantismo Nacionalista nos obrigaría a montar pelo menos um disco para Vaughan Williams e outro para Elgar, sem falar de várias outras obras de Lalo, Holst e Saint-Saëns que adoraríamos ter selecionado. É um universo musical de tamanha riqueza que, quanto mais procuramos e nos informamos, mais descobrimos sobre cada compositor, mais espaço abrimos em nossas prateleiras e mais ‘pão’ trazemos para dentro de nossos espíritos. Com alguns compositores como Franck, Holst, Vaughan Williams e Elgar procuramos, do belo acervo da gravadora Naxos, trazer excelentes gravações e interpretações de obras pouco tocadas e até mesmo pouco gravadas, saindo do lugar-comum e mostrando outras facetas desses compositores, como aberturas ou mesmo música de câmara.



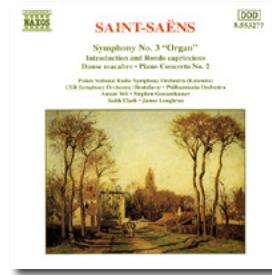
FAIXA 1 - EDOUARD LALO (1823-1892) - SINFONIA ESPANHOLA -
V. RONDO (1874) - (NAXOS 8.555093, FAIXA 5) ➤

O trabalho mais frequentemente apresentado do compositor foi escrito em 1874, e dedicado por Lalo ao violinista virtuose e compositor espanhol Pablo de Saraste, estreando em fevereiro do ano seguinte, em Paris. Apesar do nome, a obra é como uma sinfonia concertante, ou seja, uma forma de composição que mistura os gêneros sinfonia e concerto, forma que vem desde o período do Classicismo. Hoje, a Sinfonia Espanhola é encarada pelos músicos, e em especial pelos solistas de violino, como um concerto para violino e orquestra, devido ao papel mais que proeminente do instrumento em solo, sendo chamada por eles simplesmente de 'O Lalo'. Recheada de motivos musicais espanhóis, a Sinfonia Espanhola surgiu em um momento em que a música com temática espanhola estava em voga na França, sendo outro exemplo a ópera Carmen, de Georges Bizet, que estreou um mês antes desta.



FAIXA 2 - CESAR FRANCK (1822-1890) - PIANO QUINTETO EM FÁ MENOR - III. ALLEGRO NON TROPPO MA CON FUOCO (1879) - (NAXOS 8.572009, FAIXA 7)

Composição iniciada por Franck em 1878 e finalizada no ano seguinte, quando era professor de órgão do Conservatório de Paris, nos últimos anos de sua vida. Foi composta em um período produtivo no qual seu trabalho lhe deixava bastante tempo para dedicar-se à composição. Obra com grande carga emocional, o Quinteto acabou por ser uma das obras que mais deu fama à Franck, atraindo a atenção do público e da crítica - que dizia ser uma obra de vitalidade perturbadora. O Piano Quinteto foi dedicado por Franck ao influente compositor francês Camille Saint-Saëns, que foi o pianista da estreia da obra, em 1880, mas que, segundo conta a história, largou no meio a obra - a qual ele dizia particularmente desgostar.



FAIXA 3 - CAMILLE SAINT-SAËNS (1835-1921) - SINFONIA

Nº 3 EM DÓ MENOR 'ÓRGÃO' - II. MAESTOSO - ALLEGRO - PIU ALLEGRO - MOLTO ALLEGRO - PESANTE (1886) - (NAXOS 8.553277, FAIXA 9)

Em 1886, Saint-Saëns produziu duas de suas obras mais conhecidas: O Carnaval dos Animais e a Sinfonia nº 3 'Órgão', esta dedicada ao compositor e virtuose húngaro Franz Liszt, que faleceu naquele ano. A adição do proeminente órgão à composição foi em muito ajudada pela popularidade do instrumento, devido aos monumentais órgãos construídos na França, à época, por Aristide Cavaillé-Coll, e demonstra o tamanho espírito e confiança do País na Belle Époque no fim do século XIX, período o qual também produziu uma obra como a Torre Eiffel. Encomendada ao compositor pela Royal Philharmonic Society da Inglaterra, sua estreia foi em Londres, em maio de 1886, no St. James's Hall, regida pelo próprio Saint-Saëns.



FAIXA 4 - GABRIEL FAURÉ (1845-1924) - REQUIEM - OFFERTOIRE (1890) - (NAXOS 8.553260, FAIXA 2)

Usando o texto da missa católica dos mortos, o Requiem começou a ser composto por Fauré em 1887, e foi bastante revisado e modificado ao longo dos anos seguintes. O autor disse que não havia composto a obra para a memória de nenhum falecido em especial, mas sim pelo prazer de compô-la. É uma obra curta, de aproximadamente ▶

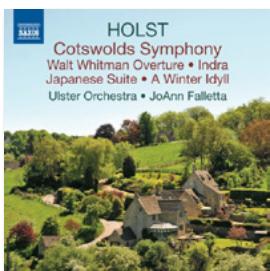
DISCOGRAFIA

35 minutos, composta para orquestra, órgão, coro, uma soprano e um barítono, e cantada em latim. A sua primeira estreia, sem as revisões, foi na Igreja da Madeleine, em Paris, em 1888.



FAIXA 5 - PAUL DUKAS (1865-1935) - O APRENDIZ DE FEITICEIRO (1897) - (NAXOS 8.554066, FAIXA 4)

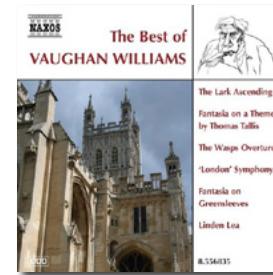
Mais famosa de todas as obras de Dukas, o poema sinfônico foi composto entre 1896 e 97, inspirado no poema de mesmo nome do escritor alemão Goethe. A fama da obra ao longo do tempo acabou não apenas por ofuscar todas outras composições de Dukas, como também se tornou mais conhecida que o próprio compositor e, certamente, mais conhecida que a obra literária que a inspirou. Além de fazer parte do repertório orquestral internacional, O Aprendiz de Feiticeiro deve grande parte de sua fama por ter sido usado também no filme de animação Fantasia, da Disney, de 1940, com o célebre rato Mickey fazendo o papel do aprendiz do título, com arranjo e regência do britânico Leopold Stokowski.



FAIXA 6 - GUSTAV HOLST (1874-1934) - ABERTURA WALT WHITMAN (1899) - (NAXOS 8.572914, FAIXA 1)

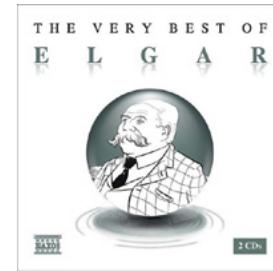
Como leitor ávido, a obra de Holst teve profunda influência literária, de Max Müller a Thomas Hardy, de Robert Bridges a Walt Whitman. Whitman acabou por usar textos em várias obras, como o poema 'From Noon to Starry Night', na obra The Mystic Trumpeter, para soprano e orquestra, de 1904. Antes, em 1899, veio a pouco tocada peça instrumental Abertura Walt Whitman, composta na juventude de Holst,

sete anos após a morte do famoso escritor, mostrando influências de Schumann, Brahms, Mendelssohn e até Richard Wagner.



FAIXA 7 - RALPH VAUGHAN WILLIAMS (1872-1958) - THE WASPS - ABERTURA (1909) - (NAXOS 8.556835, FAIXA 5)

Suite orquestral composta em 1909 como música incidental para uma produção, na Universidade de Cambridge, da peça The Wasps, do dramaturgo grego Aristófanes - conhecido como o mestre da comédia antiga. Dentre os sete movimentos da suite orquestral, a Abertura é hoje uma popular peça independente de concerto. Apesar de The Wasps ser considerada como uma obra quintessencialmente Vaughan Williams, o compositor havia passado o ano anterior em Paris tendo aulas com Maurice Ravel, refletindo sua influência.



FAIXA 8 - EDWARD ELGAR (1857-1934) - PIANO QUINTETO EM LÁ MENOR - III. ANDANTE - ALLEGRO (1918) - (NAXOS 8.552133-34, CD 1, FAIXA 5)

Perto do fim da Primeira Guerra, a saúde de Elgar estava debilitada, fazendo-o mudar-se para uma propriedade silenciosa e pacífica em Fittleworth, Sussex, no interior da Inglaterra, onde compôs várias obras grandes, entre elas seu Piano Quinteto em Lá Menor, dedicado ao crítico de música inglês Ernest Newman. O Piano Quinteto estreou no Wigmore Hall, em Londres, em maio de 1919, com William Murdoch ao piano, e com a imprensa chamando-o de 'perfeito exemplar de música de câmara (...) lírico e apaixonado'. ■



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA ROMANTISMO - NACIONALISMO III - VOL. 09

A Editora AVmag disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD

HISTÓRIA DA MÚSICA: ROMANTISMO - NACIONALISMO III - VOL. 09:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

COLEÇÃO MUSICIAN

HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVmag dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação.
O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX.

NÃO PERCA TEMPO!!!



Adquira já pelo e-mail
revista@clubedoaudio.com.br

EDITORIA
AVMAG



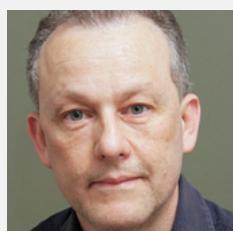
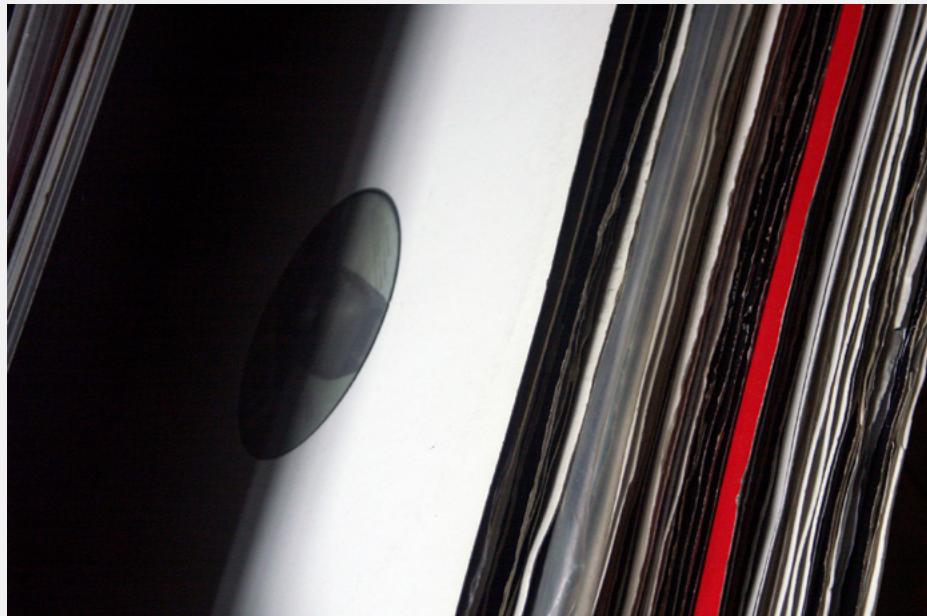
MEU PAI ESCUTA CDS, POR QUE EU FARIA ISSO?

Essa foi a resposta dada por um garoto ao repórter de uma revista norte-americana de música, ao sair de uma loja com meia dúzia de LPs debaixo do braço! Quem em sã consciência, no início da década de 1990, apostaria um níquel na sobrevivência das fábricas de vinil? Assim como máquinas de escrever ou máquinas fotográficas analógicas, o vinil estava fadado a ser disputado apenas por colecionadores ou audiófilos nas lojas de sebo espalhadas por todos os continentes. E assim ocorreu, a partir de 1982: todas as grandes fábricas de vinil foram fechadas, e a última prensa produzida para a manufatura dos bolachões foi entregue no início da década de 1980.

Mas as profecias iniciais deram todas erradas, e já no início da década de 1990 pequenas fábricas ressurgiram das cinzas, e começou uma caça frenética pelo maquinário das antigas gravadoras. No mercado negro, uma máquina de prensagem construída entre as décadas de 1960 e 1970 vale hoje 25 mil dólares! E está cada vez mais difícil achar uma. Os números divulgados no último bimestre de 2011 da indústria fonográfica mundial revelam números surpreendentes! A gravadora Raimbo Records, da Califórnia, vendeu em 2011 sete milhões de vinis! A mais nova fábrica de vinil do Brooklyn, a Phono Brooklyn, que iniciou suas atividades há dois anos, já

produz cerca de 440 mil LPs, e seu dono, Thomas Bernich, diz que desde a inauguração jamais gastou um centavo em publicidade. Sua clientela é toda boca a boca, e ele atende a todas as bandas independentes de Nova York.

Segundo pesquisa da Nielsen SoundScan, a venda de LPs só nos Estados Unidos cresce mais de 18% ao ano, e passará tranquilamente dos nove milhões de discos em 2013! Enquanto isso, a venda de CDs encolhe ao ano 21%! Ou seja, neste momento de transição de mídias do físico para o virtual, é possível que daqui a apenas três anos a venda de vinis volte a ser maior que a de CDs. E para o espanto de qualquer especialista desse mercado, o maior contingente de novos consumidores desta antiga mídia é justamente os jovens com menos de 25 anos! E se os pais desses jovens escutam CDs, a melhor forma de transgressão é justamente se diferenciar deles, ouvindo música em LPs! Bem-vindos ao admirável mundo velho! ■



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Prucks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV/MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV/MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AV/MAG

VENDO

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital RCA - 1 m (com caixa). R\$ 3.900.
- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital USB - 1 m (com caixa). R\$ 4.300,00
- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital DIN 3 pinos - 1 m (sem caixa). R\$ 3.900
- Cabo de caixa Chord Company Sarum banana x banana - 3 m (com embalagem original). R\$ 17.200

Allan

allanhien73@gmail.com

VENDO

- 1- Amplificador integrado McIntosh MA7900 - novíssimo com poucas horas de uso, 200 Watts por canal, balanced input, phono input MM, 2 channels e Solid State. R\$ 33.800.
- 2- Par de caixas Verity Audio - modelo Fidelio, Black e 250 W music. R\$ 18.600.

Marcos

mrascachi@hotmail.com

1.



2.



1.



2.



3.



4.

**VENDO**

- 1. Cápsula Transfiguracion Proteus, sem uso. Impecável. R\$ 18.000.
- 2. Condicionador Shunyata modelo Guardian Pro Modelo 6, em excelente estado. Excepcional para a melhora de sistemas digitais e imagem. Por apenas R\$ 1.800.
- 3. Cabo Sax Soul Ágata RCA - 1m. R\$ 8.000.
- 4. Amplificador Parasound A 21, semi-novo, em excelente estado. R\$ 8.500.
- 5. Braço Jelco. R\$ 5.800.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

A proteção do seu sistema

Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador





O MELHOR SOM ALIADO A MAIS ALTA TECNOLOGIA



NOVA LINHA DE RECEIVERS YAMAHA AVENTAGE RX-Ax70

A nova linha de Receivers AV Yamaha AVENTAGE RX-Ax70 apresenta o que existe de melhor em áudio e em vídeo.

Além das tecnologias Dolby Atmos e DTS:X aprimorando a imersão sonora em até 7.2.4 canais* com áudio tridimensional, agora os receivers possuem HDR e o padrão Dolby Vision que conferem cores mais vívidas e maior extensão de contraste juntamente com upscaling para 4K Ultra-HD.

A linha AVENTAGE é capaz de reproduzir os detalhes mais sutis do áudio e imagem de alta definição para a mais impressionante experiência de cinema dentro de sua casa.

Explore a melhor qualidade sonora com a maior quantidade de recursos Yamaha.

*RX-A3070

AVENTAGE



Baixe o aplicativo MusicCast



MusicCast
musiccast.yamaha.com.br